

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ

CAROLINE DE LIMA DASSOLER

**DEIXE-ME (NÃO) VER VOCÊ: ARTICULAÇÕES ENTRE ESPAÇO E ILUMINAÇÃO
NA PRODUÇÃO DE DESEJOS EM UMA CASA DE SWING**

CURITIBA

2025

CAROLINE DE LIMA DASSOLER

**DEIXE-ME (NÃO) VER VOCÊ: ARTICULAÇÕES ENTRE ESPAÇO E ILUMINAÇÃO
NA PRODUÇÃO DE DESEJOS EM UMA CASA DE SWING**

***LET ME (NOT) SEE YOU: INTERACTIONS BETWEEN SPACE AND LIGHTING IN
THE PRODUCTION OF DESIRES IN A SWINGERS' CLUB***

Trabalho de pesquisa de mestrado apresentado como requisito para obtenção do título de Mestre em Tecnologia e Sociedade da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Área de concentração: Tecnologia e Sociedade. Linha de pesquisa: Mediações e Culturas.

Orientadora: Marinês Ribeiro dos Santos.

CURITIBA

2025



[4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)

Esta licença permite download e compartilhamento do trabalho desde que sejam atribuídos créditos ao(s) autor(es), sem a possibilidade de alterá-lo ou utilizá-lo para fins comerciais. Conteúdos elaborados por terceiros, citados e referenciados nesta obra não são cobertos pela licença.



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Campus Curitiba



CAROLINE DE LIMA DASSOLER

DEIXE-ME (NÃO) VER VOCÊ: ARTICULAÇÕES ENTRE ESPAÇO E ILUMINAÇÃO NA PRODUÇÃO DE DESEJOS EM UMA CASA DE SWING

Trabalho de pesquisa de mestrado apresentado como requisito para obtenção do título de Mestre Em Tecnologia E Sociedade da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Área de concentração: Tecnologia E Sociedade.

Data de aprovação: 29 de Novembro de 2024

Dra. Marines Ribeiro Dos Santos, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Dra. Joana Mello De Carvalho E Silva, Doutorado - Universidade de São Paulo (Usp)

Dra. Sabrina Studart Fontenele Costa, Doutorado - Escola da Cidade - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (Escola da Cidade)

Documento gerado pelo Sistema Acadêmico da UTFPR a partir dos dados da Ata de Defesa em 29/11/2024.

AGRADECIMENTOS

A todas as mulheres que tornaram este momento possível, meu mais profundo reconhecimento. Em especial, agradeço a Marinês, Naiara, Mariana e Vanessa, companheiras nesta jornada acadêmica.

A todas as pesquisadoras e pesquisadores que vieram antes de mim. Suas pesquisas foram fundamentais para que eu pudesse por meio dessa dissertação, colocar meu tijolinho no muro do conhecimento.

Agradeço ao Camillo pela generosidade em compartilhar o tema que inspirou este trabalho.

À banca examinadora, representada por Joana e Sabrina, pela dedicação e contribuições essenciais para o desenvolvimento desta dissertação.

Um agradecimento especial ao meu companheiro João, que me acompanhou durante estes anos de pesquisa, segurando minha mão nos momentos mais desafiadores.

Por fim, à Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), instituição que me proporcionou o ambiente acadêmico para desenvolver esta pesquisa, e à CAPES, pelo apoio financeiro fundamental para a realização deste trabalho. "O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001."

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo investigar o emprego da articulação entre espaço e iluminação em casas de swing como recurso para a produção de desejos e práticas sexuais. A pesquisa se concentra na análise de uma casa de swing localizada na cidade de Balneário Camboriú, em Santa Catarina. Os recursos de pesquisa empregados neste estudo de caso compreendem um diário de campo produzido a partir de visitas ao local em 2023, informações coletadas em mídias digitais sobre swing e manuais de conduta direcionados para o público frequentador. Questionando a concepção convencional do swing como uma atividade realizada por casais heterossexuais, busco compreender como os espaço de interiores podem favorecer ou restringir alguns tipos de desejos e práticas que escapam de certos limites normativos. Quero argumentar que o foco na materialidade das casas de swing, entendidas como tecnologia de gênero e sexualidade, possibilita questionar a estabilidade de categorias binárias, tais como mulher/homem, feminino/masculino, heterossexualidade/homossexualidade, casal/solteiro.

Palavras-chave: Casas de swing; Iluminação; Gênero; Sexualidade; Desejo.

ABSTRACT

This study aims to investigate the use of the interplay between space and lighting in swing clubs as a resource to produce desires and sexual practices. The research focuses on analyzing a swing club located in the city of Balneário Camboriú, Santa Catarina. The research resources employed in this case study include a field diary based on visits to the location in 2023, information gathered from digital media about swinging, and conduct manuals targeted at the club's audience. By questioning the conventional conception of swinging as an activity carried out by heterosexual couples, I seek to understand how interior spaces can facilitate or restrict certain types of desires and practices that deviate from normative boundaries. I argue that focusing on the materiality of swing clubs, understood as a technology of gender and sexuality, allows us to question the stability of binary categories, such as woman/man, feminine/masculine, heterosexuality/homosexuality, and couple/single.

Keywords: Swing clubs; Lighting; Gender; Sexuality; Desire.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Vestido Vermelho.....	20
Figura 2 - Calcinha branca	21
Figura 3 - Acessório para mamilos.....	23
Figura 4 - Algemas de metal.....	24
Figura 5 - Cartaz de divulgação das artistas do Palco.....	26
Figura 6 - Cartaz de divulgação da festa Pré Bday Marisa	27
Figura 7 - Balada Liberal.....	28
Figura 8 - Croqui da casa de swing	48
Figura 9 - Planta baixa de circulação e zoneamento da casa de swing	56
Figura 10 - Croqui da pista de dança.....	63
Figura 11 - Croqui das cabines do Aquário	79
Figura 12 - Croqui do Quarto Roma com o anexo do quarto misto.....	83
Figura 13 - Croqui de uma cabine de glory hole	88
Figura 14 - Quarto exclusivo casal	89

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 ABRE ALAS LUXÚRIA: SWING E AS DINÂMICAS RELACIONAIS	11
2.1 Pode pagar? O sexo como produto.....	16
2.2 Cabe mais um? Casais e a prática do swing	30
2.3 É só sexo, amor é para o casal: a monogamia e o amor romântico	33
2.4 Mas eu sou hétero, tá? Sexualidades em disputa.....	37
3 NOITE DAS SURPRESAS: UM OLHAR POR DENTRO DA CASA DE SWING	45
3.1 Tudo é permitido, e nada é obrigatório: regras de funcionamento	49
3.2 Exploração guiada: conhecendo a casa de swing	55
4 BALADA LIBERAL: A PISTA DE DANÇA E AS TECNOLOGIAS DE GÊNERO.....	59
4.1 Corpos em movimento: conhecendo a pista de dança	62
4.2 Do batom ao salto alto: a produção de feminilidades normativas	66
5 HOT LOVERS: A INVENÇÃO DE AMBIENTES ATRAVÉS DA ILUMINAÇÃO	75
5.2 Corpos Iluminados: a influência da luz nas experiências sexuais	77
5.1 Entre sombras e silhuetas: ambientes escuros e outros prazeres	85
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
REFERÊNCIAS	95
ANEXO A - Folder da Festa <i>Noite da transparência para casais & singles</i>	99
ANEXO B - Folder da Festa <i>Noite das surpresas para casais & singles</i>	101
ANEXO C - Folder do <i>Carnaval 2023</i>	103
ANEXO D - <i>Regras básicas</i>	105
ANEXO E - <i>10 mandamentos do swing</i>	107
ANEXO F - <i>Manual Swinger</i>	109
ANEXO G – Folder da Festa <i>Balada Liberal</i>	112
ANEXO H – Folder da Festa <i>Hot Lovers</i>	114

1 INTRODUÇÃO

A primeira vez que visitei uma casa de swing não foi como praticante, mas como estudante de design de interiores. Nos idos de 2018 eu ainda não compreendia como aquele espaço revelaria muito mais que questões técnicas de projeto. A expectativa acadêmica misturava-se com a curiosidade pessoal enquanto eu tentava captar cada detalhe dos interiores que pudesse ser relevante para meu projeto de conclusão de curso. Como estudante de design, eu carregava a ingênua - ainda que bem-intencionada - ambição de projetar um espaço que pudesse acolher toda a diversidade de desejos e práticas sexuais que imaginava existir.

Antes de tudo, o impacto foi sensorial: a música alta, os corpos nus que dançavam pela pista de dança, o contraste entre áreas intensamente iluminadas e cantos mergulhados em penumbra. Cada ambiente parecia ter sido pensado para proporcionar diferentes experiências. A arquitetura conduzia os corpos através de um labirinto de possibilidades, onde a iluminação - ou sua ausência - criava atmosferas distintas e permitia diversos níveis de exposição. Complementando essa arquitetura dos sentidos, as bebidas alcoólicas, presentes em quase todas as mesas, atuavam como catalisadoras sociais, diminuindo inibições e intensificando sensações. O consumo transformava-se assim em parte da experiência, uma tecnologia líquida que ajudava os frequentadores a deslizarem mais facilmente nas camadas de intimidade que o espaço proporcionava.

Enquanto percorria os ambientes com olhar técnico, tentando gravar informações sobre dimensões, fluxos e elementos de design, percebi que estava diante de algo muito mais complexo do que inicialmente imaginara. A casa de swing não era apenas um espaço físico, mas uma tecnologia que produzia comportamentos e desejos através de sua própria materialidade. As decisões aparentemente simples - como o posicionamento de uma luz ou uso de vidros para separar ambientes - carregavam implicações sobre como as pessoas experienciavam sua sexualidade. Naquele lugar, era possível ter práticas que em outros lugares públicos, como casas noturnas, seria difícil ou quase impossível de se ter. Me chamou atenção a naturalidade com que as pessoas dançavam nuas, sem serem tocadas pelos demais, uma possibilidade de experiência corporal que tinha o consentimento como pilar fundador das relações.

Naquela primeira visita, ainda não compreendia completamente as dinâmicas sociais e os códigos não escritos que regiam aquele espaço. Minha preocupação estava voltada para questões: como criar ambientes mais inclusivos, como pensar uma iluminação que não privilegiasse apenas certos tipos de corpos, como projetar espaços que permitissem múltiplas possibilidades de prazer. Era um olhar ainda despreparado para as complexas relações de poder e as hierarquias de gênero que se manifestavam na própria organização espacial. Anos depois, já como pesquisadora, voltaria a esse mesmo espaço com um olhar mais maduro e teoricamente informado. Mas foi aquela primeira visita que plantou a semente do que viria a ser esta pesquisa.

Essa pesquisa nasceu de uma conversa despretensiosa sobre casas de swing. Enquanto tentava descrever para um colega como eram os ambientes, percebi que minha fala sempre retornava à luz - ou à sua ausência. As pessoas pareciam se transformar conforme atravessavam as fronteiras entre claridade e penumbra, como se cada grau de luminosidade permitisse uma nova forma de existir e desejar naquele espaço. A partir disso, compreendi que o projeto de interiores de uma casa de swing pode ser um ponto de partida para pensar questões mais amplas sobre gênero e sexualidade. Por esse motivo, me ancoro na crítica feminista e estudos culturais e de gênero para a realização dessa pesquisa. Essa perspectiva está alinhada com o programa de pós-graduação em Tecnologia e Sociedade, dentro da linha de pesquisa Mediações e Culturas, da qual faço parte.

Na literatura acadêmica, o termo swing aparece associado a diferentes nomenclaturas, como troca de casais, troca-troca, troca de esposas, orgias de casais e sexo grupal de casais (Fontoura Jr, 2015). Essa variedade de termos sugere duas premissas problemáticas: primeiro, que as práticas necessariamente envolvem trocas entre casais ou atos sexuais coletivos; segundo, e mais preocupante, que existe uma hierarquia de gênero implícita, especialmente evidente no termo troca de esposas, onde o homem emerge como agente principal que troca sua esposa, objetificando-a. Frequentemente, utiliza-se também o termo liberal para caracterizar tanto os casais praticantes quanto os eventos dedicados ao swing. Nesse contexto, casal liberal designaria aqueles que adotam um estilo de vida que permite maior liberdade em suas

experiências sexuais – essas definições serão problematizadas no segundo capítulo desta dissertação.

Para uma melhor compreensão do fenômeno, adoto a definição proposta pela antropóloga Maria Silvério (2014a): o swing constitui um conjunto de práticas sexuais realizadas por casais na companhia e com consentimento e/ou participação de parceiros. Alguns exemplos desses arranjos podem envolver desde a inclusão de uma terceira pessoa até práticas voyeurísticas, onde casais observam ou são observados durante o ato sexual. A variação não se limita apenas ao número de participantes, mas abrange também diferentes graus de envolvimento e tipos de interação física.

Diante dessa pluralidade de possibilidades, um dos principais desafios para os praticantes do swing é encontrar parceiros que compartilhem interesses e limites semelhantes. É nesse contexto que as casas de swing emergem como espaços privilegiados para esses encontros. Projetadas especificamente para facilitar interações sexuais consensuais, elas oferecem diferentes ambientes que estimulam a socialização, a sedução e as práticas sexuais, sempre preservando a privacidade dos frequentadores. A própria configuração espacial desses estabelecimentos atua na produção de desejos, criando uma dinâmica onde cada ambiente proporciona possibilidades específicas de interação e prazer.

Para investigar essa questão, escolhi como objeto de estudo uma casa de swing localizada em Balneário Camboriú, Santa Catarina. A escolha deste local não foi aleatória: além da facilidade de acesso pela proximidade a mim, essa casa tem mais de uma década de história e é recomendada por praticantes de swing em diferentes revistas e sites sobre o assunto. A casa situa-se em uma cidade conhecida por seus arranha-céus de luxo e que possui o metro quadrado mais caro do Brasil, segundo estudo da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) em 2023¹. Essa localização privilegiada e os altos valores cobrados pela casa estabelecem uma barreira financeira que seleciona sua clientela, aspecto relevante para compreender as dinâmicas sociais que ali se desenvolvem.

¹ MATOS, Maria Clara. **As 10 cidades com imóveis mais caros do Brasil**. Revista investidor, 14 de março de 2023. Disponível em: <https://einvestidor.estadao.com.br/comportamento/cidades-com-imoveis-mais-caros-brasil-2023/>. Acesso em: 23 de outubro de 2024.

A primeira incursão para esta pesquisa ocorreu em 4 de março de 2023, durante a festa *Noite da Transparência para Casais & Singles* (Anexo A). No dia seguinte, registrei minhas observações em um diário de campo, método escolhido por sua capacidade de incorporar aspectos subjetivos da experiência. Como apontam Araújo et al. (2013), o testemunho direto de uma atividade possibilita um acesso mais imersivo às vivências dos indivíduos, permitindo uma perspectiva ativa de intencionalidade e não-neutralidade. Rita de Cássia Magalhães de Oliveira (2014) destaca que o diário de campo, como recurso metodológico, viabiliza uma coleta de dados densa, contemplando tanto aspectos descritivos quanto reflexivos da observação.

A segunda visita aconteceu em 15 de abril de 2023, durante a festa *Noite das Surpresas para Casais & Singles* (Anexo B). Nesta ocasião, apresentei-me ao gerente da casa de swing como pesquisadora, momento que possibilitou agendar uma visita técnica ao estabelecimento fora de seu horário de funcionamento. Esta terceira visita, realizada em uma tarde de segunda-feira, 15 de maio de 2023, proporcionou um olhar mais detalhado sobre a estrutura física do local. Durante as duas horas em que me guiou pelo espaço, o gerente compartilhou não apenas informações técnicas sobre o funcionamento dos ambientes, mas também anedotas de seus anos de experiência. Nosso diálogo abrangeu desde aspectos operacionais até questões mais sensíveis, como regras não explícitas e condutas proibidas, passando pela gestão dos funcionários e artistas que compõem as festas.

Devido à intensa agenda de eventos do estabelecimento, foi necessário identificar uma semana com menor movimento para realizar esta visita técnica. Aproveitei esse momento para fazer medições dos ambientes e elaborar esboços da planta baixa. Posteriormente, combinando estes dados com registros fotográficos, desenvolvi croquis dos espaços visitados, buscando documentar as características arquitetônicas e de interiores que observei. Saliento que as informações contidas nos croquis são aproximações dos ambientes, e não refletem de forma precisa cada aspecto técnico.

O universo do swing é regido por um conjunto de normas e códigos de conduta que orientam o comportamento dos participantes, tanto no meio social mais amplo quanto nas casas especializadas. Para compreender essas regulações, analisei diferentes fontes documentais. Primeiramente, os manuais disponibilizados no site de

uma casa de swing², que oferecem diretrizes detalhadas aos frequentadores. Complementando essa documentação, examino uma entrevista concedida pelos gerentes do estabelecimento ao canal Podsexy (2022), programa voltado para discussões sobre sexualidade no contexto brasileiro. O material promocional das festas, distribuído semanalmente via emails, também se mostrou valioso por revelar não apenas a programação, mas aspectos da cultura e das práticas promovidas pelo estabelecimento.

Para situar esta pesquisa no campo acadêmico, realizei um levantamento da produção nacional sobre swing, com ênfase particular nas contribuições da antropologia. Foi sob influência dos estudos queer que a antropologia brasileira, a partir do final dos anos 1990, começou a investigar práticas sexuais específicas como objetos de pesquisa (Facchini et al, 2014). Nesse contexto, emergiram importantes estudos etnográficos sobre o swing, com destaque para as investigações de Olivia Von Der Weid (2009, 2010), Maria Silvério (2014a, 2014b, 2018) e Raphael Moraes Silveira (2014). Esses pesquisadores, através de trabalhos de campo, lançaram luz sobre como relações de gênero e sexualidade são percebidas e vivenciadas nas práticas do swing.

A relevância desta pesquisa emerge de uma lacuna significativa nos estudos sobre swing no Brasil na contemporaneidade. Embora existam importantes investigações antropológicas sobre o tema, nenhuma delas examinou especificamente como elementos arquitetônicos e de interiores, particularmente a iluminação, participam ativamente na construção das experiências sexuais nesses espaços. A originalidade desta investigação reside em sua análise da iluminação como tecnologia de gênero. Os diferentes regimes de luminosidade criam uma hierarquia de visibilidade: performances normativas são privilegiadas na pista de dança iluminada, enquanto os ambientes escuros permitem outros tipos de experimentações. Como tentarei argumentar, a diferença de comportamento entre ambientes iluminados e escuros revela dinâmicas de poder e possibilidades de transgressão no que tange a sexualidade e gênero dos praticantes do swing.

² LIBERTY CLUB. Disponível em: <http://libertyclub.com.br/zbm/casa.html>. Acesso em: 23 de outubro de 2024.

A dissertação está organizada em cinco capítulos. Após esta introdução, o segundo capítulo contextualiza as discussões acadêmicas sobre swing, articulando os conceitos de tecnologia de gênero de Paul B. Preciado (2022) e as críticas à monogamia de Brigitte Vasallo (2022). O terceiro capítulo apresenta a casa de swing pesquisada, caracterizando seu funcionamento e espacialidade através de descrições e croquis. Os capítulos quarto e quinto analisam os diferentes ambientes da casa, investigando como a iluminação produz práticas e desejos: da pista de dança iluminada aos quartos escuros onde o tato prevalece sobre a visão.

Com esta pesquisa, busco responder à pergunta que a originou: qual a relação entre a iluminação de uma casa de swing e a produção de desejo e sexualidades dos seus frequentadores? Para esse objetivo, discuto os conceitos gerais, as dissidências e aproximações teóricas sobre o swing no Brasil. Como também, caracterizo uma casa de swing, seu funcionamento, aspectos físicos e os deslocamentos possíveis. Ao investigar como luz e sombra participam na construção de experiências sexuais, espero contribuir para a compreensão das tecnologias de gênero que produzem determinadas sexualidades e relações de gênero na contemporaneidade.

2 ABRE ALAS LUXÚRIA: SWING E AS DINÂMICAS RELACIONAIS

A expressão *Abre Alas Luxúria* que inaugura este capítulo é o título de uma das festas realizadas durante o carnaval de 2023 na casa de swing estudada (Anexo C). Esta festa marca o início de uma série de dez noites consecutivas que compõem a versão swing do carnaval brasileiro. Em cada noite são apresentados diversos espetáculos, incluindo shows de strip-tease feminino e masculino, além de performances com duas artistas no palco central para - como eles afirmam - animar a festa. O DJ encarregado toca uma seleção das músicas pop do momento. Esses eventos são divulgados online com descrições que sugerem a promessa de uma noite única³.

Para os membros da comunidade do swing e para aqueles que têm interesse em conhecer essa prática, as casas de swing são os estabelecimentos mais tradicionais para esses encontros. Conforme destacado pelo antropólogo Raphael Moraes Silveira (2014), é difícil dissociar o swing dos estabelecimentos onde ele ocorre, pois estes espaços não apenas facilitam as práticas, como também garantem a privacidade e segurança de seus frequentadores. Em geral, as festas em casas de swing são voltadas principalmente para casais, embora a entrada de pessoas solteiras possa variar conforme as políticas específicas de cada local. As instalações típicas desses estabelecimentos incluem locais privados, como quartos fechados, e espaços de acesso comum, como quartos abertos e pistas de dança. Essa diversidade de ambientes permite que as práticas do swing se adaptem às preferências dos participantes em termos de privacidade e interação social.

As casas de swing constituem um lugar físico, fixo, com um endereço que qualquer um pode achar em uma rápida pesquisa na *web*. Em sua tese, o sociólogo Edson Vasconcellos (2015) observou a distribuição dessas casas pelo Brasil, destacando a concentração em grandes capitais que, conseqüentemente, atraem indivíduos de regiões próximas. Segundo Vasconcellos (2015), esses deslocamentos são motivados pela ausência de tais estabelecimentos nas cidades de origem dos frequentadores e, sobretudo, pela busca de anonimato. Além dessas casas de swing, existem eventos mais exclusivos organizados em ambientes privados, como grandes

³ LIBERTY CLUB. Disponível em: <http://libertyclub.com.br/zbm/casa.html>. Acesso em: 23 de outubro de 2024.

casarões alugados temporariamente, ou mesmo viagens de cruzeiros. Essas festas exclusivas mantêm a essência das atividades das casas de swing, mas são realizadas em uma escala mais luxuosa e muitas vezes são acessíveis apenas para um grupo seletivo de participantes.

Em sua autobiografia ficcional publicada em 2021, Camila Voluptas, - uma influenciadora digital especializada em swing - descreve a organização de sua primeira festa privada de swing, realizada em uma mansão alugada. Segundo Voluptas (2021), o espaço foi preparado para facilitar a interação e o conforto dos convidados. A configuração incluía uma sala ampla para socialização, com música ambiente suave e um bar instalado em um dos cantos, onde bebidas eram servidas. Os quartos, por sua vez, foram decorados com camas grandes e lençóis de alta qualidade e a iluminação à base de velas foi escolhida para, como ela afirma, adicionar uma atmosfera sensual ao ambiente. Esta descrição ressalta que uma casa de swing não é um mero local físico, mas um modo de organizar os ambientes para que favoreçam as práticas do swing.

Nos interiores de uma casa de swing elementos associados ao espaço doméstico são reconfigurados para compor um mosaico de ambientes que misturam o privado com o público. Em artigo sobre o sexo e a cidade, Edson Vasconcellos (2012) chama atenção para o processo de ressignificação que as casas residenciais passam ao se tornarem uma casa de swing. O autor salienta que o que antes era um espaço habitado por família torna-se um território liberal. As casas de swing operam na fronteira entre o privado e o público, transformam o íntimo em exposto.

A arquiteta Beatriz Colomina (2023) investiga a interioridade no contexto mais amplo das transformações sociais e tecnológicas que influenciam o design dos espaços domésticos, particularmente no que tange à privacidade e exposição. Isso é ilustrado por meio da popularidade crescente de casas com amplas áreas envidraçadas ou espaços abertos que permitem uma visualização constante dos habitantes, tanto por membros dentro da casa quanto por observadores externos. A autora sugere que a arquitetura moderna promove um voyeurismo doméstico, expondo atos privados ao olhar externo. A interioridade, nesse contexto, não se refere apenas ao que é fisicamente interno, mas também ao que é visivelmente exposto. Nesse sentido, penso que a casa de swing serve

como uma metáfora do espaço doméstico contemporâneo, em que a intimidade é transformada em um espetáculo público.

De maneira correlata, a revista Playboy, ao mostrar, repetidamente, o interior da Mansão Playboy, constrói um imaginário da arquitetura como parte de uma fantasia sexual. Dessa forma, a arquitetura assume um papel importante na produção dos desejos eróticos dos assinantes da revista. Para Colomina (2023), os leitores da revista Playboy eram seduzidos pelas imagens e descrições de uma arquitetura e design criados para incorporar o ideal de homem moderno. Esse desejo era alimentado a cada edição da revista, que trazia cada vez mais detalhes da arquitetura e dos objetos de design que eram criados para a Mansão Playboy.

No livro *Pornotopia*, do filósofo Paul B. Preciado (2020), o espaço doméstico é analisado quanto ao seu papel na formação e expressão da sexualidade. Preciado argumenta que, especialmente através de exemplos como a Mansão Playboy, o espaço doméstico é transformado em uma ficção erótica que expõe o espaço privado e íntimo para o consumo voyeurístico de milhões de leitores da revista Playboy. Esta transformação é mediada não apenas pela arquitetura física, mas também pela presença de mídias e tecnologias que redefinem as interações humanas e a experiência sexual dentro desses espaços. A Mansão Playboy, por exemplo, é descrita como a primeira pornotopia da era da comunicação de massas, onde a configuração arquitetônica é projetada para maximizar a visibilidade e acessibilidade dos corpos em espaços que tradicionalmente seriam privados. Cada aspecto do design interior, desde as paredes de vidro até a disposição dos móveis e a iluminação, é pensado para facilitar um voyeurismo constante e exibição sexual.

Esta reconfiguração do espaço doméstico reflete uma mudança na sociedade, onde a sexualidade se torna cada vez mais um bem a ser consumido e exibido. Preciado (2020) discute como a Playboy e outras mídias similares contribuem para disseminar imagens e narrativas pornográficas que compõem a era farmacopornografia. Segundo Preciado (2018), o conceito de farmacopornografia descreve um regime contemporâneo em que a sexualidade e a identidade são mediadas por uma combinação de tecnologias farmacêuticas, imagéticas e de mídia. Preciado (2018) explora como, após a Segunda Guerra Mundial, a introdução de drogas como a pílula anticoncepcional começou a

desvincular a sexualidade da reprodução, abrindo caminho para novas formas de controle biopolítico e de expressão de gênero.

Dentro desse regime, as tecnologias farmacológicas (como hormônios e medicamentos) e pornográficas (que incluem não só materiais explicitamente eróticos, mas também a proliferação de imagens e discursos que produzem desejos e comportamentos sexuais através dos meios de comunicação) operam conjuntamente para produzir, regular e comercializar corpos e identidades. Essas tecnologias interagem de maneira complexa para criar normas e expectativas em torno do sexo e do gênero que são ao mesmo tempo consumíveis e regulatórias. Desse modo, a Mansão Playboy se torna a referência de um estilo de vida a ser almejado, um abrigo para fantasias eróticas direcionadas aos homens modernos (Preciado, 2020).

Nesse sentido, as casas de swing operam como uma pornotopia, espaços projetados para estimular e facilitar interações sexuais que desafiam normas tradicionais de sexualidade monogâmica. A pornotopia de uma casa de swing proporciona ambientes onde práticas sexuais são exploradas coletivamente e em público. Esses ambientes utilizam-se de dispositivos visuais e físicos influenciados pela produção pornográfica presente na mídia. Assim, esses locais funcionam sob lógicas similares às descritas no regime farmacopornográfico, onde a indústria farmacêutica⁴, a arquitetura, a tecnologia e a mídia convergem para criar experiências hipersexualizadas sob uma ótica pornográfica. Desse modo, a casa de swing representa um estilo de vida para casais que buscam explorar sua sexualidade ao mesmo tempo em que compartilham sua intimidade em um espaço público.

As revistas masculinas desempenharam um papel crucial na disseminação de um imaginário romantizado sobre o swing no Brasil, frequentemente apresentando-o como uma forma de libertação sexual frente à repressão experimentada em muitos casamentos. Através de uma mescla de ficção e relatos pessoais, estas publicações têm

⁴ A indústria farmacêutica contribui significativamente para a sexualidade ao desenvolver e disponibilizar medicamentos que alteram a função sexual e a saúde reprodutiva. Pílulas para ereção, como o Viagra, ajudam homens com disfunção erétil a manterem relações sexuais satisfatórias. Anticoncepcionais permitem o planejamento familiar e evitam gravidezes indesejadas, dando mais liberdade às pessoas para explorarem sua sexualidade. Sobre esse aspecto, caberia uma pesquisa mais aprofundada que investigue a relação de fármacos com as práticas do swing.

promovido o swing como um meio de sexo casual que não só proporcionava liberdade sexual aos casais, mas também supostamente fortalece seus vínculos matrimoniais (Fontoura Jr, 2015). O historiador Antônio Fontoura Jr (2015) caracteriza essa idealização propagada pelas revistas como uma pornotopia conjugal, na qual o swing é apresentado como uma prática exclusivamente benéfica, sem riscos ou prejuízos para o casamento. Sendo assim, as casas de swing emergem como pornotopias dos casais modernos.

Os locais onde ocorriam a prática do swing são descritos como espaços sensuais com pessoas bonitas e desinibidas, onde o ambiente é impregnado por uma atmosfera sexualmente carregada. Tal cenário poderia bem ser o prelúdio de uma narrativa sobre swing em uma das revistas analisadas por Fontoura Jr (2015). Os relatos tendem a elevar o swing a um patamar quase sublime, e os espaços onde ocorre são retratados como capazes de suspender a realidade cotidiana, oferecendo em troca uma existência marcada por intensa atividade sexual. Segundo o antropólogo Raphael Moraes Silveira (2014), essa suspensão das regras tradicionais do cotidiano é trocada por outras regras, vigentes somente nesses espaços, e, durante o ritual do swing.

Além disso, o conteúdo dessas publicações atua como uma tecnologia sexual, cultivando nos leitores, predominantemente homens heterossexuais, o desejo por um novo modelo de relacionamento. Esse modelo influencia diretamente como esses indivíduos experienciam sua própria sexualidade. A representação de uma casa de swing como uma pornotopia gera tanto fascínio quanto apreensão entre novos frequentadores. Homens e mulheres são atraídos para esses locais com a promessa de que poderão conduzir suas narrativas eróticas de acordo com seus próprios desejos (Fontoura Jr, 2015).

Fontoura Jr (2015) argumenta que os discursos têm uma forte atuação sobre sentimento erótico, construindo normativas sobre desejos e práticas de um determinado período. Segundo o autor, o desejo sexual, apesar de ser cultural e historicamente construído, é visto como algo naturalizado, que antecederia a construção social. Ou seja, a forma como se experiencia a sexualidade na contemporaneidade é tratada como um dado da natureza, o desejo estaria no campo do natural e não da construção social, como sugere o autor. Além disso, também se construiu a naturalidade do marido e da

esposa como sujeitos cuja sexualidade seria expressa na conjugalidade. Dessa forma, a sociedade conforma o desejo, ou seja, trata algo construído socialmente como intrinsecamente natural. Essa ideia sobre a naturalização do desejo será retomada ao longo do texto.

A possibilidade de agência do próprio desejo difere do estigma que associa a ida a uma casa de swing ao envolvimento compulsório em algum tipo de interação corporal. Em entrevista ao podcast PodSexy (2022), Michael, funcionário da casa de swing, procura tranquilizar os potenciais novos frequentadores, esclarecendo que a casa de swing não obriga ninguém a se despir ou engajar-se em práticas sexuais; “é perfeitamente aceitável participar apenas como observador”, diz ele. No entanto, a pornotopia também mascara potenciais frustrações, conflitos, arrependimentos e desprazeres associados à prática do swing, revelando a complexidade das relações no swing que superam promessas de prazer ilimitado (Fontoura Jr, 2015).

Para compreender as relações envolvidas no swing, neste capítulo, me proponho a analisar como casas de swing e outras organizações vinculadas à sexualidade mercantilizam o sexo e a intimidade, transformando-os em produtos de consumo. Investigo as normas sociais e definições que envolvem a prática do swing, enfatizando como ela é conceituada e regulada, especialmente no que se refere às estruturas de gênero e relacionamento. Ademais, discuto como os casais praticantes de swing buscam redefinir e justificar suas escolhas sexuais e relacionais em contraponto aos modelos tradicionais de marido e esposa, em um contexto que percebe a liberdade sexual como um valor emergente. Também será abordada a complexidade do swing, salientando que, embora a heterossexualidade seja frequentemente presumida como a norma nesses espaços, há uma pluralidade de relações que desafiam essa normatividade.

2.1 Pode pagar? O sexo como produto

Ao adentrar uma casa de swing, o visitante é imediatamente direcionado aos caixas para pagamento de uma taxa de entrada, cujo valor varia de acordo com a categoria do visitante e a especificidade do evento da noite. Em 2023, um casal podia desembolsar entre 100 e 250 reais para admissão na casa, sendo que parte desse valor

poderia ser convertido em créditos para consumo interno. Enquanto mulheres desacompanhadas geralmente têm acesso gratuito, homens desacompanhados podem pagar até o dobro do valor cobrado aos casais. Este fenômeno é parte de uma ampla gama de espaços que Rafael Diogo Pereira (2016) denomina organizações erógenas, que incluem, além das casas de swing, lojas de brinquedos sexuais, saunas gay, hotéis, cruzeiros liberais, a indústria pornográfica e clínicas de terapia sexual, por exemplo. Esses locais são analisados como mercados que lucram com a sexualidade, tratando o sexo como uma mercadoria acessível mediante pagamento.

Nesse sentido, Raphael Moraes Silveira (2014) discute como as casas de swing comercializam não apenas produtos tangíveis, mas também experiências imateriais. O autor afirma que a casa de swing está inserida numa cultura de consumo que expande a oferta de bens e serviços para lugares voltados ao lazer e ao prazer. Dessa forma, o consumo dentro das casas de swing, transcende os aspectos materiais, englobando a própria experiência e participando da construção de distinções sociais entre os frequentadores. Tais dinâmicas refletem como as escolhas de consumo podem expressar identidades sociais e de classe. Por exemplo, dentro das casas de swing, diversos itens disponíveis para compra demarcam o poder aquisitivo dos clientes. Esses itens incluem garrafas de bebidas caras, a aquisição de grandes quantidades de bebidas, ou o acesso a áreas exclusivas como os camarotes. Tais aquisições não apenas evidenciam a capacidade financeira dos frequentadores, mas também funcionam como símbolos de status dentro desse ambiente específico.

Nesse contexto, as casas de swing se diferenciam de casas noturnas convencionais ao incorporar a experiência sexual como um componente central de sua proposta de negócio. A divulgação desses locais frequentemente utiliza termos como balada liberal para atrair consumidores, associando a ideia de liberdade sexual à experiência oferecida. Fernando, entrevistado no Podsexy (2022), sugere que após frequentar uma balada dita liberal, as baladas convencionais parecem menos atraentes, uma vez que nas casas de swing há um explícito componente sexual. A busca por liberdade nesse contexto está intrinsecamente relacionada ao mercado, ambiente onde a noção de liberdade muitas vezes é ideologicamente ligada ao ato de consumir.

Dentre os bens disponíveis para compra nas casas de swing estão uma variedade de produtos eróticos. A antropóloga Maria Filomena Gregori (2016), ao estudar as sex shops, discute como esses locais passaram de espaços clandestinos a estabelecimentos que associam a expressão sexual ao aumento da autoestima, ao prazer e à saúde física. Essa transformação, notada pela autora no início dos anos 2000, representa uma mudança significativa na percepção pública desses comércios, que começam a integrar a erotização de uma forma que se alinha ao bem-estar pessoal. Comprar produtos eróticos, portanto, contribui para a formação de normas sociais que vinculam a comercialização desses artigos a etiquetas sociais baseadas em gênero e sexualidade.

Em uma observação, Gregori (2016) nota que as sex shops precisam adotar uma certa vulgaridade para se diferenciarem de lojas de lingerie tradicionais. Segundo Gregori (2016), esses estabelecimentos geralmente atendem a um público heterossexual e perpetuam um imaginário saturado de clichês eróticos que incluem, por exemplo,

Muito couro preto, cintas-ligas e meias vermelhas, rendas artificiais, dildos de tamanhos variados – com certa ênfase nos avantajados – imagens de corpos femininos com predominância do tipo ariano (preferencialmente com cabelo loiro artificial) e seios firmes e enormes. Os corpos masculinos são muito musculosos, com particular ênfase sobre órgãos sexuais imensos (Gregori, 2016, p. 41).

Maria Filomena Gregori (2016) destaca que o principal segmento consumidor das sex shops são as mulheres. Ela discute como os produtos são frequentemente comprados pelas mulheres, mas com uma consideração pelo desejo masculino. Isso significa que há uma dinâmica de voyeurismo onde o consumo feminino de objetos eróticos é influenciado por um olhar presumido como masculino. Essa interação entre gêneros nos contextos de consumo de produtos eróticos revela como as práticas sociais e as expectativas de gênero estão profundamente entrelaçadas no mercado erótico, evidenciando uma estrutura hierárquica onde a feminilidade figura como objeto do desejo, enquanto a masculinidade ocupa o lugar de sujeito desejante.

A psicóloga Valeska Zanello (2018) entende esse mecanismo do olhar masculino sobre as mulheres a partir do que ela chama de dispositivo amoroso. Nesse sentido, em termos normativos, a subjetividade das mulheres, a sua construção de identidade, é mediada pelo olhar de um homem que as deseja, ou seja, que as escolham. A autora exemplifica essa relação através da metáfora da prateleira do amor, onde, a partir de um

ideal estético, as mulheres são escolhidas para serem amadas e desejadas por um homem. Essa prateleira do amor reforça um ideal estético que é marcado por hierarquias onde aquelas que mais se aproximam desse ideal são as mulheres mais desejadas (loiras, magras, jovens, etc.) e que ocupam um lugar privilegiado na prateleira, enquanto as que mais se afastam desse ideal (não brancas, gordas, velhas, etc.) são preteridas. Zanello exemplifica essa relação desse modo: “em nossa cultura, os homens aprendem a amar muitas coisas e as mulheres aprendem a amar, sobretudo, e principalmente, os homens” (Zanello, 2018, p. 84).

Nesse sentido, o conceito de tecnologia de gênero desenvolvido pela filósofa Teresa de Lauretis (2019) é um instrumento teórico importante para entender como os significados de gênero são culturalmente produzidos e mantidos. Lauretis (2019) utiliza este conceito para descrever os mecanismos através dos quais as construções de gênero são reproduzidas na sociedade. Segundo a autora, essas tecnologias não se referem apenas a dispositivos tecnológicos, mas abrangem uma ampla gama de práticas, instituições e estruturas linguísticas que reforçam identidades de gênero específicas. Estas tecnologias operam em vários níveis, incluindo o cinema, a literatura e a mídia em geral, como também nos modos da vida cotidiana, influenciando como os gêneros são percebidos e vividos. A autora enfatiza que o gênero é resultado de repetições e práticas que podem ser alteradas.

Em cartazes de divulgação da sex shop da casa de swing é possível observar o foco da venda dos produtos em clientes femininas. As imagens a seguir são de produtos vendidos na sex shop. A Figura 1 mostra um vestido vermelho, com detalhes de recorte e padrões em rede, que destaca a forma do corpo, acompanhado de luvas. O vestido é apresentado por uma mulher branca, visível apenas da cintura para cima. Ela segura um buquê de flores brancas⁵. A Figura 2 mostra uma calcinha de renda branca, focando nos detalhes do tecido e nas amarrações ajustáveis.

⁵ Essa imagem em análise apresenta um corpo feminino com uma aparência que elimina qualquer textura natural da pele, resultando em uma superfície lisa e artificial. Além disso, as curvas do corpo são exageradamente desenhadas, criando uma figura que parece mais uma ilustração idealizada do que uma representação realista. É plausível que a imagem tenha sido significativamente alterada por software de edição de fotos, ou até mesmo gerada por um software de inteligência artificial. Tal representação artificializada do corpo feminino não apenas desafia os limites entre o real e o fabricado, mas também

Figura 1 - Vestido Vermelho



Fonte: Lojinha Liberty Club (2024)⁶

reflete e reforça padrões estéticos inatingíveis, contribuindo para a objetificação e a desumanização da figura feminina na cultura visual contemporânea.

⁶ Lojinha Liberty Club. Disponível em: <https://www.instagram.com/lojinhالibertyclub>. Acesso em: 23 de outubro de 2024.

Figura 2 - Calcinha branca

Fonte: Lojinha Liberty Club (2024)⁷

Segundo a artista e doutora em comunicação e semiótica Luciana Martha Silveira (2015), a construção simbólica da cor refere-se ao processo pelo qual diferentes culturas e indivíduos atribuem significados específicos às cores, que vão além de suas propriedades físicas e perceptivas. Esta construção está intrinsecamente ligada à maneira como as cores são percebidas, interpretadas e incorporadas em contextos sociais, artísticos e emocionais. Nesse sentido, as cores utilizadas nessas imagens publicitárias reforçam ideias culturais que atribuem à cor vermelha uma sensação de prazer, paixão, erotismo, enquanto o branco remete a pureza, castidade, inocência⁸ (Silveira, 2015). Dessa forma, os produtos, assim como a imagem publicitária, se constituem como tecnologias de gênero que produzem certas feminilidades.

⁷ Lojinha Liberty Club. Disponível em: <https://www.instagram.com/lojinhالibertyclub>. Acesso em: 23 de outubro de 2024.

⁸ Os significados atribuídos às cores podem diferir significativamente entre culturas e contextos, onde cada cor pode ter múltiplos significados. No livro *Introdução à Teoria da Cor*, de Luciana Martha Silveira, a autora explora uma variedade de interpretações que podem ser atribuídas a cada cor dentro das diferentes circunstâncias em que aparecem. Desse modo, os significados adotados para essas fotos foram escolhidos dentro do contexto que elas ocupam. Para uma compreensão mais aprofundada dessas variações, recomenda-se a leitura dessa obra.

Outros produtos apresentados nas imagens de divulgação são alguns tipos de acessórios. A Figura 3 apresenta acessórios para mamilos, desenhados como corações pretos com uma textura que lembra couro, conectados por uma corrente dourada a uma coleira de mesmo material. A Figura 4, por sua vez, destaca um par de algemas de metal cobertas com pelúcia vermelha, implicando um uso que combina restrição com um toque suave, possivelmente para jogos de prender/amarrar leves. Essas imagens visam atrair clientes interessados em explorar brinquedos de restrição, ideal para iniciantes no BDSM (bondage, disciplina, dominação, submissão, sadismo, masoquismo).

Esses acessórios, que visam atrair iniciantes no universo BDSM, não apenas representam o interesse crescente por práticas de restrição leve, mas também refletem a complexa dinâmica entre prazer e poder, aspectos centrais discutidos por Maria Filomena Gregori em seu livro *Prazeres Perigosos* (2016). Livro no qual a autora explora as articulações entre dor, dominação e a busca por experiências eróticas seguras e consensuais no contexto do sadomasoquismo contemporâneo (S/M). A autora analisa como o S/M, particularmente no mercado erótico, introduz uma retórica de práticas seguras, saudáveis e consensuais, ao mesmo tempo que desafia normas estabelecidas de gênero e sexualidade. Gregori (2016) questiona a naturalização do erotismo, sugerindo que o S/M, ao lidar com o risco, expõe as tensões entre dominação e sujeição, fantasia e realidade. A autora também discute o pragmatismo que cerca o S/M, que busca torná-lo politicamente correto, afastando-o da violência, mas sem apagar as desigualdades de poder inerentes às práticas de dominação e submissão.

Figura 3 - Acessório para mamilos



Fonte: Lojinha Liberty Club (2024)⁹

⁹ Lojinha Liberty Club. Disponível em: <https://www.instagram.com/lojinhالibertyclub>. Acesso em: 23 de outubro de 2024.

Figura 4 - Algemas de metal

Fonte: Lojinha Liberty Club (2024)¹⁰

Ao analisar as peças publicitárias de uma casa de swing, Raphael Moraes Silveira (2014) reflete como esses cartazes perpetuam padrões estéticos e normatividades de gênero. Em alguns cartazes analisados pelo autor, as figuras femininas são representadas enquanto protagonistas de sua sexualidade, sendo colocadas como sujeitos que desejam ao mesmo tempo em que são apresentadas como produtoras de desejos. Há uma construção da imagem de mulher ativa sexualmente, aberta a fantasias e com desejos expressos. Essas imagens, que segundo o autor são retiradas de filmes pornográficos, mostram na expressão facial das modelos prazer e lascívia. Silveira (2014) argumenta que essa construção de imagem de mulher como sujeito do desejo desestabiliza a associação de que o homem é ativo e a mulher a passiva nas práticas sexuais. Apesar disso, os corpos femininos continuam figurando como objetos de desejo do prazer visual.

Ademais, Silveira (2014) aponta para a idealização dos corpos presentes nessas peças de marketing. As imagens possuem marcadamente uma ausência de diversidade racial, predominando mulheres brancas, loiras e com seios grandes, e homens brancos com corpos musculosos. Essa escolha reforça estereótipos de beleza europeus/norte-americanos. Para o autor, a utilização de imagens explicitamente pornográficas para

¹⁰ Lojinha Liberty Club. Disponível em: <https://www.instagram.com/lojinhahalibertyclub>. Acesso em: 23 de outubro de 2024.

promover os eventos indica uma conexão direta entre a prática do swing e a pornografia, alinhando a experiência do swing a uma narrativa de erotismo e transgressão, que tende a reforçar hierarquias de gênero.

Os cartazes que mostram apenas corpos masculinos são raros e, quando presentes, as figuras masculinas costumam estar acompanhadas por mulheres. Isso pode ser entendido como um subterfúgio para ancorar a leitura desses corpos masculinos sexualizados como heterossexuais. Um cartaz, em particular, analisado por Silveira (2014), exibe três homens jovens, todos musculosos e sem camisa, usando apenas calças jeans e cercados por notas de dólar. Tal imagem é acompanhada pela expressão noite dos fanfarrões. Isso associa a figura masculina a homens fortes, potentes e financeiramente prósperos. Silveira (2014) destaca como esses cartazes associam os eventos a símbolos de luxo e exclusividade, como mansões e champanhe, sugerindo que o swing está conectado a um estilo de vida glamouroso. Essa representação, segundo o autor, não apenas serve para atrair um público que aspira a esse estilo de vida, mas também reflete as dinâmicas de consumo e distinção social presentes na cultura do swing.

Porém, é fundamental destacar que os cartazes analisados por Silveira (2014), da casa de swing Black&White Club, são de eventos ocorridos em 2013. Uma década depois, em 2023, observa-se uma mudança significativa, como a presença de artistas negras nos materiais promocionais da casa de swing Liberty Club. Diferentemente dos cartazes da Black&White Club que utilizavam imagens genéricas de modelos, os cartazes atuais do Liberty Club destacam artistas que realmente participam dos eventos. Nesse sentido, esses novos cartazes incorporam uma certa representatividade racial, assim como tentam trazer uma imagem supostamente realista das mulheres que serão encontradas naquela noite.

Figura 5 - Cartaz de divulgação das artistas do Palco



Fonte: Perfil da Liberty Club no Facebook (2024)¹¹

A Figura 5 apresenta a divulgação das artistas que estarão no Palco, ou seja, todas as artistas que se apresentarão naquela noite. O design do cartaz inclui um fundo colorido com tons de azul e roxo, e sobrepostas estão as imagens de cinco mulheres em trajes de praia ou lingerie. As mulheres são apresentadas de maneira sedutora e estão em poses que destacam suas formas corporais. No centro do cartaz há uma mulher negra de cabelos crespos, vestindo um biquíni verde limão, ajustando o top. Essa centralidade da artista significa que o show principal da noite será realizado por ela. À sua esquerda, uma mulher de cabelos castanhos longos e ondulados, vista de lado, veste uma lingerie branca. À direita da mulher central, uma mulher loira está em uma

¹¹ LIBERTY CLUB. Disponível em: <https://www.facebook.com/libertyclub.bc>. Acesso em: 23 de outubro de 2024.

pose levemente lateral, vestindo um top brilhante azul. Completando o grupo, há outras duas mulheres loiras ao fundo, ambas de costas com destaque para suas nádegas.

Essa imagem evidencia que, apesar da inclusão de uma mulher negra na divulgação, o ideal estético da mulher branca ainda predomina. Todas as figuras femininas são jovens e magras, porém curvilíneas, com seios e nádegas proeminentes. Além disso, a artista posicionada de costas no canto esquerdo exibe celulites nas pernas e dobrinhas na barriga, o que reforça a ideia de encontrar corpos reais na casa de swing. A noção de real aqui se refere à presença física da artista na festa, onde ela contribui para a fantasia de desejo e, se consentir, pode ser tocada. Portanto, a imagem promove um ideal estético específico enquanto sugere uma experiência tangível na casa de swing.

Figura 6 - Cartaz de divulgação da festa Pré Bday Marisa



Fonte: Perfil da Liberty Club no Facebook (2024)¹²

¹² LIBERTY CLUB. Disponível em: <https://www.facebook.com/libertyclub.bc>. Acesso em: 23 de outubro de 2024.

Figura 7 - Balada Liberal



Fonte: Perfil da Liberty Club no Facebook (2024)¹³

A Figura 6 mostra um cartaz que promove um evento chamado *Pré Bday Marisa*. Ao centro está a imagem de um homem negro vestindo uma fantasia elaborada que inclui elementos que lembram a pele de leopardo e acessórios dourados, incluindo uma coroa adornada. Sua postura é poderosa e ele olha diretamente para o espectador, transmitindo confiança. A figura feminina à direita está vestida com lingerie vermelha e um chapéu vermelho. Ela adota uma pose sedutora. A outra figura feminina, posicionada à esquerda, aparece sorrindo e usando um vestido preto justo. A Figura 7 apresenta um cartaz que promove um outro evento, chamado *Balada Liberal*. Ao centro da imagem está o artista masculino da noite. Ele é um homem negro, usando apenas uma sunga branca, exibindo uma variedade de tatuagens pelo corpo musculoso. Ele está olhando para o lado, como se estivesse observando algo fora do quadro enquanto puxa a sunga para baixo.

¹³ LIBERTY CLUB. Disponível em: <https://www.facebook.com/libertyclub.bc>. Acesso em: 23 de outubro de 2024.

Bell Hooks, em seu livro *Olhares negros: raça e representação* (2019), argumenta que a representação do homem negro como hipersexualizado é uma construção histórica e cultural profundamente enraizada no racismo. Esta imagem do homem negro como hipersexualizado, ao mesmo tempo atraente e perigoso, surgiu durante o período da escravização e foi atualizada através da cultura popular, literatura e mídia ao longo do tempo. A autora discute como o olhar branco é uma forma de poder que permite definir e controlar a imagem de pessoas negras, desempenhando assim, um papel crucial na construção e manutenção de representações estereotipadas.

Contudo, vale observar que as imagens publicitárias das casas de swing hipersexualizam e objetificam corpos tanto negros quanto brancos. No entanto, o que se destaca nessas representações é o racismo embutido nos estereótipos que associam o homem negro à selva (Figura 6) e a insinuação de um falo grande (Figura 7). O olhar branco, como explica Hooks (2019), carregado de medo e desejo simultaneamente, teme o homem negro como uma ameaça e, ao mesmo tempo, o fetichiza. Essa dualidade reforça a imagem do homem negro como algo exótico e perigoso.

O antropólogo Peter Fry (2011), ao pesquisar sobre as relações entre raça, publicidade e produção de beleza no Brasil, argumenta que o mercado de bens não é simplesmente movido pelas demandas de seu público consumidor, mas é, também, criador dessa demanda. Nesse sentido, o mercado se organiza para explorar o máximo de grupos sociais através de uma motivada diferenciação de bens. Ao analisar a presença de pessoas negras na publicidade brasileira, Fry (2011) sugere que a representação e os produtos direcionados à população negra não surgem apenas porque há uma demanda pré-existente, mas que eles também desempenham um papel fundamental na construção e no fortalecimento da identidade e do poder econômico da classe média negra. Ou seja, esses esforços são parte integrante do processo que define e estabelece essa classe social.

Para Peter Fry (2011) a escolha de um modelo negro de torso nu em um cartaz de propaganda de perfume na Barra da Tijuca exerce uma estranha fascinação sobre os consumidores brancos daquela região. Considerando que a casa de swing está

localizada em um dos estados mais brancos do Brasil¹⁴, com uma das menores taxas de pessoas pretas e pardas, é provável que o olhar branco seja o principal fator para a inclusão de pessoas negras nas imagens publicitárias dessas casas. No entanto, isso não significa que essas imagens não possam também atrair consumidores negros para frequentar o estabelecimento. Esses dois fatores não se anulam; ao contrário, juntos, eles criam uma rede complexa de relações que envolvem normas de gênero, sexualidade, raça e classe social. Assim, as casas de swing não apenas facilitam práticas sexuais, mas também perpetuam discursos e convenções sociais que reforçam e reproduzem desigualdades e hierarquias.

2.2 Cabe mais um? Casais e a prática do swing

Um casal se aproximou de outro e, depois de algumas trocas de carícias, as mulheres começaram a se beijar. Ambas apoiaram os joelhos no sofá enquanto seus maridos as penetravam. - Camila Voluptas (2021, p. 96)

Esse excerto do livro da Camila Voluptas exemplifica um ideal construído no que se refere ao entendimento do swing: dois casais se relacionando entre si. As revistas masculinas brasileiras, em meados dos anos 1970 vão definir o swing como uma “prática sexual realizada por um casal, não necessariamente casado, mas com um relacionamento duradouro reconhecido, com outro casal, de forma simultânea, consentida e mútua” (Fontoura Jr, 2015, p. 46). Assim sendo, a afirmação de que a prática é realizada por um casal, se refere, especificamente, a um casal heterossexual. Ainda nesse sentido, o casal precisa ter sua relação socialmente reconhecida, provando que mesmo não estando em matrimônio, se comporta como se nele estivesse.

Os posicionamentos sociais de gênero de um casal são construídos historicamente através de processos de controle e normatização. As categorias *esposa*

¹⁴ Segundo matéria de John Pacheco ao g1, “Santa Catarina é o segundo estado do país com maior percentual de população branca, atrás apenas do Rio Grande do Sul (78,42%). O motivo é a colonização e ocupação do território, de origem europeia, principalmente de alemães, italianos, poloneses e portugueses. Sobre as demais cores ou raças, Santa Catarina é o último do Brasil em população preta, com apenas 4,07% do total de habitantes, e o penúltimo em pardos, com 19,22%”. PACHECO, John. **Censo 2022**: brancos são 3 de cada 4 habitantes de SC; população de pretos e pardos cresce 84%. G1, 22 de dezembro de 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2023/12/22/censo-2022-cor-ou-raca-santa-catarina.ghtml>. Acesso em: 23 de outubro de 2024.

e *marido*, nesse contexto, são construídas partindo de uma determinada expectativa de gênero sobre o que é ser mulher e homem. Os comportamentos aceitáveis para um casal passam também pelo controle de sua vida sexual. Nesse sentido, os casais que praticam o swing acreditam contestar certas normativas sexuais e tentam colar em si uma ideia de esposa e marido liberais, ou seja, aqueles que vivenciam um estilo de vida com liberdade sexual. Segundo Fontoura Jr (2015, p. 25):

Considerando-se, ainda, a importância da sexualidade na definição das identidades contemporâneas, fazia-se necessário um processo de subjetivação, de modo que os casais tivessem condições de questionar certas características de suas sexualidades, e reconfigurá-las, dentro do novo modelo de liberação sexual que acreditam viver. Os argumentos construídos possuíam, assim, uma dupla função: justificar aos outros suas escolhas, e embasar o que seriam críticas aos modelos tradicionais de marido e esposa.

Troca de casais é um dos termos associados ao swing. Ele pressupõe que as práticas sexuais se darão numa dinâmica onde as esposas e maridos invertem seus pares. A troca de esposas é um outro termo que se assemelha à troca de casais, com a diferença de que, nesse segundo, há uma clara hierarquia de gênero, que coloca as mulheres como desprovidas de agência e desejos, enquanto os homens escolhem, como em um catálogo, a esposa de um outro homem. É evidente que existe uma hierarquia de gênero nas relações sexuais entre mulheres e homens, a assimetria advém de uma cultura que incentiva homens a desejar, e as mulheres a serem desejadas (Zanello, 2018). A crítica ao termo troca de esposas está, justamente, na ideia de que a mulher é passiva frente aos desejos do marido, e que cabe a ela apenas aceitar as práticas sexuais que ele impõe.

As classificações do swing sobre estilo de vida ou meio liberal é feita pelos praticantes do swing com a conotação de um ambiente permissivo. Essas categorizações são frequentemente usadas para se falar sobre o swing em conversas ou em narrativas que circulam por diferentes mídias¹⁵, porém sem deixar explícito o que

¹⁵ Os conteúdos sobre swing são difundidos por diversas mídias, incluindo redes sociais, fóruns online, blogs, revistas especializadas e programas de televisão. Em redes sociais e fóruns, as discussões ocorrem em grupos fechados ou públicos onde praticantes compartilham experiências e discutem o estilo de vida. Blogs e revistas especializadas frequentemente abordam o tema com artigos e relatos de casais. Programas de televisão e documentários também exploram o swing, muitas vezes com um enfoque na curiosidade e no entretenimento, ajudando a difundir e normalizar o tema para um público mais amplo.

se entende por tais conceitos. Afirmar que o swing é um ambiente liberal é uma estratégia que os adeptos encontraram para ampliar o entendimento para além de troca de casais, visando incluir as várias outras práticas que ficam de fora deste enquadramento. Sendo assim, dizer que o swing se caracteriza pela troca de casais é ignorar um conjunto de outras práticas que não ficam contempladas nessa nomenclatura. Os termos como meio liberal ou mundo liberal funcionam como uma analogia ao swing, não significando, desse modo, que as práticas correspondem a um senso de liberdade abstrata e universal.

Nesse sentido, o swing é mais do que uma troca de casais, é um conjunto de práticas sexuais que redefinem o modelo de relacionamento historicamente associado aos casais monogâmicos e heterossexuais. Entre essas práticas há o envolvimento com outros casais, mas também com indivíduos solteiros. Pessoas solteiras estão presentes em eventos de swing e, frequentemente, relacionam-se com casais, seja com um dos parceiros ou com ambos simultaneamente. O termo solteira(o) é utilizado para se referir àqueles que estão desacompanhados nas práticas, não se referindo ao estado civil do indivíduo.

Outros modelos de casais também são frequentes em espaços destinados à prática do swing, sendo eles formados por amigos ou conhecidos, e aqueles com uma acompanhante profissional. Nesse último caso é recorrente que seja o homem a trazer a companhia de uma profissional feminina. Sendo assim, os usos do termo casal implicam a ideia de matrimônio, mas não se restringem a ela. Além desse conceito acima exposto, o termo solteira(o) também pode indicar uma pessoa casada, mas que no ambiente da casa de swing encontra-se desacompanhada.

O swing emerge como uma alternativa ao modelo monogâmico estrito, e levanta questões relacionadas à comunicação, aos limites estabelecidos e à gestão emocional, enquanto os casais que praticam o swing buscam equilibrar a exploração de novas experiências com a preservação da estabilidade conjugal (Silvério, 2018). Assim, o swing se insere em um contexto mais amplo das dinâmicas e das concepções de relacionamento, ilustrando a complexidade das interações humanas no domínio da sexualidade e dos afetos.

A antropóloga Olivia Von Der Weid (2010) aborda em suas pesquisas as ideias de ciúme e infidelidade ligadas a uma suposta liberdade sexual. Weid (2010) afirma que

o swing cria a possibilidade de casais experimentarem relações sexuais com outras pessoas sem que isso seja motivo para o fim do casamento. A psicóloga Andréa Marília Alves de Oliveira e o psicólogo Fernando Altair Pocahy (2015) trazem a ideia de que o swing seria uma tentativa de controlar a infidelidade, já que todas as práticas são consentidas pelos parceiros. O antropólogo Raphael Moraes Silveira (2014) afirma que a fidelidade de um casal que pratica o swing se dá pelo amor ao cônjuge e a possibilidade de vivências sexuais com outrem.

Essas pesquisas tentam compreender como casais vistos como tradicionais (cristãos, em matrimônio, brancos e de classe média/alta) entram em contradição com essa imagem ao participarem de práticas consideradas não tradicionais. Contudo, na presente pesquisa, parto da compreensão de que valores como tradicionalismo, infidelidade, permissividade, entre outras questões de ordem moral, não contribuem para a compreensão de como as práticas sexuais se dão nos ambientes voltados para o swing. Isto porque, como será discutido mais adiante, muitos desses valores morais estão mais na ordem das narrativas do que de fato nas práxis desses indivíduos.

2.3 É só sexo, amor é para o casal: a monogamia e o amor romântico

Edgar e eu sempre soubemos que o sentimento que tínhamos um pelo outro era verdadeiro, pois ia além de ficarmos juntos, o que nos importava era se nossas escolhas nos fariam felizes. Éramos capazes de desejar a felicidade um do outro mesmo que fosse com outro alguém, então isso já foi uma forma de desconstruir meu ciúme e fortalecer minhas descobertas sexuais futuras no universo do swing. Eu vi o homem que amei a vida toda com outra mulher. – Camila Voluptas (2021, p. 54)

No excerto acima, o amor é o que separa a relação do casal dos demais relacionamentos dentro do swing. O casamento, essa instituição social e legal que formaliza a união entre duas pessoas, é o ponto inflexível, uma vez que, ele precisa ser preservado acima de qualquer outra relação que se venha a ter no swing. Olivia Von Der Weid (2010) afirma que o swing oferece a possibilidade de preservar a estrutura matrimonial convencional, enquanto permite a expansão da diversidade de parcerias sexuais por meio do envolvimento com outros indivíduos. Esse movimento é caracterizado por uma abertura consentida para a exploração de novas relações sexuais,

com a peculiaridade de manter a(o) parceira(o) integrado a esse processo, destacando, assim, a manutenção do vínculo conjugal durante as experiências sexuais com terceiros.

A antropóloga Maria Silvério (2014a)¹⁶ observou no discurso dos casais praticantes do swing uma separação entre sexo e amor. Essa separação implica que as relações sexuais dentro do swing não afetam a conjugalidade do casal, pois, entre eles prevaleceria o amor. A cientista social Tarcília Edna Fernandes do Nascimento (2021) aborda essa suposta diferenciação entre o amor e o sexo ao comparar as relações de poliamor¹⁷, que teriam ênfase no amor, enquanto no swing a ênfase estaria na liberdade sexual. A antropóloga Olívia Von Der Weid (2010)¹⁸ também faz referência a essa divisão amor/sexo, onde as relações vivenciadas no swing fazem parte da dimensão sexual da vida dos casais, enquanto o amor é reservado apenas para os membros do casal. Essas autoras partem da concepção de um amor romântico vivenciado pelos casais em matrimônio, para onde seriam direcionados todos os afetos e cuidados. Enquanto a liberdade sexual, caracterizada pela possibilidade de se ter múltiplas relações com outras pessoas, só seria permitida dentro das práticas do swing.

Entretanto, a linha que dividiria o sexo e o amor parece menos clara quando voltamos o olhar para as experiências concretas dos praticantes do swing. Maria Silvério (2014a) apresenta o conflito enfrentado por um dos casais entrevistados. Esse casal

¹⁶ Maria Silvério em artigo denominado *Swing em Portugal: uma interpretação antropológica da troca de casais* (2014, p. 552) explica a metodologia empregada na pesquisa etnográfica em um clube de swing na região de Lisboa, utilizando a observação direta e entrevistas. A observação ocorreu durante 12 visitas entre outubro e novembro de 2012 e fevereiro de 2013, incluindo a observação de práticas sexuais em espaços coletivos do clube. Foram feitas entrevistas gravadas com seis casais swingers, cada uma com duração de aproximadamente duas horas. As entrevistas seguiram um roteiro semiestruturado, mas tiveram um caráter informal para explorar a história, perfil, valores e experiências dos participantes como swingers.

¹⁷ Tarcília Edna Fernandes do Nascimento, em sua pesquisa *Considerações sobre swing e poliamor à luz do conceito de 'círculo encantado' de Gayle Rubin* (2021, p. 38) define poliamor como uma alternativa à monogamia que vai além da não exclusividade sexual. O poliamor desafia a monogamia em termos políticos e institucionais, baseando-se na premissa de que é possível amar e manter relacionamentos consensuais com mais de uma pessoa de forma harmônica. Os elementos ideológicos do poliamor incluem liberdade, igualdade, honestidade e amor, justificando a escolha por essa forma de relacionamento.

¹⁸ Olívia von der Weid, no artigo *Swing, o adultério consentido*, utiliza uma metodologia que envolve a análise de 13 entrevistas com casais adeptos do swing realizadas entre 2003 e 2007 no Rio de Janeiro. Além disso, a pesquisa inclui observações feitas em 19 encontros de casais praticantes em duas casas de swing na Zona Sul e no Centro do Rio, entre setembro de 2003 e maio de 2004. A pesquisa também utiliza material de mídia impressa e virtual como fonte de dados.

estava em uma relação frequente com uma *single*¹⁹ (mulher solteira), com quem passaram a desenvolver laços emocionais. Essa situação pôs o casamento em risco e, por essa razão, decidiram cortar qualquer relação com ela. Não é que o amor e o sexo sejam entidades separadas que nunca se misturam, o que acontece no swing é que, mesmo que haja muito afeto por outras pessoas, a relação do casal deve se sobrepôr a qualquer outra.

A escritora Brigitte Vasallo, em seu livro *O desafio poliamoroso* (2022), se aprofunda nas questões relacionadas à monogamia entre casais e questiona as categorias a ela associadas enquanto construções de uma sociedade liberal burguesa. Ser um casal, segundo a autora, corresponde à constituição de uma identidade. O “ser casal” faz parte de uma lógica de dupla, uma unidade de dependência inquestionável. Essa categoria de casal será entendida pela autora como uma construção naturalizada, algo que ela chama de amor *autêntico*, que dentro da lógica da monogamia é sinônimo de amor, um amor romântico e sexualizado. Portanto, ao se tornar um casal, os indivíduos envolvidos estariam seguindo uma suposta naturalidade social, uma normatividade das relações, que implica necessariamente o amor (Vasallo, 2022).

A monogamia é entendida por Vasallo (2022) como um sistema que organiza a vida privada, suas práticas sexo-afetivas e relações amorosas. A monogamia teria como eixo: a romantização do vínculo, o compromisso sexual, a exclusividade e o futuro reprodutivo. Seria, então, esse amor alegado pelas autoras Weid (2010), Silvério (2014a), e Nascimento (2021), como o primeiro pilar da monogamia, a romantização do vínculo com a/o parceira/o. Segundo Silvério (2014b), o futuro reprodutivo também estaria assegurado pelo casal, uma vez que a maioria dos casais praticantes do swing possuem filhos. Quanto ao compromisso sexual e a exclusividade, esses seriam os pontos onde os casais praticantes do swing teriam uma flexibilidade dentro de suas relações.

O que Vasallo (2022) vai argumentar é que, apesar de haver a ideia de exclusividade dentro da lógica monogâmica, ela não existe para delimitar as práticas dos

¹⁹ O termo *single*, de origem inglesa, foi incorporado ao português e é utilizado para designar pessoas solteiras que participam das práticas de swing. Na bibliografia sobre swing pode ser encontrado tanto o termo *single* como solteiras(os).

casais, mesmo que haja esforços nas estruturas sociais para coibir esse “desvio” nos relacionamentos. O que essa exclusividade assegura dentro das relações dos casais é uma legitimidade a um tipo específico de relacionamento sexual, enquanto outras, caso existam, seriam entendidas como um desvio, ou de menor importância. Brigitte Vassallo (2022, p. 36) vai sustentar que:

O que define a monogamia não é a exclusividade, mas a importância do casal frente às amantes ou aos outros amores. A hierarquia de uns afetos sobre os outros. A exclusividade sexual serve como marca hierárquica. Pode haver outras relações sexuais, mas apenas uma recebe apoio social, apenas uma está certificada como correta, apropriada. A exclusividade sexual é um compromisso simbólico, é o pagamento que se faz para adquirir essa legitimidade: não vou dormir com mais ninguém, mas, em troca, nosso relacionamento será superior aos demais. Você e eu teremos um relacionamento favorecido, com privilégios que se estendem a uma infinidade de níveis e com ampla tolerância, também social, às violências associadas a esses privilégios.

Os casais praticantes do swing flexibilizam o aspecto da exclusividade dentro da relação ao se relacionarem com outras pessoas. Entretanto, a lógica monogâmica prevalece, uma vez que, o casal continua a ser o elemento central nas relações, sendo superiores na hierarquia social, já que sua relação é assegurada e legitimada no seu meio social.

De maneira correlata, a autora indígena Geni Núñez (2023) define a monogamia como um sistema relacional em que se espera que uma pessoa tenha apenas um casamento ou uma união romântica e/ou sexual por vez. Originalmente, monogamia implicava um vínculo indissolúvel, mas com o tempo essa ideia se flexibilizou, principalmente devido à aceitação do divórcio. Assim, na prática contemporânea, monogamia significa o comprometimento com apenas uma pessoa por vez, mesmo que uma pessoa possa ter vários relacionamentos sérios ao longo da vida, mas não simultaneamente.

Para Núñez (2023) o conceito de monogamia é influenciado por uma construção geopolítica e cultural, sustentada por várias instituições e normas sociais. Historicamente, tem sido associada a práticas religiosas e ideologias dominantes, como o cristianismo, que a promove como um valor moral central. A monogamia é frequentemente vista como um sinal de civilização e superioridade cultural, em contraste com a não monogamia, que muitas vezes é depreciada ou associada à primitividade.

Nesse sentido, sendo o Brasil um país cujo cristianismo prevalece frente a outras religiões²⁰, é frequente que os casais praticantes do swing estejam ligados a valores morais cristãos, cujos atravessamentos envolvem manter uma certa imagem de casamento tradicional.

O cristianismo condena o livre desfrute da sexualidade, sendo o erotismo reprimido a menos que sua função esteja ligada ao casamento, à reprodução ou ao amor. Nesse sentido, Tarcília Edna Fernandes do Nascimento (2021) argumenta que para os praticantes de swing, a monogamia é mantida como fachada pública, enquanto suas práticas sexuais ocorrem de forma clandestina. Isso lhes permite manter os privilégios sociais associados à monogamia, enquanto desfrutam de uma sexualidade desviante em ambientes controlados. A autora contrasta o swing com os poliamoristas, que além de desafiar a monogamia buscam legitimidade social e legal para suas práticas afetivas. Ambos, no entanto, questionam a eficácia e as promessas da monogamia tradicional, que muitas vezes não garantem estabilidade nem equidade nas relações.

2.4 Mas eu sou hétero, tá? Sexualidades em disputa

Quando me perguntaram se me casaria com uma mulher, sou enfática ao responder que não me casaria com ninguém além de Ed. Como uma amiga me explicou certa vez, sou heteroafetiva e bissexual. Rótulo no sentido figurado é a tipificação de algo, e pessoas são complexas demais para serem rotuladas, pois contém, cada uma dentro de si, um universo repleto de particularidades. – Camila Voluptas (2021, p. 114)

O trecho acima, retirado do livro de Camila Voluptas (2021), sugere que as identidades não são fixas e rígidas, dado que, cada indivíduo possui um universo de particularidades. À medida que interagem com outras, as pessoas constroem discursos que justificam suas escolhas e ajudam a manter uma determinada imagem de si mesmas no meio social. No entanto, esses rótulos não conseguem captar a complexidade da sexualidade humana. Ao se denominar heteroafetiva, Voluptas (2021) se posiciona de

²⁰ Segundo Geni Núñez (2023, p. 29) “Embora o Estado se diga laico, como a ideologia cristã é dominante no Brasil e no mundo, ela toma o lugar daquilo que é universal e não se apresenta como uma perspectiva entre muitas. Por isso, muitos dos valores cristãos são adotados pelo Estado brasileiro, desde a formulação dos feriados nacionais (dos nove que temos, mais da metade são cristãos) até a demora da formalização do direito ao divórcio.”

modo a justificar seu casamento heterossexual, ao mesmo tempo em que, se coloca enquanto bissexual ao expor seu desejo por outras mulheres. Para a autora, o espaço do swing se torna um território onde ela pode simultaneamente estar casada com um homem e ter relações sexuais com mulheres, o que seria então, a liberdade experienciada no swing.

A construção de identidades de sexualidade e gênero é fortemente influenciada pelo meio social. A antropóloga Adriana Piscitelli (2004) argumenta que o sistema sexo/gênero é uma estrutura sociocultural que molda, interpreta e incorpora a sexualidade biológica dentro da sociedade. O conceito de sexo refere-se às características biológicas, como as diferenças anatômicas, que são interpretadas e transformadas em categorias e normas sociais mais amplas, conhecidas como gênero. A sociedade não apenas reconhece as diferenças biológicas entre os sexos, mas também as interpreta e as molda em categorias e normas sociais específicas, criando expectativas sobre como as pessoas devem agir, se vestir, se relacionar e se comportar com base em seu gênero percebido. Além disso, as necessidades sociais básicas, como relacionamentos, reprodução e divisão do trabalho, são influenciadas pelas normas e prescrições de gênero estabelecidas pela sociedade (Piscitelli, 2004).

Para Olivia Von Der Weid (2009), a heterossexualidade dos casais que praticam swing é a regra a partir da qual os encontros sexuais são presumidos. Essa afirmação é corroborada por Silvério (2014b), Oliveira e Pocahy (2015), Diniz (2020) e Nascimento (2021). Isso significa que a heterossexualidade enquanto práticas sexuais entre mulheres e homens é configurada como a norma e qualquer desvio é considerado uma exceção no swing. Apesar disso, pensar no swing enquanto uma prática heterossexual não contempla os múltiplos arranjos que emergem das relações entre as pessoas envolvidas. Isto porque, como no excerto de Camila Voluptas (2021), é possível constatar a existência de relações fora desse eixo heterossexual mulher/homem.

As enunciações que buscam reter os sujeitos em uma identidade fixa (hetero/homo) não dão conta de explicar a multiplicidade das relações possíveis no swing. Weid (2009) define as relações entre mulheres no swing a partir da matriz da bissexualidade, sendo ainda as parceiras divididas em ativas ou passivas. Uma das

entrevistadas de Weid (2009, p. 123)²¹, Heloísa, apresenta o seguinte depoimento sobre seus desejos no swing:

Eu gosto da pessoa quando é uma pessoa, uma mulher quente. Tipo bem putona mesmo, que fale o que sente, o que quer, que tá gostando, que peça que faça assim ou assado, mete assim, bota assado, bate, puxa, eu gosto assim.

Embora as entrevistadas de Olivia Von Der Weid (2009) falem abertamente sobre suas identificações ou não com a bissexualidade, suas falas deixam escapar a flexibilidade dessas relações. A entrevistada Ana (Weid, 2009, p 124) argumenta que apesar de ter envolvimento sexual com outras mulheres ela não se vê com outra identidade que não a heterossexual. Ana diz:

A maioria das mulheres que faz swing tem contato entre si. Pode ser com sexo oral, pode ser beijando na boca, pode ser só fazendo uma carícia, pode ser qualquer coisa. Mas, assim, a maioria, não vou falar pelos outros, mas a maioria que eu conheço não anda na rua e olha para uma mulher e imagina. (...) é uma coisa que... a tua sexualidade não está ligada na mulher, acontece de na hora dar tesão, rola normalmente, assim, não tem um preconceito. E a maioria gosta. É o que eu estou te falando, se você perguntar é bom? É. Mas a minha sexualidade não é homossexual. Não sei se dá para entender, é tudo meio complicado...

Para Maria Filomena Gregori (2016), as normas de gênero e sexualidade são desafiadas no contexto das práticas heterossexuais femininas e masculinas, especialmente no uso de sex toys. Segundo Gregori (2016), na heterossexualidade feminina, relacionar-se sexualmente com outra mulher não é visto, pelos padrões contemporâneos, como um completo afastamento das normas sociais. Isso significa que, para muitas mulheres heterossexuais, a experiência sexual com outras mulheres pode ser integrada em suas vidas sem que isso afete significativamente a percepção de sua identidade sexual.

Por outro lado, um entrevistado mencionado por Gregori (2016) revela que suas práticas sexuais com outros homens não ocorreram em contextos homoafetivos tradicionais. Em vez disso, essas experiências foram mediadas pelo desejo feminino, seja através do uso de sex toys ou em situações em que ele foi penetrado por um dildo controlado por uma parceira. Gregori (2016) argumenta que o que está sendo desafiado nesse contexto é a conexão tradicionalmente entendida entre prática e identidade.

²¹ Essas entrevistas estão no artigo *Swing, o adultério consentido* (Weid, 2009), já citado anteriormente.

No livro *Manifesto Contrassexual* Paul B. Preciado (2022) argumenta que a dominação baseada na heterossexualidade é promovida por meio de tecnologias sociais e biopolíticas. Essas tecnologias naturalizam a diferença sexual e impõem uma estrutura heteronormativa aos corpos e desejos. O autor afirma que a sociedade heterocentrada utiliza uma combinação de discursos, práticas médicas e tecnológicas para configurar corpos e subjetividades. Isso significa que essas tecnologias são utilizadas de modo a criar e manter uma determinada hierarquia de gênero e a heterossexualidade como normativas. Essas tecnologias determinam quais partes do corpo são consideradas erógenas, como o prazer deve ser experimentado e quais identidades sexuais são aceitáveis. Elas influenciam a maneira como os corpos são entendidos e desejados dentro de um contexto cultural.

Preciado (2022) critica o uso de tecnologias, tais como cirurgias de redesignação sexual e tratamentos hormonais, quando reforçam a binaridade de gênero ao invés de reconhecer a diversidade das expressões de gênero e sexualidade. O autor argumenta que essas práticas médicas são formas de controle social que normalizam corpos de acordo com uma estrutura de poder heteronormativa. Além disso, a tecnologia dos dildos é utilizada como uma metáfora para exemplificar como os corpos podem ser reconfigurados fora das normas heterocêntricas, de oposições como masculino/feminino, hetero/homo, ativo/passivo. Portanto, Preciado (2022) vê as tecnologias que promovem a dominação heterossexual como mecanismos de controle e normatização dos corpos, enquanto sua proposta contrassexual visa subverter essas normas e promover outro olhar sobre sexo e gênero.

Segundo a filósofa Judith Butler (2018), a performatividade de gênero é uma repetição estilizada de atos que constituem a identidade de gênero ao longo do tempo. Butler argumenta que o gênero não é uma identidade estável, mas uma performance contínua que é sustentada por gestos, comportamentos e discursos socialmente aceitos. Esses atos performativos produzem a ilusão de uma identidade de gênero coerente e natural, mas, na verdade, essa identidade é uma construção cultural mantida por normas sociais. Assim, a performatividade de gênero é o processo pelo qual as pessoas repetidamente produzem gênero conforme as expectativas culturais, criando e reforçando a ideia de que essas identidades são naturais e imutáveis. Essa visão desloca

a compreensão do gênero de uma essência fixa para uma prática dinâmica e contextual, onde as normas e expectativas sociais desempenham um papel crucial na formação e manutenção das identidades de gênero.

As mulheres envolvidas no swing estão, de certa forma, desestabilizando as normas binárias de gênero e orientação sexual, mesmo que ainda operem dentro de um contexto heterossexual. Ao participar do swing, essas mulheres engajam-se em práticas que mostram que a sexualidade não é fixa, mas contextual. Nesse sentido, essas mulheres exemplificam a fluidez e a complexidade da sexualidade humana, desafiando as expectativas sociais que vinculam identidade sexual a práticas sexuais específicas. Ao desestabilizar as fronteiras entre o desejo heterossexual e homossexual, elas ilustram a natureza performativa e construída do gênero e da sexualidade, conforme teorizado por Butler (2018) e Preciado (2022).

Por outro lado, em comparação com as mulheres, os homens têm mais dificuldade em admitir desejo sexual por outros homens no swing devido à construção social da masculinidade e às normas de gênero hegemônicas. Segundo Maria Silvério (2014b), enquanto as práticas sexuais entre mulheres são frequentemente aceitas e até incentivadas pelos parceiros no contexto do swing, os homens enfrentam um tabu mais rigoroso. A bissexualidade masculina é geralmente considerada uma ameaça à heterossexualidade e à masculinidade de todos os homens swingers.

Silvério (2014b) explica que a masculinidade hegemônica requer um autocontrole elevado e uma vigilância constante sobre o comportamento, discurso e interações dos homens. A associação à homossexualidade é vista como uma das ameaças mais comuns a essa hegemonia, criando um ambiente em que os homens sentem necessidade de reafirmar constantemente sua masculinidade. Isto leva a uma rejeição ou ocultação de desejos por outros homens para manter a coerência com a identidade heterossexual normativa. Em contraste, as mulheres no swing têm maior liberdade para explorar a bissexualidade sem que isso ameace a percepção de sua identidade sexual ou feminilidade. Essa flexibilidade é facilitada por uma estrutura social que, embora ainda sexista, permite uma maior expressão de desejo feminino entre mulheres.

Essa diferença é evidenciada nos relatos coletados por Silvério (2014b), onde homens swingers admitiram envolvimento homossexuais apenas em contextos muito

privados e de confiança, destacando o estigma ainda presente em torno da bissexualidade masculina. Uma identidade anunciada como bissexual em um homem no swing é vista com estigma e preconceito. A heterossexualidade é um dispositivo normativo (Preciado, 2022) que se manifesta de forma mais rigorosa entre os homens no swing.

A masculinidade é associada ao desejo por mulheres, sendo o desejo direcionado para outros homens como um risco à integridade masculina (Silvério, 2014b). Um dos entrevistados de Olívia Von Der Weid (2009) discute como, no contexto do swing, é possível que homens se relacionem entre si, apesar do discurso heteronormativo predominante. Ele explica que, embora muitos homens swingers se identifiquem como heterossexuais, os desejos e práticas sexuais não se alinham necessariamente com a identidade sexual pública dos participantes. Segundo o entrevistado André (Weid, 2009, p. 122):

Ele é um cara bissexual, que não é assumido. Mas eu conheço gente que viu ele numa suruba chupando o pau de um cara, escondido. E o cara viu e me contou. Mas ele não assume. Nesse meio o cara chega e fala, vi fulano e tal... mas oficialmente não é.

O depoimento de André coloca uma imposição normativa, em que se presume que a identidade sexual dessa outra pessoa diverge daquela que seria declarada por ela mesma. Essa visão reflete a crença de que a sexualidade é uma identidade fixa e verdadeira, que estaria sendo ocultada. O infrator da norma é sempre um outro distante, “amigo do conhecido do fulano”, evidenciando a dificuldade desses homens do swing em reconhecer que seus desejos não se encaixam nas etiquetas heteronormativas.

Nesse sentido, nota-se uma dinâmica de vigilância e policiamento das identidades sexuais. Essa narrativa ilustra como as práticas sexuais no contexto do swing são frequentemente cercadas por um regime de visibilidade e ocultação. O entrevistado André (Weid, 2009) ao afirmar que o outro é bissexual não assumido, reforça a ideia de que esses desejos desviantes devem ser mantidos ocultos. A bissexualidade masculina e outras expressões de desejo que desafiam a normatividade heterossexual são reconhecidas apenas como segredos compartilhados de forma clandestina, sem uma aceitação pública ou oficial.

A entrevista de Bernardo para Weid (2009) revela que o desejo não está imprimido em uma identidade ou gênero. As tecnologias sexuais fabricam corpos sexualizados ao determinar como o prazer deve ser experimentado e quais identidades sexuais são aceitáveis em um determinado contexto. Em sua fala, Bernardo expressa seu desejo em ter relações sexuais com outros homens (Weid, 2009, p. 120):

Aqui no swing tem a regra geral, as mulheres são bi e os homens são hetero, exclusivamente, e eu não concordo com isso. Aí é posição minha, mas é uma coisa que eu não posso mudar porque os caras são muito machistas, extremamente machistas, entendeu? Ninguém aqui sabe da minha opção: eu tenho vontade também de transar com homens (...) Já tive transas com homens na minha adolescência, três vezes, e fora aquela iniciação que todo garoto começa, aprende a se masturbar com outro garoto. Então, tive um tempo de crise; pô será que eu sou gay, será que eu sou gay? Eu sou capaz de falar que não quero, mas eu quero... Aí eu resolvi, e hoje eu tenho vontade de transar com homens. Mas é uma coisa engraçada, porque eu não tenho tesão pela figura masculina, a figura masculina não me atrai, só o falo. Uma coisa... você deve saber disso, deve ter algum estudo, se não tem vai ter, mas não sei, é só o falo. Agora aqui dentro isso não rola. Nem mesmo tocar no assunto, o pessoal tem muito preconceito.

Dessa forma, há uma percepção comum na sociedade contemporânea de que a heterossexualidade é o estado natural dos relacionamentos humanos, sendo estabelecida como o *normal* que define as relações sexuais. Para o sociólogo Richard Miskolci (2003), a normalidade não é algo inerente ou natural, mas sim o resultado de discursos e práticas sociais que moldam essa percepção. O autor destaca que a força da normalidade reside nas "promessas de saúde, felicidade, longevidade e beleza" (Miskolci, 2003, p. 124) que ela oferece. Essas promessas criam um desejo contínuo nos indivíduos de se alinhar a esse ideal de normalidade, o que os mantém envolvidos em um ciclo interminável de autoexame e correção. Ser "normal" se torna um ideal inatingível que constantemente frustra aqueles que o buscam, pois a normalidade é um conceito fluido e inalcançável.

Além disso, Miskolci (2003) aponta que a anormalidade está presente em todos os indivíduos, já que o dispositivo da normalidade opera constantemente para corrigir desvios percebidos. Tudo que se desvia da normativa heterossexual e do binarismo de gênero é considerado abjeto e indesejável, algo que precisa ser corrigido. Assim, a heteronormatividade se torna o ideal a ser perseguido e a única forma de relacionamento amplamente aceita na sociedade. Portanto, a ideia de normalidade é construída

socialmente e perpetuada por meio de promessas sedutoras, mas inalcançáveis, que constroem os indivíduos em um ciclo contínuo de busca e frustração, enquanto a heteronormatividade se consolida como o padrão a ser seguido.

As casas de swing operam sob certos pressupostos normativos relacionados à sexualidade e ao gênero. Conforme Rafael Diogo Pereira (2016), esses locais reforçam modelos de heterossexualidade, feminilidade e masculinidade, permitindo, ao mesmo tempo, que essas regras sejam extrapoladas ou suspensas em determinados momentos ou práticas. Pereira (2016) destaca que práticas subversivas estão presentes na sociedade e se manifestam em diversos espaços. Mesmo em locais onde a heterossexualidade normativa prevalece há também dissidências. Nesse sentido, o autor afirma que as casas de swing constituem um espaço privilegiado para experimentações de diversas práticas sexuais desviantes na sociedade brasileira.

Neste capítulo, foram discutidas noções sobre identidades sexuais e de gênero, a partir de conceitos como a tecnologia de gênero e sexualidade. Nesse sentido, os espaços para a prática do swing se tornam privilegiados para desestabilizar relações entre categorias, tais como casamento e monogamia, sexualidades hetero/homo/bi e feminilidades e masculinidades. Desse modo, entende-se que o meio social influencia diretamente as práticas sexuais e identitárias, assim como normas e prescrições de gênero moldam as interações e expectativas dentro desses contextos. Portanto, a multiplicidade de arranjos possíveis no swing se torna um campo fértil para os debates acerca de gênero e sexualidade.

No próximo capítulo, abordo a caracterização de uma casa de swing, tendo como objeto de estudo a casa de swing Liberty Club. Discuto seu funcionamento, os aspectos físicos do espaço e os deslocamentos possíveis dentro desse local. Ao examinar esses elementos, visio uma melhor compreensão de como as casas de swing operam como tecnologias de gênero e sexualidade, influenciando a maneira como as pessoas exploram sua sexualidade e gênero.

3 NOITE DAS SURPRESAS: UM OLHAR POR DENTRO DA CASA DE SWING

Na *Noite das surpresas para casais & singles* “os artistas Blade e Brenda te esperam para um incrível show de strip-tease, enquanto Gi e Cleia animam os palcos durante a festa” (Anexo B). Esse foi o convite que recebi em minha caixa de e-mails dias antes da festa. Nessa mesma semana, entre os dias 10 e 15 de abril de 2023, enviei uma mensagem para o gerente da casa de swing que aceitou conversar comigo. Combinamos que eu o encontraria na festa de sábado para me apresentar e explicar a minha pesquisa. Confesso que foi um pouco difícil de explicar o porquê do meu desejo de investigar a iluminação da casa de swing no meio daquele barulho de música alta e com pessoas interferindo o tempo todo. Consegui, no máximo, ser convincente o suficiente para marcar uma visita com a casa fora de funcionamento.

Dentre as conversas que tivemos naquela noite, o gerente comentou sobre uma entrevista que ele e um colega deram no ano anterior. A entrevista foi realizada no dia 26 de maio de 2022²² por Mirela Joy e Nicole, apresentadoras do Podsexy. Além de explicar o funcionamento geral de uma casa de swing, os entrevistados contaram a história do estabelecimento, o que diferencia uma casa de swing de uma *balada comum*, algumas regras da casa, aspectos sobre o meio do swing, as festas e artistas convidados, além de responderem dúvidas gerais das entrevistadoras. Em uma segunda-feira, dia 15 de maio de 2023, realizei a visita na casa de swing, onde fiz um esboço dos ambientes, tirei algumas medidas gerais e fiz alguns registros fotográficos que contribuíram para que eu pudesse desenhar um croqui do local. Durante essas duas horas que fiquei conhecendo a casa, realizei uma conversa com o gerente que explicava os ambientes, contava sua experiência de uma década no estabelecimento, algumas histórias dos frequentadores, e a sua própria história com o swing.

A casa de swing Liberty Club foi fundada em outubro de 1998, em Balneário Camboriú, Santa Catarina, sendo considerada uma das mais antigas do Brasil ainda em funcionamento. Quando inaugurou, as festas eram feitas apenas para amigos e

²² PODSEXY. Luiz Michael e Fernando Garcia (Liberty Club) - podsexy #04. Youtube, 26 de maio de 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/live/5TwytatJjsc?si=jxEwxTzrUymn_P4L. Acesso em: 23 de outubro de 2024.

conhecidos através de um convite. Assim, para frequentar, a pessoa precisava ser do meio do swing ou conhecer alguém que o fosse. Esse tipo de limitação permitia, por um lado, que somente pessoas interessadas em swing fossem para a casa, mas, por outro, diminuía as possibilidades de encontros diversificados (Podsexy, 2022, 6').

Inicialmente, a casa possuía uma pista de dança, espaço onde os casais socializavam e se conheciam, e quartos privativos que poderiam ser alugados. Nesse momento eram permitidos apenas casais, e de preferência, aqueles que já eram do meio. Para facilitar as interações, o casal fundador propunha diversas brincadeiras, como a do chapéu ou a do relógio. A brincadeira do chapéu consistia na utilização desse acessório como iniciador da interação. Por exemplo, quando um casal tinha interesse no outro, chegava nele e colocava o chapéu. Essa ação ajudava os casais, de uma maneira mais lúdica, a se envolverem. Já na brincadeira do relógio, que possuía o mesmo intuito, os casais se organizavam em círculos, as mulheres no círculo interno e os homens no círculo externo, e ao girar o círculo interno (das mulheres) no sentido horário fazia com que os participantes tivessem interações com as demais pessoas na casa (Podsexy, 2022, 7').

Ao longo de seus vinte e cinco anos de funcionamento, a casa foi sofrendo modificações e reformas. Os quartos que eram privados e podiam ser alugados foram abertos para todo o público das festas. A casa foi aumentando até chegar nos atuais ~900m² e mais de cinquenta ambientes (Podsexy, 2022, 7'). O que antes abrigava alguns poucos casais, hoje conta com a possibilidade de uma lotação de quinhentas pessoas. A casa de swing fica aberta todas as semanas de quinta-feira a sábado, das 22h até o amanhecer. Em épocas de muito turismo, como o verão e feriados prolongados, pode funcionar todos os dias em horários especiais.

Para atender às expectativas e desejos de seu público, os organizadores da casa de swing buscam constantemente por novidades e atualizações. De acordo com relatos de gestores da casa, o público que frequenta esses estabelecimentos não está apenas interessado na música, mas principalmente em vivenciar experiências novas e estimulantes relacionadas ao ambiente sexual. A inovação constante é um elemento central na administração desta casa, com a criação de novos espaços e atrações a cada ano. Um exemplo de inovação é o desenvolvimento de um ambiente com academia, que

segundo um dos gestores, visa surpreender e atrair os frequentadores. As ideias para essas inovações surgem tanto da observação do comportamento dos clientes quanto das experiências dos proprietários em visitas a clubes de swing e hotéis ao redor do mundo. Ao identificar elementos sensuais ou estimulantes em outros ambientes, os proprietários adaptam essas características ao contexto da casa de swing. Além disso, a equipe de funcionários também contribui com sugestões e ideias criativas, sendo que as principais inovações estruturais e de ambiente são atribuídas aos proprietários. Essas transformações contínuas refletem “o compromisso de proporcionar uma experiência única e sempre renovada” aos frequentadores (Podsexy, 2022, 51’).

Figura 8 - Croqui da casa de swing



FONTE: Autoria própria (2023)

Os esboços feitos na visita em 15 de maio de 2023 serviram como as primeiras linhas que resultaram em um croqui da casa de swing (Figura 8). Nesse desenho a área da pista de dança chama atenção pelo seu tamanho (~175m²). Escolhi usar o roxo no croqui porque as luzes do ambiente são uma combinação de cores, com destaque para o azul e magenta. Por tanto, o roxo representa essa mistura de forma visual. Do mesmo modo, os corredores em vermelho, conhecidos como Labirinto, foram coloridos por conta da luz avermelhada das arandelas. Na área externa, as paredes e o corredor foram coloridos de azul sólido, porque é a cor da casa. A área da piscina está colorida de modo a representar as cores que existem nesse ambiente, como o deck de madeira, a piscina azul, as camas na cor branca, o sofá laranja, o jardim verde, a área da academia com pisos cerâmicos marrom, a área de fumantes em cinza com mesas e cadeiras brancas. Optei por manter os outros ambientes mais neutros, já que, estes possuem uma temperatura aparente da cor azul (<7000k), ou uma baixíssima luminosidade. Esses e outros ambientes serão explicados mais detalhadamente adiante.

Este capítulo tem como objetivo explorar os aspectos físicos da casa de swing analisada, fornecendo uma compreensão de seu funcionamento e organização espacial. Inicialmente, serão abordadas as principais regras de operação de uma casa de swing, assim como outras normativas que regulam as práticas nesse contexto. Em seguida, serão apresentados os aspectos gerais dos ambientes por meio de uma planta baixa, com ênfase nos fluxos de deslocamento dentro da casa. Por fim, serão descritos os principais espaços da casa, com uma explicação das divisões e categorias que foram elaboradas para a organização deste trabalho. Dessa forma, busca-se oferecer uma visão abrangente da configuração física e funcional desse tipo de estabelecimento.

3.1 Tudo é permitido, e nada é obrigatório: regras de funcionamento

As casas de swing funcionam, dentro de suas fronteiras, como um reduto no qual determinadas regras referentes ao casamento e à sexualidade são flexibilizadas ou mesmo rompidas. Essas regras sancionadas pelo estado e/ou por instituições religiosas são provisoriamente suspensas enquanto esses indivíduos frequentam esse espaço. Pereira (2016) chama atenção para a suspensão dessas normas sociais no sentido que,

enquanto fora desses espaços parece não haver rupturas desses modelos sociais pelos praticantes do swing. Em contrapartida, dentro desses espaços operam outros conjuntos de regras, que são elaboradas pelas próprias casas de swing, outras pela comunidade do swing, e outras pelos frequentadores ao expressarem seus limites pessoais.

As casas de swing são ideais para aqueles que estão iniciando nas práticas do swing, dado que será um lugar onde há maior segurança para a realização dos encontros. Cada casa de swing pode ter suas próprias regras e políticas específicas que são explicadas no momento da entrada. Entre as determinações exigidas na casa de swing (Anexo D) estão: não levar bebidas ou substâncias tóxicas para seu interior, não fazer registros fotográficos ou em vídeo, fazer silêncio nos ambientes destinados às práticas²³, e o controle de entrada de clientes em função da especificidade dos espaços. No site da Liberty Club²⁴ consta a recomendação da leitura dos *10 mandamentos do swing* (Anexo E) e o *Manual swinger* (Anexo F). Essas regras e manuais servem para orientar aqueles que nunca foram em uma casa de swing, ou que não conhecem as práticas.

O primeiro item dos *10 mandamentos do swing* é o uso de preservativos (Anexo E). As casas providenciam preservativos que podem ser distribuídos de forma gratuita na entrada ou paga na lojinha (sex shop). O uso dos preservativos é uma questão muito importante dentro dos espaços de swing, tendo em vista que seu uso se dá de forma rápida e fácil, e isso diminui as chances de se propagar alguma infecção sexualmente transmitida (IST). Faz-se notar aqui, que a escolha de usar as camisinhas geralmente é feita por homens, já que o modelo distribuído nas casas é para ser usado em um pênis, sendo raro a distribuição e uso da camisinha feminina. Isso significa que a segurança das relações sexuais, geralmente, é atribuída a esses indivíduos do sexo masculino, dos quais se espera que façam o uso apropriado de camisinhas.

²³ O silêncio mencionado refere-se à proibição de conversas, comentários ou risadas que possam constranger os outros presentes. No entanto, isso não inclui sons como gemidos ou falas que sejam adequadas e permitidas dentro do contexto específico das práticas realizadas no local.

²⁴ Liberty Club. Disponível em: <http://libertyclub.com.br/zbm/casa.html>

A antropóloga Raquel Cardoso Oscar (2015) realizou uma pesquisa sobre prevenção de DSTs²⁵/Aids nos grupos de adeptos do swing no Brasil. Nos casais entrevistados, assim como nos eventos que promovem a prática do swing, todos afirmaram a importância do uso da camisinha, e, no caso dos homens, afirmaram fazer uso da camisinha de forma recorrente. Porém, apesar do discurso ser o de prevenção e reiteração para o uso de preservativos em algumas práticas, como as sexuais orais (que envolve o uso da boca em contato com a genitália da parceira/o), o uso da camisinha tende a diminuir. A autora conclui que o grupo de praticantes do swing é considerado de risco, uma vez que suas práticas com múltiplos parceiros aumentam a suscetibilidade ao contágio de infecções sexualmente transmissíveis (IST).

Nos *10 mandamentos do swing* (Anexo E) há recomendações sobre o comportamento desejável para a realização das práticas do swing, são algumas delas: 2º estar preparado psicologicamente, 3º aproveitar o momento; 4º preparar-se antes da iniciação; 5º ter uma relação agradável; 9º seja educado; 10º que sejam estabelecidos os limites de forma clara²⁶. Essas sugestões têm como objetivo diminuir o estranhamento ou possibilidade de conflitos dentro da casa de swing, para que assim os frequentadores possam ficar confortáveis nos ambientes. Os casais que frequentam pela primeira vez uma casa de swing precisam acordar previamente sobre seus desejos e limites. Dentro de uma casa de swing nem sempre será possível debater sobre cada situação que ocorre, e já ter estabelecido de antemão as intenções das práticas que desejam realizar evita brigas e confusões. Porém, mesmo quando tudo está acordado, os sujeitos não estão imunes às emoções que possam ser evocadas. Quando alguma confusão é identificada, seguranças são acionados para solucionar o conflito.

No *Manual Swinger* (Anexo D) outras recomendações acerca dos comportamentos são listadas em forma de dúvidas frequentes entre os iniciantes. A

²⁵ “A terminologia Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) passa a ser adotada, em novembro de 2016, em substituição à expressão Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), porque destaca a possibilidade de uma pessoa ter e transmitir uma infecção, mesmo sem sinais e sintomas”. Infecções Sexualmente Transmissíveis. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/i/ist#:~:text=Importante%3A%20A%20terminologia%20Infec%C3%A7%C3%B5es%20Sexualmente,mesmo%20sem%20sinais%20e%20sintomas>. Acesso em: 23 de outubro de 2024.

²⁶ As orações do documento foram resumidas, porém o sentido original foi mantido. Para ler os itens completos, consulte o Anexo E.

primeira questão diz respeito à forma de agir, a qual é recomendado que a pessoa tente uma aproximação e se apresente para outros frequentadores. Sobre as investidas é trazido a informação de que o interesse pode ser recusado, mas que isso seja feito sempre de forma respeitosa. No terceiro tópico, o manual sugere que as pessoas sejam honestas com seus sentimentos e desejos, recusando alguma interação caso não se sintam à vontade para realizá-la com a pessoa que iniciou o contato. Os limites de cada um são muito importantes, por isso o manual sugere que seja combinado com o parceiro o que pode ou não acontecer com antecedência. Outros tópicos do manual dissertam sobre cuidados com outros frequentadores e com o próprio local, sempre recomendando o respeito ao próximo.

Essas regras operam como meios de regulação do comportamento social e emocional dentro de um contexto que demanda a gestão de emoções e relações complexas. Nesse sentido, o controle dos comportamentos se enquadra enquanto tecnologias de gênero (Preciado, 2022) visto que, moldam as formas de interações corporais e emocionais dentro do ambiente de swing, regulando desejos e práticas. Tais tecnologias funcionam como mecanismos para manter a ordem e diminuir tensões, criando uma "normalidade" específica para aquele espaço. Em paralelo, a reflexão de Miskolci sobre normalidade e desvio (2003) pode ser aplicada nesse caso ao considerar como as regras ali estabelecidas tentam reduzir o "desvio" de comportamentos indesejados, ao mesmo tempo em que normalizam práticas e interações que, em outros contextos, poderiam ser vistas como desviantes. Dessa forma, esses mandamentos operam como dispositivos de poder que organizam corpos, desejos e comportamentos de acordo com um padrão socialmente aceito naquela conjuntura.

No universo do swing, a regra mais importante é o consentimento. O lema "onde tudo é permitido, e nada é obrigatório" (Podsexy, 2022, 27') resume bem a dinâmica desse ambiente. Isso significa que, os frequentadores da casa podem interagir de maneira que lhes seja mais prazerosa, desde que respeitem os limites estabelecidos pelos demais. Qualquer contato físico ou sexual requer o consentimento claro e mútuo de todos os envolvidos, muitas vezes sendo necessário expressá-lo de forma verbal. Quando há dúvida, a regra é simples: não se deve tocar em ninguém sem permissão (Podsexy, 2022, 10'). Nesse contexto, o *não* é definitivo e não precisa ser repetido ou

justificado²⁷. O respeito por essa regra é tão fundamental que, caso alguém a desrespeite, pode ser denunciado e removido do evento. O consentimento, portanto, garante (pelo menos na teoria) um espaço seguro e confortável para que todos possam participar das práticas de acordo com seus limites pessoais.

Maria Filomena Gregori (2016) aponta que, o consentimento é um elemento fundamental nas práticas sexuais, especialmente nas que envolvem jogos eróticos que tensionam as fronteiras entre prazer e perigo. Para a antropóloga, a noção sobre o consentimento na realização de práticas sexuais tem se expandido nos últimos anos, destacando sua importância para os direitos sexuais. Ainda, as novas formas de erotismo reconhecem que, para garantir a segurança e o bem-estar de todos os envolvidos, é essencial que haja um acordo explícito e mútuo sobre os limites e desejos de cada participante. Além disso, é crucial considerar a vulnerabilidade de certas pessoas em contextos específicos, onde o consentimento pode não ser plenamente possível, como em situações de desequilíbrio de poder ou risco. Gregori (2016) também ressalta que, embora o consentimento seja essencial, ele não elimina por completo os riscos envolvidos nas práticas eróticas, que exigem negociações delicadas e cuidadosas para evitar perpetuar desigualdades e garantir a segurança dos participantes. Assim, consentimento e vulnerabilidade são termos fundamentais para a compreensão dos limites da sexualidade e das práticas seguras.

Embora o consentimento seja destacado como uma regra fundamental nas práticas sexuais dentro de casas de swing, garantindo que o *não* seja definitivo e respeitado, essa narrativa pode mascarar as desigualdades de gênero e as hierarquias que continuam presentes nesses espaços. A ideia de que todas as pessoas serão igualmente respeitadas não leva em consideração as diferenças estruturais que

²⁷ Ambientes como casas noturnas no Brasil foram acusadas de serem coniventes com o desrespeito e falta de consentimento das mulheres sobre as investidas masculinas. No ano de 2017 um coletivo feminista organizou uma campanha depois de mais um caso de assédio em uma festa de pré-carnaval que se chamava *não é não*. Essa campanha tinha como intuito conscientizar as mulheres de que elas podiam se negar a ter qualquer tipo de investida não consentida, assim como, uma tentativa de diminuir os assédios, ou, se não possível, aumentar a rede de acolhimento das mulheres que sofrem assédio em ambientes de festa. Foi exigido também que os clubes de festas tivessem algum tipo de posicionamento quanto os casos de assédio e que tomassem medidas cabíveis caso alguma situação assim acontecesse. Coletivo não é não. Disponível em: <https://naoenao.com.br/nossa-historia/>. Acesso em: 23 de outubro de 2024.

influenciam como homens e mulheres são vistas e tratadas em contextos sexuais. Por exemplo, as mulheres frequentemente enfrentam pressões sociais relacionadas à sua sexualidade, como a expectativa de serem desejadas e admiradas, enquanto os homens podem ser incentivados a assumir um papel mais ativo e dominante. Isso cria um ambiente onde, apesar da aparente igualdade nas regras de consentimento, as interações ainda podem ser moldadas por dinâmicas de poder que favorecem certos comportamentos e restringem outros. As hierarquias de gênero são, portanto, reproduzidas, o que pode comprometer a real equidade e autonomia das mulheres nas práticas sexuais, tornando o consentimento uma ferramenta insuficiente para lidar com essas desigualdades.

As regras gerais de funcionamento, assim como as normas específicas de cada ambiente, são explicadas por um monitor na entrada da casa de swing (Anexo G). Há regras diferenciadas para pessoas solteiras, que recebem uma pulseira de identificação. Essa pulseira permite que circulem pelos ambientes, mas somente aqueles que tenham o aviso *permitido solteiros* na porta (Podsexy, 2022, 15'). Alguns espaços são exclusivos para casais, e nesses locais o casal deve entrar e sair sempre junto. Casais têm acesso livre à maioria dos ambientes, exceto os camarotes, que são pagos e permitem a entrada apenas da pessoa que pagou e de quem ela convidar. Para assegurar o cumprimento dessas regras, monitores ficam nos corredores e na entrada de quartos com restrições, orientando ou impedindo o acesso quando necessário.

Muitas casas de swing controlam a entrada de pessoas solteiras organizando festas exclusivas para casais. No entanto, na casa analisada, todas as festas são abertas tanto para casais quanto para solteiros. As restrições geralmente são aplicadas aos homens solteiros, enquanto mulheres solteiras têm mais liberdade de acesso. Para manter um equilíbrio entre casais e solteiros, a entrada de pessoas solteiras é limitada a 30% da capacidade total da casa. Se esse limite for atingido, os clientes solteiros podem ser barrados na entrada.

A diferença de tratamento entre homens e mulheres solteiros na entrada de casas de swing reflete uma desigualdade de gênero que perpassa o contexto social e é reproduzida nesses espaços. Enquanto homens solteiros enfrentam restrições mais rígidas, como a limitação de sua entrada para manter o equilíbrio entre casais e solteiros,

mulheres solteiras têm mais liberdade de acesso. Essa diferenciação se baseia, em parte, em estereótipos que posicionam o homem como potencialmente mais invasivo ou desrespeitoso nas interações, enquanto as mulheres são vistas como um atrativo para o ambiente e práticas eróticas. Tal desigualdade, embora possa ser justificada como uma forma de controle de segurança e equilíbrio numérico, perpetua uma visão desigual dos gêneros, reforçando a ideia de que as mulheres têm um papel mais passivo e desejado nesse contexto, enquanto os homens são vistos com maior cautela e precisam ser mais monitorados. Essa abordagem não só reflete como também sustenta dinâmicas de poder entre os gêneros dentro desses espaços.

3.2 Exploração guiada: conhecendo a casa de swing

Ao entrar pela primeira vez em uma casa de swing, somos recebidos com a possibilidade de sermos guiados por um monitor, que nos apresenta cada detalhe do local. Essa visita guiada se torna uma das principais formas de familiarização com o espaço, onde o foco está em conhecer e respeitar as regras que regem cada ambiente. Esse primeiro contato não apenas informa, mas também desperta os sentidos e prepara o corpo para a experiência que virá. Através do olhar, somos levados a observar e interpretar o que o ambiente oferece, compreendendo como cada espaço é projetado para mobilizar emoções e estimular os frequentadores. Esse processo de exploração revela como os corredores, salas e áreas da casa criam um cenário único, onde os deslocamentos físicos refletem e produzem as dinâmicas de desejo e descoberta.

A abertura para o mundo do swing começa na recepção da casa de swing. O primeiro contato começa com uma revista feita pelos seguranças e, em seguida, pelo direcionamento para as cabines dos caixas. Aos homens é exigido uma revista corporal, enquanto para as mulheres é solicitado apenas que abram suas bolsas, caso estejam portando uma. Nos caixas são explicadas as políticas de preços da casa e é entregue uma comanda física que será usada para registrar o consumo durante a estadia, com o pagamento realizado na saída. Após esse processo, um monitor nos guia para um corredor que conecta a recepção à pista de dança.

Figura 9 - Planta baixa de circulação e zoneamento da casa de swing



FONTE: Autoria própria (2023)

A planta baixa da casa de swing (Figura 9) ilustra o percurso sugerido para a apresentação dos ambientes, marcado pelas setas vermelhas. O circuito começa na pista de dança localizada próxima ao centro da planta, que é o principal ambiente para socialização. Nela estão localizados o acesso aos banheiros, a lojinha²⁸ (sex shop), o guarda-volumes e o bar. Na sequência, estão os corredores do labirinto, localizado à esquerda da planta. As entradas e saídas estão sinalizadas com 01 e 02, podendo começar e terminar o circuito em qualquer uma das direções (01-02 ou 02-01). O caminho através do labirinto leva para outras áreas mais privadas, como o Dark Room e o Quarto Prisão.

Depois de explorar a pista de dança e o labirinto, a circulação continua em direção ao lado direito da planta, que inclui a área da piscina e outras instalações privadas. Nessa área externa estão ambientes como a Academia e o Cinema, sendo a piscina acompanhada por duas camas com dossel. Ademais, há um corredor que conecta outras áreas da casa, como o Quarto para Casais e o Glory Hole. Durante o percurso, são explicadas as regras de cada espaço, quem pode acessá-los e como funcionam. Essas regras serão explicadas nos ambientes selecionados para análise nos capítulos seguintes.

Ao final do percurso, o monitor reforça a importância do consentimento e informa que, caso haja qualquer desconforto, os monitores sempre estão à disposição, circulando pelos corredores para garantir a segurança e o bem-estar de todos. Contudo, apesar do controle do uso de câmeras e celulares para garantir a privacidade dos que estão na casa (Podsexy, 2022, 11'), há outros modos de cerceamento da intimidade. Nesse sentido, destaca-se a vigilância constante exercida pelos funcionários, que já no início da apresentação informam que sempre há alguém observando os movimentos e interações que ocorrem principalmente nas áreas comuns. Embora essa vigilância seja apresentada como limitada e destinada a garantir a segurança, ela levanta questões sobre até que ponto os frequentadores realmente têm controle sobre sua privacidade. A presença desses observadores, mesmo discreta, pode interferir na percepção de

²⁸ Lojinha é o termo utilizado nas mídias sociais na divulgação dos acessórios vendidos nesse espaço dentro da casa de swing.

liberdade e espontaneidade, fazendo com que os participantes estejam cientes de que seus comportamentos são monitorados.

Nesta planta baixa (Figura 9), a casa de swing está dividida em quatro zonas distintas, cada uma representando um conjunto de ambientes com características únicas que oferecem diferentes experiências aos frequentadores. As zonas são organizadas por cores para facilitar a compreensão das dinâmicas e atmosferas de cada espaço. A zona roxa, que ocupa uma grande área central, é dedicada à pista de dança. Este espaço é aberto, dinâmico e vibrante, onde os visitantes podem socializar de maneira descontraída e animada. O ambiente possui uma iluminação cênica, proporcionando visão para algumas interações, com destaque para a música e a dança. Nesta área, há também barras de pole dance para exhibições, mesas para e lugares para se sentar e observar. O capítulo seguinte (04) será dedicado a explorar mais profundamente esse ambiente.

A zona vermelha é composta pela área do labirinto e espaços adjacentes que oferecem um ambiente mais fechado e reservado. Este espaço é projetado para criar uma atmosfera de mistério e exploração, onde os participantes podem se perder nas diversas passagens, experimentando uma sensação de descoberta. A transição para o labirinto marca o início de uma mudança de atmosfera dentro do espaço da casa, saindo do vibrante e público para ambientes mais privados.

Os quartos da zona azul são espaços onde a luz é suficiente para que as pessoas possam ser observadas. Estes quartos oferecem uma experiência mais aberta e transparente, ideal para aqueles que preferem interações onde a visibilidade e o contato visual desempenham papéis importantes. Enquanto a zona amarela representa os quartos que têm pouca ou nenhuma iluminação. Esses ambientes são ideais para quem busca uma experiência mais sensorial e focada na privacidade, onde o anonimato e a imersão nas sensações são o foco principal. As interações nesses quartos são moldadas pela ausência de visibilidade clara. No capítulo quinto, será explorado o contraste entre os quartos iluminados com os quartos mais escuros da casa.

4 BALADA LIBERAL: A PISTA DE DANÇA E AS TECNOLOGIAS DE GÊNERO

A festa que inaugura este capítulo, intitulada *Balada Liberal* (Anexo G), carrega em seu nome um convite sutil para um evento dedicado ao swing. O termo balada, na cultura contemporânea, refere-se a uma festa ou evento social, geralmente noturno, em que as pessoas se reúnem para dançar, ouvir música, socializar e se divertir. Enquanto o termo liberal carrega consigo a ideia de um cenário preparado para o prazer sexual. Mais do que apenas uma festa, essa experiência é uma organização corporal arquitetônica, uma preparação para o que o resto da casa de swing promete revelar.

O ponto de partida dessa jornada sensorial é a pista de dança. Ali, o prazer começa a se desenrolar em uma dança que mescla o ritmo dos movimentos com o convite à sedução. A casa de swing, então, revela sua primeira camada do que podemos chamar de "strip-tease arquitetônico erótico". A pista de dança é como a primeira peça de roupa a ser removida, uma abertura simbólica que inicia o processo de descoberta dos corpos e práticas sexuais. Esse espaço não é apenas um cenário, mas o palco onde as primeiras provocações se manifestam, onde a dança se torna uma forma de preliminar para o que está por vir.

A área da pista é ampla e aberta, projetada para acomodar muitas pessoas, com espaço destinado à dança, performances artísticas e interação social. O público é instigado a se concentrar no centro da pista de dança, onde as apresentações ocorrem, reforçado pelas luzes que guiam os olhares para esse ponto focal. A iluminação é um dos elementos mais essenciais na criação de atmosferas nesse ambiente. A partir de um planejamento luminotécnico, é possível estabelecer diferentes níveis de intimidade, atração e envolvimento. Na pista de dança, a iluminação não apenas guia o olhar e define o foco dos participantes, mas também influencia o comportamento, a disposição física e a interação entre os frequentadores.

A estratégia de iluminação adotada na pista de dança em uma casa de swing deve balancear aspectos funcionais e estéticos. Utilizam-se comumente luzes de realce (spotlights) direcionadas para áreas de performance, como no pole dance, combinadas com iluminação ambiente mais suave, que favorece o conforto visual indireto criando sombras que reforçam a privacidade e a discrição necessárias para práticas mais íntimas

e reservadas. Além disso, a iluminação em cores, como luzes LED em tons de vermelho, azul e púrpura, é frequentemente empregada para criar uma atmosfera de mistério, excitação e sensualidade.

A pista de dança é uma vitrine, onde os frequentadores se exibem em busca de interações sociais e físicas. A interação entre luz e comportamento torna-se, então, parte integral da experiência. A iluminação estimula o flerte, a troca de olhares e os movimentos sensuais que são características inerentes a esse ambiente. A luz guia não apenas o olhar, mas também o desejo, ampliando a conexão emocional e física entre os frequentadores. A dinâmica entre observador e observado é, assim, reforçada pela iluminação, que não apenas destaca, mas também oculta. Desse modo, os limites entre público e privado, entre observador e observado, são produzidos através da iluminação.

Os convites para experiências mais íntimas podem surgir das interações realizadas na pista de dança. Ao atrair a atenção de alguém cujos interesses convirjam abre-se a oportunidade de explorar experiências em outros ambientes, como nos quartos. A pista de dança é um espaço de mediação entre os desejos e os interesses de cada um, onde as relações podem acontecer de forma mais lenta, através de várias interações, conversas e flertes. Os limites de cada um ficam mais explícitos pois é possível comunicar de várias formas se há interesse ou não na relação através de olhares, sorrisos, conversas, se afastando ou se aproximando fisicamente.

O contato visual é o condutor das ações que se realizam na pista de dança. Os sentidos são convidados a participar da experiência. As bebidas disponíveis servem como um facilitador para os encontros, aumentando a coragem para iniciar relações; o paladar se torna o sentido para o encorajamento (Pastana, 2018). As músicas altas vibram nos corpos, chamando para a dança; a audição é o sentido estimulado em seu extremo. Os cheiros se confundem com o efeito fumaça, dificultando o acesso aos odores dos corpos (Silveira, 2014). O contato se dá apenas depois do consentimento, podendo vir leve como um toque no braço e ir aumentando para beijos, passadas de mão pelos corpos, entre algumas possibilidades de práticas sexuais.

Desse modo, o que a casa de swing proporciona é um cenário no qual os frequentadores possam experimentar algumas de suas fantasias e, acima de tudo, expressar-se através de práticas sexuais (Silveira, 2014). Nesse contexto, a pista de

dança torna-se o palco onde o espectador e o participante se alternam constantemente. Os corpos que ali se movem, exibindo-se ao som da música, são sujeitos de desejo, e, ao mesmo tempo, desafiam uma fantasia idealizada. A luminosidade e os jogos de sombras que envolvem esses movimentos contribuem para a criação dessa dualidade, onde a presença física constantemente tensiona a fantasia.

Nesse sentido, a pornotopia descrita por Paul B. Preciado (2020), é definida como um espaço utópico erótico criado pela indústria farmacopornográfica. Indústria essa que produz desejos e expectativas sexuais através de produtos culturais e tecnológicos. Em uma casa de swing, esse imaginário é construído para alimentar fantasias, sugerindo uma libertação sexual, onde os frequentadores são seduzidos a realizar os desejos mais íntimos e idealizados. A arquitetura do espaço, com sua pista de dança, seus quartos e labirinto, é uma manifestação física desse ideal, onde o voyeurismo e o exibicionismo coexistem como em uma coreografia ensaiada.

Desse modo, desenrola-se um cenário complexo de expectativas e realidades, um espaço em que a fantasia do erotismo e a materialidade dos corpos se encontram e, por vezes, se confrontam. Como apontado por Fontoura Jr (2015), o swing cria uma organização material dos corpos, e esses corpos não são os estereótipos idealizados pelo imaginário erótico dominante. Eles são diversos, com texturas, formas e limites que não correspondem necessariamente ao que a pornotopia do swing promove. O que se espera, então, é o embate entre o desejo projetado e o sexo possível, entre a promessa de uma experiência erótica ideal e as interações tangíveis com as pessoas que ocupam aquele espaço.

O conceito de pornotopia permite entender a complexidade desse espaço, onde as expectativas são criadas por uma indústria farmacopornográfica que comercializa o sexo. Enquanto, na pista de dança emerge um imaginário do swing, este também o questiona, ao expor a complexidade do encontro entre o erotismo imaginado e o corpo real. A pornotopia é, ao mesmo tempo, afirmada e desestabilizada, evidenciando a tensão entre o desejo utópico e as experiências concretas que surgem na interseção dos corpos que habitam esses espaços.

Portanto, no decorrer deste capítulo, adentramos uma análise da pista de dança como o primeiro espaço de interação em uma casa de swing, explorando tanto sua

disposição física quanto os elementos sensoriais que compõem esse ambiente. A pista de dança será descrita em seus detalhes de design de interiores, e examinada através dos efeitos que suas configurações – especialmente a iluminação – têm sobre os corpos e as práticas sexuais. A luz, como um elemento central, não apenas organiza o espaço visualmente, mas também influencia o comportamento e a performance dos corpos presentes.

Inspirado pelo conceito de tecnologias de gênero, tal como discutido por Paul B. Preciado (2022), abordo como a iluminação atua como uma ferramenta para produzir identidades de gênero, sexualidade e desejos. Por fim, discuto as próteses de gênero que emergem nesse contexto. Através da música, do vestuário e do próprio design luminotécnico, essas próteses reforçam posições de gênero, revelando como as interações são produzidas por um cenário onde o corpo é tanto um objeto quanto um agente de desejo. Dessa forma, a pista de dança se torna o ponto de encontro entre o corpo biológico e as construções sociais amplificadas pelas tecnologias de gênero, oferecendo uma visão das complexas relações que ali ocorrem.

4.1 Corpos em movimento: conhecendo a pista de dança

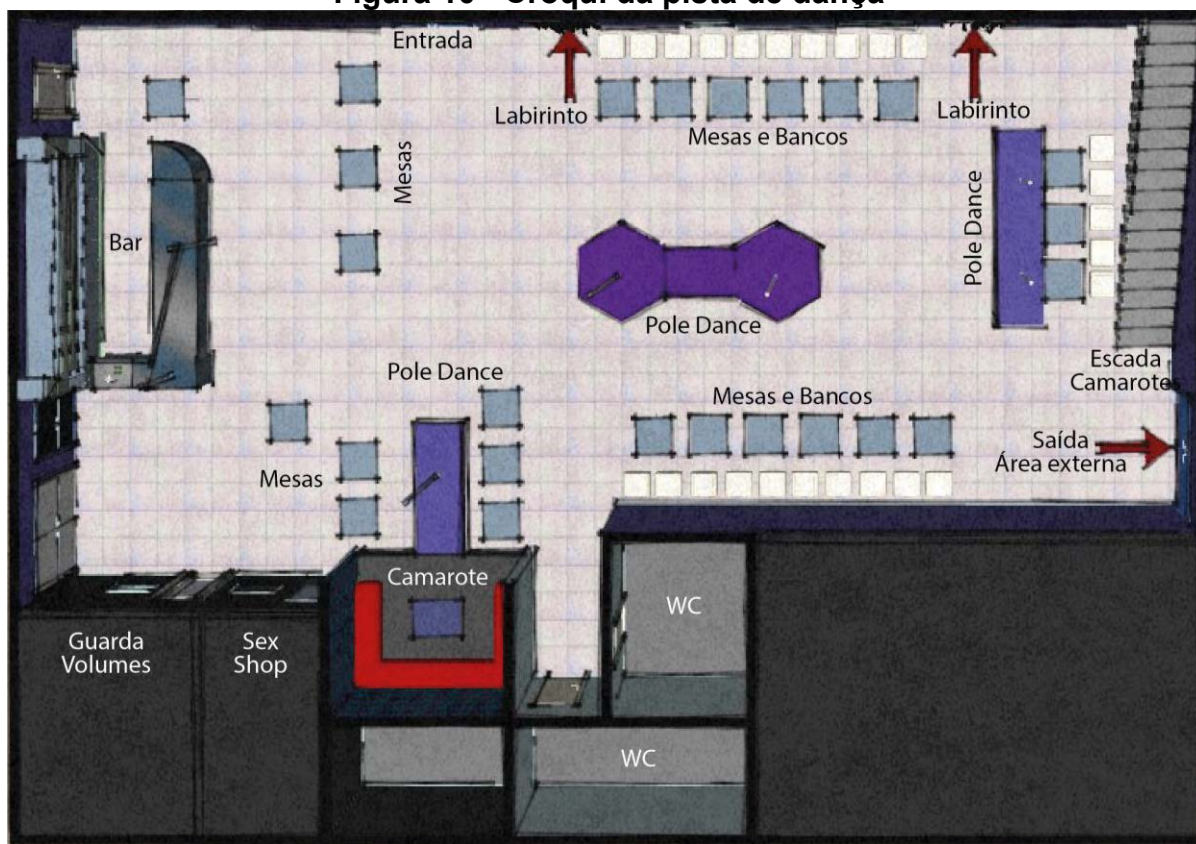
Adentrar a pista de dança é como mergulhar em um mundo vibrante e envolvente, onde luzes coloridas dançam em sincronia com os acordes da música. Os raios brilhantes de luz atravessam o ar em todas as direções, criando um jogo hipnotizante de sombras e reflexos. O som ensurdecido dos ritmos ecoa por todo o espaço, preenchendo-o com uma energia eletrizante. As batidas ressoam no peito e convidam para a dança, as pessoas se movimentam com o embalo da música. À medida que a pista se enche, surgem novas possibilidades de encontros e interações.

Nesse primeiro momento o voyeurismo se manifesta de forma intensa: ali, podemos observar e sermos observados, criando uma dinâmica de constante troca de olhares. Porém, essa troca não é sempre consciente — há momentos em que nos esquecemos de que estamos sendo vistos, especialmente em áreas que aparentam oferecer mais privacidade. Os frequentadores tornam-se simultaneamente atores, ao

desempenharem seus próprios desejos, e espectadores, ao assistir as performances dos demais, o que transforma o ambiente em um teatro de interações.

A arquiteta Beatriz Colomina (2023), ao analisar o projeto idealizado pelo arquiteto Adolf Loos de uma casa para a cantora e dançarina Josephine Baker, utiliza a ideia de *conjunto erótico de olhares* para descrever a relação entre o espaço interno e externo. Segundo a autora, o morador, mesmo quando dentro de casa, é tanto um observador quanto um observado, devido à presença de grandes janelas de vidro que expõem os ambientes internos. Mesmo que aparentemente não haja ninguém olhando, a possibilidade de ser visto cria uma constante tensão entre observar e ser observado. Adaptando essa ideia ao contexto da casa de swing, podemos entender que, em quase todos os ambientes existe um olhar erótico presente. Esse conjunto de olhares se torna uma parte fundamental da experiência, impregnando os espaços com uma sensação de vigilância erótica que conduz as práticas sexuais ali realizadas.

Figura 10 - Croqui da pista de dança



FONTE: Autoria própria (2023)

A pista de dança da casa de swing é o primeiro ambiente social que o frequentador terá acesso. É um amplo salão de cerca de duzentos metros quadrados (200m²) com um palco central para onde os olhares são convidados a se dirigir. O croqui (Figura 10) apresentado é uma representação vista de cima da pista de dança, demonstrando de forma esquemática a disposição dos elementos do ambiente. As setas vermelhas voltadas para cima indicam os locais de entrada e saída do labirinto. A seta no canto direito ao lado das escadas indica a saída para o ambiente externo.

No centro da pista de dança, em roxo, estão os palcos destinados ao pole dance, que funcionam como os pontos focais do espaço. Os quadrados em cinza e branco espalhados pelo ambiente representam mesas e puffs, que oferecem apoio para bebidas ou objetos pessoais, além de criarem uma barreira física do espaço da dança. Além do central, outros dois palcos de pole dance estão posicionados nesse ambiente. Um deles está localizado próximo ao camarote térreo, proporcionando uma experiência mais reservada para quem se encontra nessa área. O outro fica nas proximidades de uma das saídas do labirinto, voltado para o centro da pista, funcionando como complemento ao palco principal e reforçando a dinâmica de centralidade e exposição que rege esse ambiente.

À esquerda da imagem está o bar, facilitando o acesso a bebidas. Em cima da bancada do bar está uma outra barra de pole dance. Próximo ao bar estão o guarda-volumes e a lojinha (sex shop). O guarda-volumes é fundamental e funciona como um lugar para a mudança dos trajes, uma vez que frequentemente há trocas de roupas, para se ajustarem ao ambiente e ao tema da festa. Muitos, em geral mulheres, optam por vestimentas sensuais e provocantes, como lingerie, couro, vinil ou fantasias eróticas.

Enquanto o bar segue servindo seus drinks e coquetéis, por volta de uma hora da manhã, a entrada dos tequileiros marca um novo momento na pista de dança. Esses artistas têm a tarefa de animar o ambiente, distribuindo doses de tequila diretamente da garrafa para os frequentadores. Duas cadeiras são colocadas no palco central, onde os participantes são convidados a sentar, enquanto o tequileiro ou a tequileira servem a bebida de maneira teatral. Esse ritual é acompanhado por músicas animadas e coreografias, com o objetivo de deixar o público mais descontraído e participativo. As

doses de tequila, oferecidas como cortesia da casa, servem para facilitar as interações sociais, promovendo um ambiente mais desinibido e festivo.

Porém, há uma linha tênue entre a diversão estimulada pelo álcool e o excesso. Enquanto a bebida ajuda a diminuir a timidez e encoraja as pessoas a interagirem, o consumo exagerado pode aumentar o risco de conflitos. Para evitar problemas, os monitores da casa de swing permanecem atentos, prontos para intervir caso algum desentendimento comece a surgir. Em situações mais graves, os envolvidos são chamados para uma conversa, e, se necessário, expulsos do local, garantindo que o ambiente permaneça seguro para os frequentadores.

Marcela Pastana (2018), ao estudar a relação entre álcool, sexualidade e prazer, aponta que beber está ligado a uma série de prazeres valorizados socialmente, como o prazer da paquera, da excitação sexual e da embriaguez. Sendo estes relacionados à intensificação de sensações e à criação de uma nova moralidade. As bebidas alcoólicas são vistas como produtos que proporcionam essas sensações prazerosas, sendo divulgadas como recursos para alcançar experiências desejadas. Nesse contexto, consumir se torna uma forma de se transformar naquilo que deseja ser para aproveitar os prazeres que aspiram vivenciar. Em casas de swing o consumo de bebidas alcoólicas é incentivado não apenas pela busca de prazer e desinibição, mas também pelo alto retorno financeiro gerado pela venda desses produtos. Assim, o consumo de álcool é promovido tanto como um meio de intensificar as sensações quanto como um elemento lucrativo para o estabelecimento.

A iluminação em uma pista de dança desempenha um papel crucial na criação de uma hierarquia visual, influenciando diretamente a maneira como os frequentadores percebem e interagem com o espaço. Uma vez que, o "nosso sistema visual se desenvolveu para focar os objetos mais iluminados", conforme discutido no conceito de iluminação de destaque pelo designer de interiores Malcolm Innes (2014, p. 106). Esse recurso luminotécnico utiliza o jogo de luz e sombra para guiar o olhar do público, estabelecendo uma narrativa visual dentro do ambiente.

Na pista de dança, as luzes intensas são posicionadas para destacar áreas específicas, como os palcos de pole dance ou o centro do salão. Os pontos iluminados funcionam como ímãs visuais, atraindo a atenção dos frequentadores. Enquanto o centro

da pista de dança pode ser banhado por luzes mais fortes e vibrantes, as áreas periféricas, onde as mesas e puffs estão dispostos, recebem uma iluminação mais suave e difusa. Essa diferença de tratamento lumínico cria zonas de observação menos expostas, permitindo que os frequentadores escolham entre serem vistos ou se manterem à margem, observando.

Dentro desse cenário, a iluminação não é apenas um recurso estético, mas uma tecnologia de gênero. De acordo com Preciado (2022), as tecnologias de gênero são dispositivos que moldam a maneira como feminilidades e masculinidades são produzidas. Desse modo, a iluminação em uma casa de swing age como uma dessas tecnologias ao definir quem será visto no centro do palco. Os frequentadores que se colocam nos palcos, destacados pela luz intensa, tendem a atender a padrões estéticos dominantes que se alinham às normas culturais de feminilidade e masculinidade desejáveis.

A luz, portanto, atua como um filtro que seleciona e exalta determinadas expressões corporais e sexuais. Corpos hipervisibilizados na pista de dança tendem a reforçar idealizações da feminilidade e masculinidade. Enquanto as mulheres exibem formas curvilíneas dentro de padrões hegemônicos de beleza, os homens exibem um corpo com musculaturas e posturas que evocam uma fantasia de força e virilidade. Ao destacar esses corpos, a iluminação legitima determinadas hierarquias de gênero e contribui para a produção de desejos sexuais que correspondem a esses padrões.

Dessa forma, a iluminação não é neutra. Ela participa da construção de corpos-gênero, criando uma atmosfera que reforça certas feminilidades e masculinidades ao mesmo tempo que invisibiliza outras. Aqueles que se conformam aos padrões estéticos e comportamentais preestabelecidos são privilegiados pela luz, enquanto aqueles que fogem desses padrões tendem a se mover pelas zonas de sombra, sendo simbolicamente marginalizados. Como tecnologia de gênero, a iluminação articula uma narrativa visual onde o gênero, a sexualidade, e o desejo são hierarquizados, reforçando as dinâmicas de poder presentes no ambiente da casa de swing.

4.2 Do batom ao salto alto: a produção de feminilidades normativas

Tem um funk e atrações para despertar a tua libido. Então tu vais ver a Gogo Girl dançando numas roupas sensuais e a mulher do teu vizinho dançando em roupa sensual. Uma coisa interessante é que, por incrível que pareça, por mais sensual que seja, a partir do momento que as mulheres estão dançando, nenhum homem pode chegar e encostar nelas, a não ser o próprio marido ou quem o marido permitir. Então, por incrível que pareça, tu vai ver as meninas dançando no pole dance de lingerie ou quase nuas e todos em volta, assistindo, babando, mas respeitando e ninguém chegando perto²⁹. – Michael (PodSexy, 2022, 33')

Esse trecho, retirado de uma entrevista no podcast PodSexy (2022), fornece algumas informações sobre a percepção do comportamento feminino e as construções de feminilidade a partir do olhar masculino de um dos funcionários da casa de swing. A descrição acima encapsula um cenário em que as mulheres, ao mesmo tempo que performam uma determinada feminilidade, encontram-se protegidas por um “código de conduta” que preserva seus corpos de toques indesejados. O espaço da pista de dança é, então, um palco onde um conjunto de regras subentendidas regulam os comportamentos dos frequentadores.

Nesse excerto é possível observar um exercício de poder sobre o corpo feminino. Isso fica claro quando o entrevistado destaca que “nenhum homem pode chegar e encostar nelas, a não ser o próprio marido ou quem o marido permitir” (PodSexy, 2022, 33'). A ideia de que *o marido permite* quem pode ou não se aproximar reforça uma lógica de posse, onde o corpo da mulher é visto como propriedade do homem. Isso perpetua um padrão em que o corpo feminino é regulado e delimitado pelas vontades e permissões masculinas. Segundo esse raciocínio, embora haja um espaço para o desejo feminino e para a exibição corporal, as fronteiras da interação ainda estão sob um olhar masculino, perpetuando a desigualdade de gênero.

Portanto, o aparente respeito aos corpos das mulheres, expresso pela impossibilidade de homens desconhecidos se aproximarem sem permissão, pode ser lido como uma reconfiguração das normas tradicionais de controle do corpo feminino. A crítica está na manutenção de um poder mediado pelo marido, o que aponta para uma

²⁹ A citação original foi extraída de uma entrevista em vídeo, na qual a fala espontânea do entrevistado não segue necessariamente as normas da linguagem formal. Para fins de clareza e coesão no texto acadêmico, foram realizadas pequenas alterações gramaticais e cortes de repetições que são comuns na fala oral. Essas intervenções visam facilitar a compreensão e manter a didática do texto, buscando não comprometer o conteúdo ou o sentido original da fala.

hierarquia de gênero presente mesmo em ambientes que se apresentam como sexualmente liberais. Dessa forma, o espaço da pista de dança no swing, ao invés de ser um campo de autonomia para as mulheres, funciona como uma reafirmação de estruturas de poder, onde o controle masculino sobre o corpo feminino ainda se faz presente.

Em contraponto, a afirmação de que *o marido permite* não necessariamente se aplica uniformemente a todas as mulheres presentes, nem significa que todas estejam sob a mesma lógica de submissão. Primeiramente, nem todas as mulheres que frequentam uma casa de swing são esposas em uma relação heteronormativa. Muitas delas estão ali por vontade própria, seja sozinha ou acompanhada, e suas interações e escolhas podem não estar mediadas por um parceiro masculino. Assim, a ideia de que o controle do corpo feminino depende exclusivamente da permissão de um homem não reflete toda a realidade desse ambiente.

Além disso, mesmo para aquelas mulheres que são casadas, a relação estabelecida com seus maridos pode ser muito mais complexa e fluida do que simplesmente uma dinâmica de submissão ou controle. Em muitos casos, o swing é um espaço negociado em que as mulheres exercem uma autonomia sobre suas decisões e interações, inclusive com outros homens e mulheres. A própria estrutura do swing pode abrir possibilidades para relações de poder mais flexíveis e horizontais, onde as decisões sobre os limites de interação não são impostas unilateralmente pelo marido, mas sim acordadas entre os parceiros.

Outro ponto importante a considerar é o papel ativo das mulheres quando estão em cima do palco interagindo com o público. Nesse momento, os limites sobre seus corpos são principalmente traçados por elas mesmas. Embora haja um código de respeito que proíbe o toque sem consentimento, as mulheres controlam suas próprias performances, escolhem como e com quem interagem, e muitas vezes estabelecem conexões mais fortes com outras mulheres na pista de dança. Essa dinâmica de interação, especialmente entre mulheres, cria um espaço em que o poder e os limites sobre o corpo feminino são autogeridos, sem uma mediação clara ou direta de figuras masculinas. Isso mostra como as tecnologias de gênero operam não de forma estática

e atemporal, mas em um contínuo de negociação de limites e expectativas sobre as posições de gênero que vão se estabelecendo a partir das relações.

De certo modo, a construção da feminilidade em uma casa de swing está intimamente ligada à desenvoltura das mulheres com as barras de pole dance. Segundo Paul B. Preciado (2022), as tecnologias que produzem gênero e sexualidade são também prostéticas, ou seja, operam como uma prótese com a possibilidade de interferência e modificação de um órgão vivo com a ajuda de um suplemento material. A prótese de gênero envolve a atualização ou a reconfiguração das normas e percepções de gênero a partir da indissociabilidade do artificial com o órgão vivo. Nesse sentido, as barras, ao darem suporte e se tornarem parte dos movimentos das mulheres, criam uma feminilidade que é construída a partir da relação entre corpo e artefato.

Assim como a barra é essencial para os movimentos e performances, as roupas e acessórios escolhidos pelas mulheres para frequentar a casa de swing desempenham um papel fundamental na produção de feminilidades. Conforme observado por Olivia Von Der Weid (2009), as vestimentas sensuais e provocativas das mulheres nesses espaços não apenas expressam a disposição para o envolvimento sexual, mas também funcionam como um marcador de status e feminilidade dentro do ambiente. O cuidado com a escolha da lingerie, o salto alto e o uso de maquiagem tornam-se ferramentas indispensáveis na construção desse feminino desejado.

Enquanto as vestes femininas são selecionadas para atrair e seduzir, as roupas masculinas mantêm um perfil mais moderado. Como apontado por Weid (2009), os homens seguem um "uniforme" menos elaborado, com camisas sociais ou polo e calças jeans ou bermudas. No entanto, os corpos masculinos que apresentam musculatura definida também participam dessa lógica, buscando se destacar pela força física, enquanto a preocupação com o tamanho e a performance sexual, especialmente em relação ao pênis, ocupa um lugar central nas expectativas e avaliações desses corpos. Nesse cenário, as normas de gênero e sexualidade são tanto reforçadas quanto desafiadas, permitindo novas configurações de desejo e atração ao mesmo tempo que reiteram hierarquias existentes, onde a aparência e a sensualidade são centrais na definição das dinâmicas sociais.

Nesse contexto, o pole dance se destaca enquanto uma tecnologia que produz determinadas feminilidades que são reforçadas nas repetições realizadas nos palcos da pista de dança. O pole dance, ou dança na barra, é definido como uma forma de arte e atividade física que combina dança, acrobacias e ginástica em torno de uma barra metálica vertical. Embora tenha sido popularizado como entretenimento adulto, o pole dance também ganhou reconhecimento como um exercício e expressão artística em geral (Silva, 2023), sendo praticado tanto por mulheres quanto por homens. No caso específico da Casa de Swing, o pole dance é praticado principalmente pelas mulheres frequentadoras, que são a maioria a ocupar o palco central. A exceção à regra é o uso das barras em performances específicas de artistas masculinos.

Nas apresentações artísticas de pole dance as(os) artistas combinam a dança com acrobacias, equilíbrio, e flexibilidade em coreografias que podem ser realizadas tanto no solo quanto suspensas na barra. Essas performances se inserem em diferentes modalidades, como as apresentadas no evento *Pole Theater Brasil*³⁰: Pole Art, Pole Drama, Pole Comedy e Pole Classique³¹. Segundo a antropóloga Annelise Campos Gonçalves (2020), uma das teorias sobre a origem do pole dance sugere que ele teria emergido a partir de práticas realizadas por acrobatas circenses. Porém, é a partir dos anos 1920, nos Estados Unidos, que a prática passou a ser associada à sexualidade e suas performances começaram a ocorrer em locais voltados para o entretenimento adulto.

³⁰ O Pole Theatre Brazil, realizado em agosto de 2024, é um dos principais festivais de pole dance no Brasil. Trata-se de uma edição nacional da maior franquia internacional de campeonatos de pole dance, estando presente em mais de 25 países. O Pole Theatre vai além da técnica, celebrando a expressão artística dos participantes, tendo apresentado mais de 40 performances nos dois dias de evento. **Pole Theatre Brazil**: um espetáculo de arte e performance. Revista Vislun, 18 de junho de 2024. Disponível em: <https://revistavislun.com/noticias/pole-theatre-brazil-um-espetaculo-de-arte-e-performance/#:~:text=Artistas%20de%20todo%20o%20pa%C3%ADs%20e%20do%20exterior>. Acesso em: 23 de outubro de 2024.

³¹ Essas categorias abrangem diferentes estilos e abordagens do pole dance, cada uma com características próprias. O Pole Art valoriza a incorporação de outros estilos de dança, como balé, contemporâneo ou latino à performance. O Pole Drama foca em narrativas, em uma história clara com início, meio e fim. O Pole Comedy prioriza o humor, buscando entreter e envolver o público com elementos cômicos. Por fim, o Pole Classique, estilo amplamente utilizado em casas de swing, é voltado para a sensualidade e erotismo. Nesse estilo, os artistas utilizam saltos e devem incorporar elementos de strip-tease à apresentação, removendo ao menos uma peça do figurino de forma artística. **Pole Theatre Brazil**. Org, Studio Metrôpole. Disponível em: <https://www.poletheatrebrazil.com/>. Acesso em: 23 de outubro de 2024.

Segundo a jornalista Julia do Carmo da Silva (2023), o pole dance surgiu no Brasil com os primeiros estúdios fundados a partir de 2009, destacando-se o estúdio de Grazy Brugner como pioneiro. Essa prática é predominantemente realizada por mulheres e se estabeleceu como um espaço para debates sobre corpo e gênero. Para a autora, esses exercícios permitem às mulheres explorarem suas corporalidades de forma autônoma, distanciando-se do olhar masculino objetificante. Ademais, o pole dance ofereceria um ambiente seguro para compartilhar inseguranças e medos em um espaço de acolhimento e solidariedade. Além disso, a autora aponta que a modalidade acolhe diferentes corpos e identidades, promovendo uma diversidade que desafia padrões de beleza e normas de gênero.

Conforme exposto por Preciado (2022), uma tecnologia de gênero envolve dispositivos e práticas que produzem sexualidade e gênero. Nesse contexto, o pole dance atua como um dispositivo cultural que insere as praticantes dentro de um quadro específico de feminilidade. Segundo a psicóloga Carolina Fernandes Ferreira (2015), o pole dance oferece às praticantes a possibilidade de redescoberta de si mesmas e de suas relações com seus corpos, longe dos estereótipos sociais de objetificação feminina. Nesse sentido, nos estúdios de pole dance, a prática tem sido reconfigurada como um espaço de resistência e construção de outras feminilidades, ao explorar a corporalidade e força em um ambiente que não as sexualiza.

Por outro lado, quando o pole dance é praticado em casas de swing, a sexualização das performances assume um papel central. Diferente dos estúdios, onde o foco pode estar na técnica e na expressão artística, o principal objetivo nesses espaços é atrair olhares e despertar desejos. A dança, nesses contextos, funciona como um intermediário para as práticas sexuais que podem ocorrer a partir desses encontros. Nesse cenário, prevalece uma feminilidade normativa, associada a expectativas de padrões estéticos frequentemente ligados à raça, classe social e outras hierarquias sociais.

As mulheres que ocupam os principais focos de luz geralmente estão em conformidade com esses padrões de beleza. Enquanto aquelas que não se sentem à vontade com essa exposição, e que talvez não se encaixem nesses critérios, tendem a permanecer à margem, nas sombras. Nesse sentido, a percepção de estar ou não dentro

dos padrões de beleza é subjetiva e afeta cada uma de maneiras distintas. A decisão de se expor ou não nos palcos principais é, portanto, uma escolha animada por como cada mulher se percebe e se relaciona com sua própria imagem e corpo.

Julia do Carmo da Silva (2023), ao discutir a sensualidade no pole dance, questiona sobre quem possui o "direito" de ser visto como sensual. A exposição de corpos padrão, especialmente magros e brancos, é frequentemente legitimada na mídia, enquanto corpos que fogem desse ideal são julgados de forma diferente ao realizarem as mesmas ações. Para a autora, embora todas as mulheres enfrentem opressão e julgamentos ao exporem seus corpos, aquelas que se encaixam nesses padrões de beleza são geralmente reconhecidas como detentoras dessa sensualidade, enquanto corpos não normativos recebem outros julgamentos.

Carolina Fernandes Ferreira (2015), ao discutir a relação das praticantes de pole dance com seus corpos, observou uma mudança sobre a percepção de si mesmas com o passar do tempo. A prática do pole dance requer contato direto da pele com a barra para evitar deslizamentos durante os movimentos. Segundo a autora, muitas participantes, inicialmente inseguras, usavam roupas mais largas e compridas, à medida que foram se desprendendo da vergonha do próprio corpo, passaram a utilizar roupas mais curtas. Nas entrevistas realizadas por Ferreira³² (2015), apesar dessa prática influenciar positivamente os relacionamentos conjugais, há uma tentativa de afastar o pole dance de práticas associadas com a sexualidade como o strip-tease. De modo geral, a autora argumenta que essa prática contribuiu para a aceitação dos próprios corpos e para o rompimento do estigma de que beleza é sinônimo de magreza.

O pole dance, ao invés de apenas desafiar os padrões tradicionais de beleza, pode, em muitos casos, construir um novo ideal de feminilidade, amplamente associado à sensualidade e à sedução. As declarações das entrevistadas de Ferreira (2015) ilustram como essa prática reforça uma feminilidade normativa, que coloca a sensualidade no centro da identidade feminina. A entrevistada Inversão, por exemplo, procurou o pole dance como forma de “se sentir mais feminina” (Ferreira, 2015, p. 39).

³² As entrevistas da pesquisa foram realizadas entre dezembro de 2014 e fevereiro de 2015 em Manaus, com 11 participantes. Sendo o diálogo inicial feito a partir da pergunta: "Gostaria que a senhora descrevesse para mim o que o pole dance fez por você?" (Ferreira, 2015, p. 32).

O feminino sugerido por ela estava diretamente ligado a características associadas à sensualidade. Ela destaca que, ao praticar o pole dance, passou a se sentir mais confiante e exibida para seu namorado, o que reforçou sua percepção de feminilidade e autoestima.

Esse relato revela como o pole dance, nesse contexto, constrói um ideal de feminilidade que valoriza a sedução e o desejo do outro, reafirmando a posição da mulher como objeto de desejo. Valeska Zanello (2018) chama atenção para como o processo de subjetivação das mulheres está associado ao fato de ser desejada por alguém. Nesse sentido, as práticas do pole dance estão diretamente ligadas ao reconhecimento e à validação externa, particularmente de parceiros românticos. Para a entrevistada Inversão, ser admirada e desejada pelo namorado a faz *sentir-se mulher*, evidenciando uma construção normativa de feminilidade baseada em características relativas à sedução.

Enquanto os frequentadores utilizam a pista de dança de maneira espontânea, os artistas contratados servem como modelos de estética e performance. Esses artistas criam padrões de comportamento relacionados a determinadas feminilidades e masculinidades. Os artistas não apenas despertam o desejo do público, mas também moldam a forma como o palco é utilizado. Suas performances, planejadas para provocar e envolver, trazem um elemento de sedução que pode servir como um referencial de como os frequentadores deveriam se comportar. Não há uma linha clara entre o certo e o errado na pista de dança, mas a presença e as ações desses artistas inferem quem pode se sentir confortável naquele espaço e de que maneira.

Os shows principais seguem a lógica do strip-tease, onde, à medida que as roupas são removidas, os artistas convidam o público a interagir, muitas vezes dançando em contato direto com os corpos dos frequentadores. O objetivo é provocar tanto mulheres quanto homens dentro de uma lógica heteronormativa, e essa interação pode até incluir práticas sexuais entre os artistas ou com o público, dependendo dos limites definidos por cada performer. O encerramento dessas apresentações inclui uma cena final no chuveiro erótico, um espaço visível ao público através de uma parede de vidro. Neste último ato, os artistas tomam banho juntos ou convidam algum frequentador a participar, tornando

essa performance uma extensão da interação iniciada no palco. Contudo, essa fase da apresentação é opcional e os artistas têm controle sobre o que estão dispostos a fazer.

A análise do pole dance como tecnologia de gênero revela uma complexa interação entre resistência e conformidade em relação à construção de feminilidades normativas. Nos espaços mais controlados, como os estúdios de pole dance, as mulheres encontram um ambiente onde a força física e a autoconfiança podem ser exploradas, desafiando o olhar objetificador e promovendo um tipo de libertação individual. Entretanto, como observado por Ferreira (2015), mesmo nesses ambientes, há uma reprodução de certos padrões de beleza e sensualidade, criando um ideal alternativo de feminilidade, no qual a sensualidade continua sendo central para a identidade feminina. Quando essa prática se desloca para contextos como as casas de swing, o foco na sensualidade e na sedução torna-se ainda mais acentuado. Desse modo, a ideia de ser sexy e desejada torna-se não apenas uma expressão individual, mas uma normativa, associada à conformidade a padrões estéticos heteronormativos.

5 HOT LOVERS: A INVENÇÃO DE AMBIENTES ATRAVÉS DA ILUMINAÇÃO

A festa *Hot Lovers* (Anexo H), que abre o capítulo, é apenas uma das muitas festas temáticas que animam as noites na casa de swing. Sendo *amantes quentes* ou *amantes ardentes* uma possível tradução direta para o português, o título sugere a ideia de uma festa voltada para o prazer sexual. Quando os frequentadores adentram na casa de swing, são encaminhados para o ambiente de convivência inicial, a pista de dança. Em seguida são encaminhados para duas entradas que desvelam o início do labirinto. À medida que os frequentadores se aventuram pelos corredores do labirinto a atmosfera ganha novos contornos. Este labirinto, composto por corredores estreitos e escuros, decorados com arandelas de luz vermelha, funciona como um elo entre o ambiente coletivo e os ambientes privativos.

A sensação de *se perder* e *se encontrar* é parte integrante da experiência proposta pelo labirinto. Ao atravessá-lo, os participantes podem optar por entrar em diversos ambientes reservados, ocultos por cortinas pretas que, ao serem abertas, revelam quartos temáticos e áreas específicas para práticas sexuais. A presença dessas cortinas aumenta a expectativa sobre o que pode ser encontrado ou vivido ali, intensificando a sensação de anonimato e exploração. Cada escolha de entrar ou não em um desses ambientes é carregada de significados e intenções, que, como afirma Raphael Moraes Silveira (2014), variam entre o desejo de ver e o de ser visto.

O percurso pelo labirinto e os ambientes que ele conecta refletem e constituem o próprio jogo de poder e desejo que a casa de swing propõe. A iluminação e a escuridão moldam a forma como os corpos são vistos e experienciados. Esse arranjo espacial e luminotécnico cria um cenário onde o desejo é tanto alimentado pelo que se vê quanto pelo que permanece oculto. Desse modo, os ambientes favorecem graus diferentes de intimidade, induzindo a desinibição dos frequentadores, e criando um senso de privacidade e anonimato.

A luz tem um papel central na configuração de espaços e atmosferas, sobretudo em ambientes que propõem a criação de novas dinâmicas sociais e sexuais, como as casas de swing. Esses espaços são desenhados utilizando a iluminação para produzir desejos, comportamentos e identidades que ali se manifestam. A tecnologia de

iluminação, com sua capacidade de manipular percepções e emoções, torna-se uma ferramenta fundamental na construção de experiências sensoriais que tocam diretamente na sexualidade e nas dinâmicas de gênero. Através do conceito de tecnologia de gênero (Preciado, 2022), pode-se entender como a luz, ou ausência dela, produz corpos e subjetividades de acordo com normas sexuais e identitárias nos interiores da casa de swing.

O arquiteto Juhani Pallasmaa (2012), em *Os Olhos da Pele*, explora a relação íntima entre arquitetura e os sentidos, destacando a importância da visão e do tato na experiência do espaço. Pallasmaa (2012) enfatiza que a arquitetura não deve se limitar a ser uma experiência visual, mas uma vivência multissensorial, onde a luz desempenha um papel crucial na ativação dos outros sentidos. Em uma casa de swing, a iluminação, seja ela suave, indireta ou completamente ausente, molda o comportamento dos indivíduos, influencia interações e potencializa a criação de novas relações entre corpos e espaço, conforme os desejos são produzidos pela luz e pela escuridão.

Para Beatriz Colomina (2023), a relação entre espaço e sexualidade é explorada por meio da análise de como as configurações arquitetônicas e os arranjos domésticos refletem e moldam a dinâmica sexual e de gênero na sociedade. A autora argumenta que o espaço doméstico, particularmente na era moderna, tem sido um campo ativo para a expressão e construção da sexualidade, não sendo meramente um pano de fundo passivo. Este voyeurismo arquitetônico não apenas revela, mas participa na criação de normas e expectativas relacionadas ao comportamento sexual e construções de gênero.

Por exemplo, espaços projetados de maneira que certas atividades são mais visíveis do que outras podem influenciar a percepção da sexualidade. Isto destaca certos papéis e comportamentos que são entendidos como mais desejáveis ou aceitáveis. A visibilidade ou ocultação não é neutra, mas carrega consigo implicações sobre como a sexualidade é vivida e percebida dentro desses espaços. Assim, o espaço torna-se um agente ativo na formação da experiência sexual, refletindo e ao mesmo tempo conformando as normas sociais relativas ao gênero e à sexualidade.

Desse modo, este capítulo busca analisar como a iluminação, enquanto uma tecnologia de gênero, articula-se com a produção de desejos e práticas sexuais. Com o objetivo de compreender como as condições de luminosidade influenciam as interações

e práticas sexuais, destacando a relevância da iluminação e da configuração espacial na modulação dessas dinâmicas. Exploro, inicialmente, os ambientes iluminados, onde a visibilidade se torna um fator de controle e construção de subjetividades. Em seguida, discuto os ambientes sem luz, onde a escuridão desestabiliza normas visuais e abre caminho para a emergência de práticas sexuais mais fluidas e menos codificadas pela visão.

5.2 Corpos Iluminados: a influência da luz nas experiências sexuais

Uma das coisas que eu mais gosto lá no “Nefer” é uma sala envidraçada na qual podemos assistir ao casal que transa. A sala possui uma luzinha que, se acesa, indica que o casal exibicionista está disponível para receber outro. É muito bacana, e mesmo que o casal não abra a porta para que a gente possa ir lá se divertir com ele, já vale a pena observar as cenas do lado de fora do vidro. – Belle (2007, p. 105)

A citação retirada do livro *Swing: a vida real de uma praticante da troca de casais* (Belle, 2007), descreve uma experiência comum em casas de swing, onde o voyeurismo e o exibicionismo são elementos centrais. A sala envidraçada pode ser vista como um símbolo de controle tanto para quem exhibe quanto para quem observa. Para aqueles dentro da sala, a barreira de vidro oferece uma sensação de segurança e controle sobre o nível de interação que desejam. Eles podem optar por serem vistos, com autonomia para decidir se vão permitir ou não a entrada de outras pessoas. Já para os espectadores, a experiência visual, mesmo sem a interação física, oferece uma satisfação própria, ressaltando a importância do olhar no contexto erótico. De modo geral, essa citação explora a interseção entre privacidade, exibicionismo e o prazer do voyeurismo, destacando certas sutilezas das práticas sexuais dentro das casas de swing.

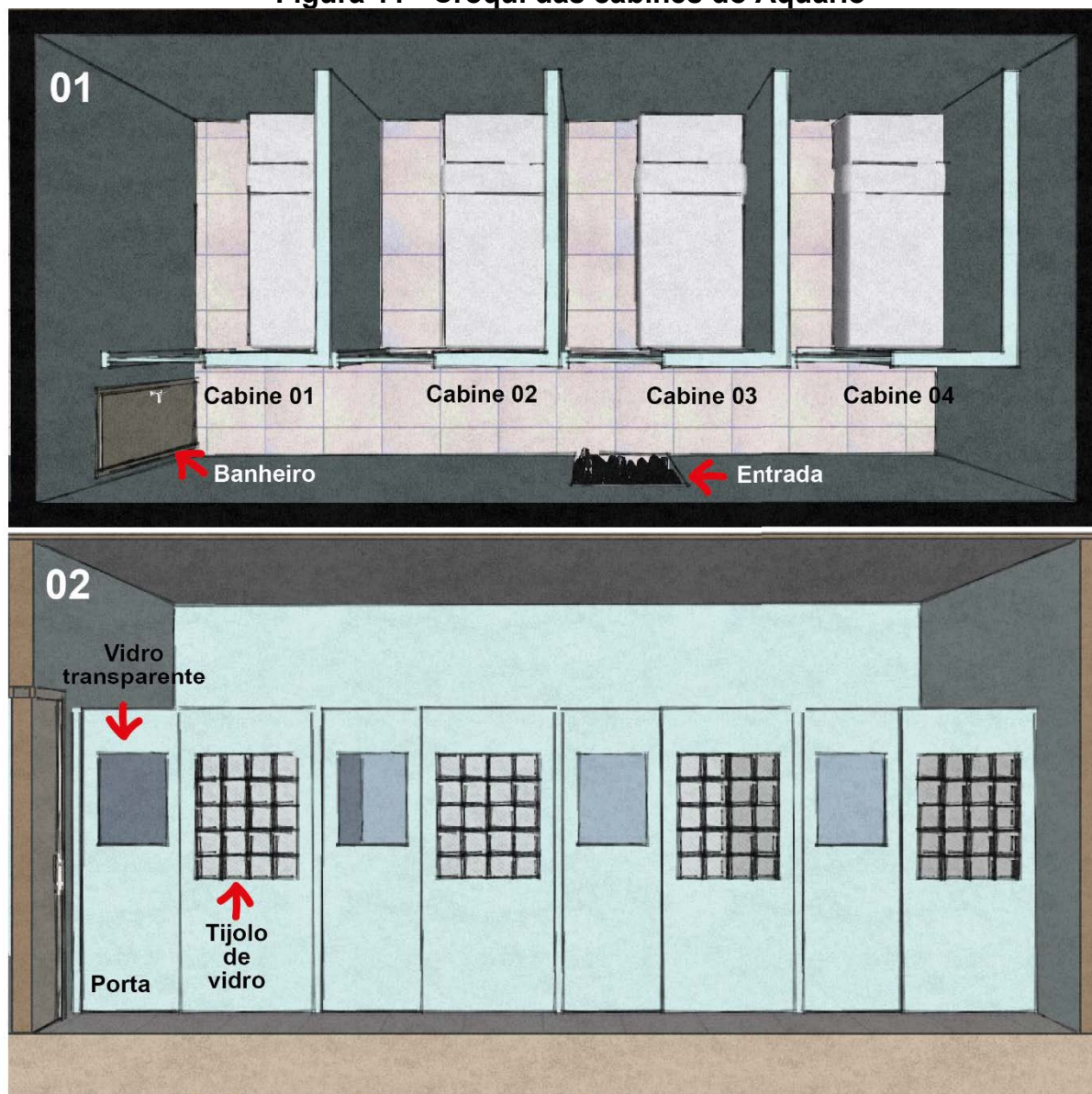
A possibilidade de exibição de si é uma das características de alguns ambientes em uma casa de swing. A disposição dos espaços, a iluminação, as texturas e as cores são elementos que contribuem para a atmosfera de intimidade e exibição. Nesse sentido, os ambientes são palcos onde os indivíduos podem explorar e exhibir aspectos de sua sexualidade com uma sensação de liberdade e aceitação. Isso significa que a casa de swing tem como premissa proporcionar espaços que acolham determinadas diversidades sexuais sem que os usuários sejam constrangidos por isso. Há de pontuar

que existem alguns limites para esse acolhimento, já que o regime da heteronormatividade impera na comunidade swinger.

A luz, quando utilizada em ambientes que privilegiam o voyeurismo, pode ser interpretada como uma tecnologia de gênero que atua na produção de feminilidades e masculinidades normativas. Ao iluminar certos corpos e deixar outros na penumbra, a luz cria um jogo de visibilidade e invisibilidade que reforça hierarquias sociais e de gênero, moldando a percepção e a significação dos corpos. Esse controle sobre a exposição e ocultação não é neutro: ele revela uma dinâmica de poder que organiza os corpos de acordo com expectativas sociais, determinando quais são dignos de serem contemplados e quais devem permanecer à margem do olhar público.

O ambiente citado por Belle (2007) é também conhecido como Aquário, ambiente que ressalta a dualidade entre o íntimo e o público. A escolha desse nome para o ambiente evoca uma comparação com um aquário de peixes, onde é possível observar as interações íntimas que acontecem atrás das paredes de vidro. O Aquário oferece uma experiência que combina o exibicionismo de quem está dentro das cabines com o voyeurismo de quem observa do lado de fora. O corredor estreito ao redor das cabines funciona como uma espécie de passarela, convidando os visitantes a caminhar e observar o que acontece em seus interiores. Esse espaço se caracteriza como semi-privativo, onde o principal meio de interação é o visual. As paredes de vidro translúcido permitem que os frequentadores testemunhem momentos de intimidade sem, contudo, possibilitar o contato físico, criando uma separação entre o que é visto e o que pode ser tocado.

Figura 11 - Croqui das cabines do Aquário



FONTE: Autoria própria (2023)

A Figura 11 representa dois croquis do ambiente Aquário. O Croqui 01, vista superior em perspectiva, destaca as cabines, cada uma equipada com uma cama estreita. A entrada para o corredor do Aquário é uma abertura fechada por uma cortina preta. Localizada levemente à direita no desenho, ela marca o ponto de acesso ao Labirinto. Na sequência, à esquerda, encontra-se a porta que leva ao banheiro. Cada cabine conta com trancas que garantem a autonomia aos ocupantes controlarem quem tem permissão para entrar. Desse modo, a tranca na porta funciona como um recurso

que medeia a relação entre o contato visual e o tátil. Ademais, no croqui 02, vista frontal, a característica do vidro transparente nas portas das cabines reforça uma relação entre o que é privado e o que é visível. O vidro permite que os curiosos possam espiar o interior das cabines, proporcionando uma sensação de segredo sendo desvendado.

Segundo Rafael Diogo Pereira (2016), muitos são os cenários que se desdobram no interior de uma casa de swing, no qual normas sociais de comportamento podem ser redefinidas ou mesmo suspensas, abrindo novas possibilidades de exploração sexual. Essas novas normativas permitem que os indivíduos se engajem em práticas sexuais que transcendem os limites do que é comumente aceito em outros ambientes públicos. A natureza desses espaços como locais de exibição de si é intrinsecamente ligada à ideia de que os frequentadores atuam em papéis sociais que, embora temporários, são essenciais para a experiência dentro do ambiente.

Além disso, a interação entre os frequentadores e o ambiente é dinâmica e recíproca. Para Beatriz Colomina (2023), o espaço não é apenas um pano de fundo passivo, mas um participante ativo na construção da experiência. A maneira como os indivíduos se movem, observam e são observados dentro desses interiores é influenciada pela configuração do espaço. Esses ambientes, por sua vez, são alterados através das práticas e preferências dos frequentadores. Portanto, me apoio em Colomina (2023) para afirmar que a relação entre os ambientes de uma casa de swing e a exibição de si é co-construída, emergindo de um diálogo contínuo entre o espaço e o indivíduo.

Em meio a esse jogo de voyeurismo e exposição, o olhar se torna o primeiro meio de comunicação, permitindo que os participantes manifestem seu interesse e consentimento. No mergulho pelo interior de um clube de swing, a fotógrafa sueca Kajsa Gullberg³³ registrou com visão íntima e reveladora cenas das sexualidades que habitam esse lugar (Maia, 2020). Durante nove meses, ela explorou o espaço de um clube de swing em Copenhague, Dinamarca, capturando suas nuances e dinâmicas peculiares. O resultado desse trabalho está registrado no livro intitulado *The House of Mirrors* (Maia,

³³ Por não ter conseguido acessar o livro na íntegra, as fotografias e falas da Kajsa Gullberg foram acessadas através de um jornal português. MAIA, Ana Marques. **Uma viagem ao interior secreto de um clube de swing**. 2020. Portal público. Publicado em: 4 de fevereiro de 2020, 21:08. Disponível em: <https://www.publico.pt/2020/02/04/p3/fotogaleria/uma-viagem-ao-interior-secreto-clubeswing-399932>. Acesso em: 23 de outubro de 2024.

2020). Ao longo de sua experiência, ela percebeu que o olhar desempenhava um papel crucial na comunicação e na dinâmica erótica. Enquanto alguns frequentadores se sentem mais à vontade em se expor e interagir em espaços abertos, outros preferem a privacidade dos quartos fechados.

Para Gullberg (Maia, 2020), o clube de swing representa não apenas um espaço de liberdade sexual, mas também um ambiente seguro para a expressão erótica, especialmente para as mulheres. Ela destaca que as regras claras e a aplicação de consequências para qualquer violação garantem um ambiente de respeito e consentimento. Assim, o olhar da fotógrafa não apenas documenta, mas também participa ativamente da dinâmica erótica. Para a fotógrafa todos os corpos eram alvos de desejos a despeito da idade, tamanho ou outra qualidade física.

Figura 10 - Fotografias no interior de um clube de swing



Fonte: <https://www.publico.pt/2020/02/04/p3/fotogaleria/uma-viagem-ao-interior-secreto-clube-swing-399932>

A Figura 10 compreende um conjunto de três fotografias que constam no livro de Gullberg (Maia, 2020). Na primeira imagem, observa-se a representação de um corpo feminino com o sutiã abaixado, exibindo os seios e uma barriga protuberante sobre um conjunto de calcinha e cinta-liga. A segunda imagem retrata um casal nu, de mãos dadas, sendo um aparente corpo masculino à esquerda e um feminino à direita. Já na terceira

imagem, a fotógrafa aparece em autorretrato, nua, sentada e utilizando um espelho para fotografar-se. Todas as fotografias foram capturadas com uma velocidade baixa de obturação, visando a obtenção de imagens nítidas em condições de pouca iluminação, embora esse ajuste tenha resultado na captura de um leve movimento dos retratados. Gullberg (Maia, 2020) optou por manter uma tonalidade avermelhada na iluminação de todas as imagens, com o intuito de evocar uma atmosfera de erotismo característica de ambientes destinados à prática sexual.

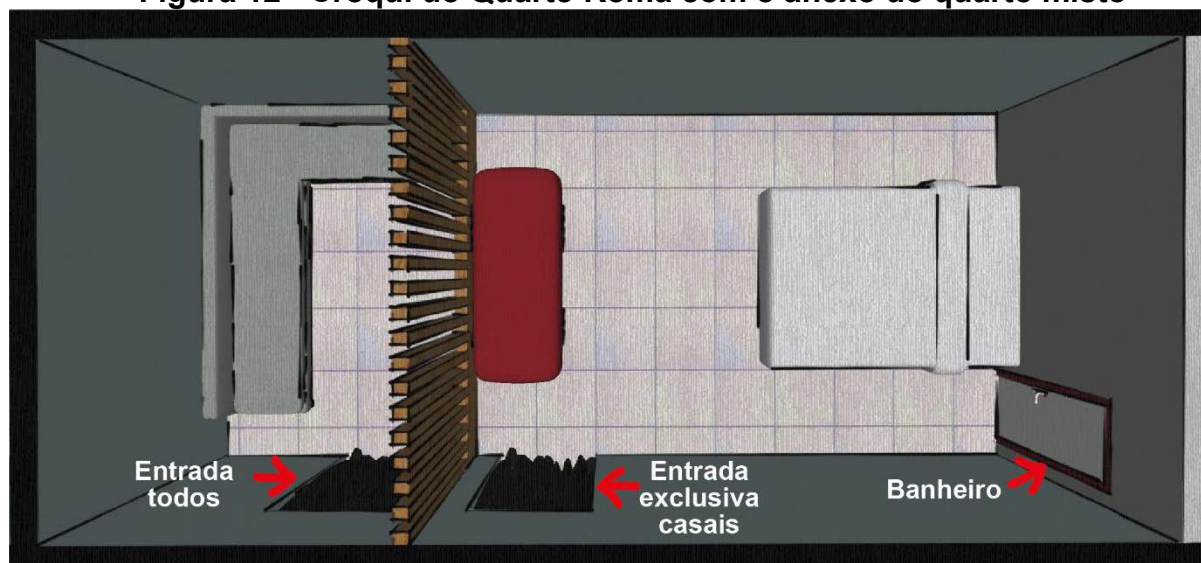
Em sua obra, Gullberg (Maia, 2020) constrói uma narrativa visual sobre frequentadores de uma casa de swing, utilizando seus corpos como elementos centrais da composição fotográfica. A fotógrafa relata ter encontrado pouca resistência à captura de imagens, mesmo em poses íntimas e em um local com restrições ao uso de equipamentos fotográficos (a autorização do local e dos participantes foi obtida). Essa receptividade, segundo Gullberg (Maia, 2020), deriva do prazer que os indivíduos experimentam ao serem observados e terem seus corpos apreciados por outros. Tal constatação se entrelaça com a organização espacial da casa de swing analisada, caracterizada por ambientes que privilegiam a contemplação. Nesse contexto, o ambiente Aquário surge para ilustrar essa dinâmica, onde os indivíduos se exibem em um espaço permeado pela visibilidade e pelo desejo.

No Aquário, a separação entre os participantes é clara, com a visualização à distância sendo o principal elemento. Já no Quarto Roma, a visualidade se alia ao contato físico, sem barreiras ou impedimentos. Este ambiente foi projetado para ser um palco de espetáculo de práticas sexuais em grupo. A configuração desse espaço foi construída de modo a abrigar dois ambientes distintos, mas complementares. O primeiro compreende um quarto exclusivo para casais, com luzes direcionadas para a cama e um sofá. O segundo, de acesso independente, é um ambiente misto, acessível por todos na casa. Neste segundo ambiente, um sofá está posicionado de frente para a divisão de brise³⁴ entre os espaços, permitindo a observação e alguma interação com os

³⁴ O brise de madeira, um componente de cunho decorativo, é concebido a partir de lâminas de madeira dispostas em paralelo, destinado a efetuar a segmentação de espaços interiores. Essa configuração induz a formação de uma barreira física que denota intransponibilidade, entretanto, paradoxalmente, propicia a permeação da luminosidade. Especificamente no contexto examinado, o emprego do brise

participantes do quarto ao lado (Podsexy, 2022). A Figura 12 é um croqui do Quarto Roma e seu anexo, em perspectiva com vista superior.

Figura 12 - Croqui do Quarto Roma com o anexo do quarto misto



FONTE: Autoria própria (2023)

A fim de proporcionar aos frequentadores uma experiência particular, a casa de swing organiza de tempos em tempos festas temáticas de sexo ao vivo. Dentre essas, se destaca a encenação Calígula no Quarto Roma. Ela é exclusiva para dez casais que são selecionados pela administração da casa de swing. Aqueles que desejam participar devem manifestar interesse no momento da entrada ou assinar uma lista de presença antecipadamente. Se o número de interessados exceder a capacidade máxima, o gerente é responsável por estabelecer critérios de seleção, que podem variar desde a frequência dos casais nas festas, até a ordem de inscrição. Quando a adesão for menor que a capacidade do evento, o gerente busca casais interessados diretamente na pista de dança (Podsexy, 2022).

A festa é inspirada no clássico cinematográfico *Calígula de 1979*³⁵ e suas cenas de sexo. Essa performance tem como objetivo promover práticas sexuais em grupo sob

visa à obstrução do acesso ao quarto em questão, concomitantemente possibilitando a observação das atividades nele desenvolvidas a partir de um exterior.

³⁵ *Calígula* é um filme ítalo-estadunidense dirigido por Tinto Brass, com roteiro de Gore Vidal, em 1979. O filme retrata a vida do imperador romano Calígula conhecido por seu reinado conturbado e repleto de excessos. O filme é marcado por cenas de sexo explícito e violência, o que gerou muitas críticas e

a orientação da artista. A interação plena é restrita aos participantes do Quarto Roma. Porém, aqueles que não foram incluídos na lista podem participar de forma limitada a partir do quarto adjacente, que permite trocas de olhares, gemidos e toques sutis. Uma variedade de alimentos, como frutas, cremes e coberturas são dispostos para compartilhamento, convidando ao paladar e ao toque. A textura trazida por esses alimentos é utilizada como estratégia para a estimulação do paladar. A dinâmica engloba uma ampla gama de interações físicas e sensoriais que incluem beijar, lamber, morder, comer, gemer, suar, entre outras.

No livro *Comida: prazeres, gozos e transgressões*, de Angelina Bulcão Nascimento (2007), é explorada a conexão entre alimentação e sexualidade, destacando como frequentemente estas são reguladas por normas sociais e culturais. Para a autora, a comida, além de nutrir o corpo, é uma metáfora para o desejo, o prazer e isso é visível tanto na linguagem popular quanto no cinema, por exemplo. A obra discute a forma como o verbo *comer*, além de seu significado literal, adquire conotações sexuais na cultura brasileira, representando o ato de posse e poder, especialmente em um contexto de relações de gênero. Assim, o desejo sexual e o desejo por comida compartilham um mesmo terreno simbólico, onde ambos podem ser vistos como formas de consumir e de possuir o outro. Ademais, a autora argumenta que o prazer excessivo, seja através da comida ou do sexo, é frequentemente condenado, visto como uma forma de *pecado*.

No Quarto Roma, a cama assume o papel de palco principal. Sob uma iluminação cênica, a cama se torna o centro das atenções, convidando à performance. A disposição da cama e a iluminação criam uma hierarquia no ambiente. A atenção se volta para a artista deitada na cama, usando um figurino que evoca o imaginário popular de uma deusa romana, como retratado em filmes como *Calígula*. A performance começa com a artista na cama, seguindo um roteiro pré-estabelecido. Ela oferece cachos de uva aos seus *adoradores*, iniciando uma interação espontânea com os participantes. A partir desse momento, o desenrolar da cena é imprevisível, dependendo das interações e conexões que surgem entre os presentes.

Dentro do contexto de práticas sexuais coletivas, o antropólogo Vitor Hugo de Souza Barreto (2017) investiga o desejo em um campo de subjetivação onde o corpo adquire protagonismo. Para o autor, em ambientes como festas de orgia, a corporalidade se torna um veículo essencial para o prazer e o desejo na busca por satisfação sexual. Essas interações são permeadas por dinâmicas intensas de contato físico, onde os corpos se tocam e se misturam em busca de novas formas de prazer. Nessas festas, a *putaria*, como descrita pelo autor, pode romper com determinadas convenções sociais sobre a sexualidade e criar um espaço de experimentação, onde os limites do prazer são constantemente negociados.

A contrassexualidade, sugerida por Paul B. Preciado (2022), é uma proposta crítica que questiona as concepções naturalizadas de gênero e sexualidade como verdades biológicas. Nesse novo contrato social, os corpos se reconhecem para além de oposições binária e são reorganizados a partir de novas tecnologias que transformam relações de sexo e gênero. Segundo o autor, o sexo heteronormativo opera reduzindo o corpo humano a zonas erógenas específicas, em um contexto marcado pela distribuição assimétrica de poder entre feminilidades e masculinidades. Desse modo, a contrassexualidade propõe outras formas de prazer, que não estejam limitadas por um corpo generificado promovendo práticas sexuais dissidentes que rompem com as expectativas de identidades fixas e de controle sobre os corpos.

As festas investigadas por Vitor Hugo de Souza Barreto (2017) fazem parte de um contexto de experimentações sexuais vivenciadas entre homens. Para o autor, as práticas orgiásticas desafiam as noções tradicionais de identidade, que são constantemente tensionadas pelas interações que ocorrem nesses eventos. No contexto do swing o enlace entre os corpos não necessariamente obedece a um regime normativo heterossexual. De certo modo, as práticas orgiásticas promovem uma possibilidade de contrassexualidade, pois criam a possibilidade de desestabilizar identidades sexuais ao colocar corpos femininos e masculinos, todos juntos em uma cama, se relacionando entre si.

5.1 Entre sombras e silhuetas: ambientes escuros e outros prazeres

Camila, por favor, não nos interprete mal. Apenas estamos institucionalizados com o clima das casas de swing. Foi um desafio muito grande estar aqui envoltos por toda essa sensualidade. Adoramos o ambiente, o jantar, mas acreditamos que o escuro do swing nos faz sentir mais soltos. Conseguem compreender? (Voluptas, 2021, p.170)

A citação retirada do livro de Camila Voluptas (2021) ocorre durante uma conversa entre a autora e uma convidada de sua festa. O evento, diferente das típicas casas de swing, não contava com ambientes completamente escuros. A intenção de Voluptas (2021) era criar um espaço que favorecesse a interação visual e o contato mais próximo entre os participantes, permitindo conversas e brincadeiras que ajudassem os convidados a se soltarem de maneira mais natural. No entanto, a citação revela que, apesar de apreciarem o ambiente e a atmosfera do evento, alguns praticantes de swing sentem-se mais à vontade em ambientes escuros. Eles explicam que o *escuro do swing* proporciona uma sensação de liberdade e desinibição, facilitando a entrega às práticas sexuais, provavelmente devido ao anonimato e à redução do julgamento visual. Esse contraste evidencia como, para alguns, a escuridão atua como um elemento importante durante as práticas sexuais.

Ao explicar a importância da luz na produção de sentidos em projetos de iluminação, Malcolm Innes (2014) salienta a predominância do sentido da visão na nossa compreensão e descrição do mundo, apontando que este pode até mesmo ofuscar contribuições significativas de outros sentidos. Segundo Juhani Pallasmaa (2012), a arquitetura contemporânea tem uma predileção evidente pela visão em detrimento dos outros sentidos. Embora a visão seja considerada o sentido mais importante devido a fundamentos fisiológicos, perceptivos e psicológicos, o problema surge quando os olhos são isolados da interação com os outros sentidos. Essa fragmentação do sistema sensorial enfraquece a riqueza da percepção humana, o que reduz a experiência do mundo apenas ao visual. Pallasmaa (2012) apresenta diferentes tipos de arquitetura com base nos sentidos que elas enfatizam, ressaltando que, além da arquitetura visual, há a arquitetura tátil, muscular e aquela que envolve audição, olfato e paladar.

Em ambientes com ausência de iluminação a visão cede lugar a outros sentidos na mediação da percepção espacial. Para Helder Thiago Cordeiro Maia (2018), a escuridão promove uma conexão tátil entre os corpos, reduzindo a dependência da visão

na seleção de interações e a dinâmica das relações. Essa limitação visual atenua certas normas sociais de gênero e sexualidade e facilita o surgimento de desejos anônimos, permitindo interações com menores expectativas visuais pré-estabelecidas. Para Maia (2018), enquanto a penumbra permite um reconhecimento parcial dos corpos, a completa escuridão exige uma interpretação imaginativa ou que o tato conduza a descoberta das formas físicas, marcando o início das práticas sexuais.

Nesse contexto, o darkroom se destaca como um espaço cuja ausência de iluminação constitui uma característica fundamental, projetado especificamente para evitar a infiltração de luz de áreas adjacentes. Este ambiente é intencionalmente estruturado para ampliar a privacidade e o anonimato dos frequentadores. Para Maia (2018), a escuridão permite certa diluição das identidades individuais, criando um cenário onde as práticas sexuais ocorrem com menor inibição sem a sensação de exposição ou o julgamento de observadores externos. Essa não observação dos corpos pode ser um dos fatores que fazem que esse seja um dos ambientes favoritos da casa de swing, segundo Michael (Podsexy, 2022).

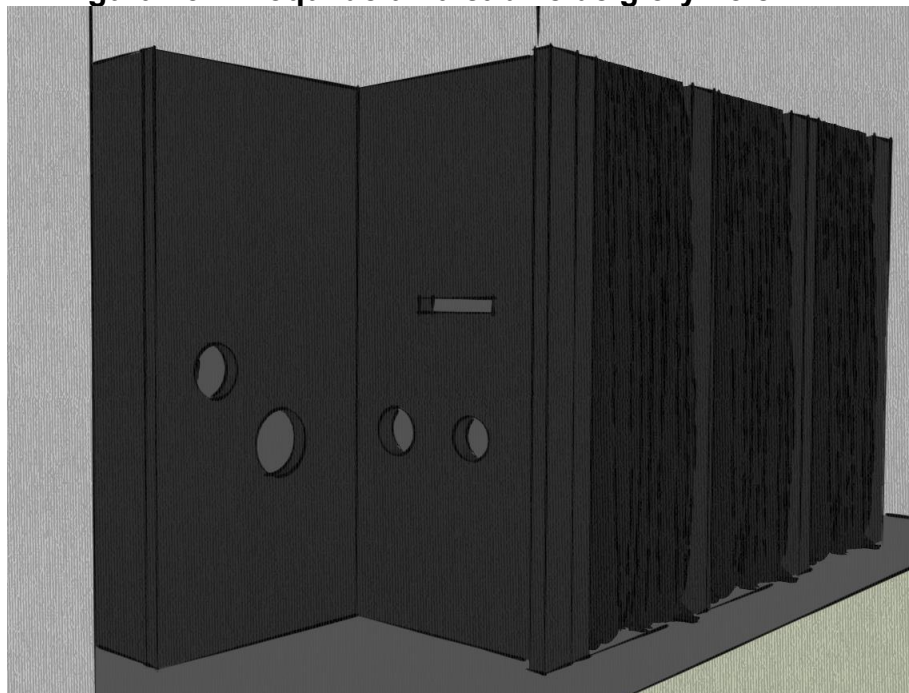
Nesse ambiente, é a partir dos toques e gemidos que os outros sentidos são evocados, desempenhando um papel na comunicação e na negociação do consentimento (Maia, 2018). Em ambientes completamente escuros a frequência do contato físico é maior, em contraste com ambientes iluminados em que é substancialmente menor. Assim, a retirada da mão se torna o principal mecanismo para estabelecer limites pessoais e respeitar o espaço do outro, visando que as interações se mantenham dentro dos parâmetros de consentimento mútuo (Podsexy, 2022). Dessa forma, como afirma Maia (2018), a ampla disponibilidade de interação íntima requer uma manifestação declarada caso haja algum desconforto, de modo que o respeito impere.

Os darkrooms desestabilizam a organização hierárquica do espaço que privilegia a visão, criando um ambiente marcado por uma hiperpresença tátil, onde o olhar como principal forma de controle e conhecimento é atenuado. Além disso, a escuridão proporciona um embaralhamento dos sentidos. Esse rearranjo favorece um diálogo mais imersivo nas intensidades, afetos e prazeres dos envolvidos, tensionando certas normativas acerca da heterossexualidade e dinâmicas de gênero. Maia (2018) salienta, que a audição também se destaca como um sentido crucial, não apenas ampliando a

percepção sonora, mas também ajudando a mediar os encontros e a navegação pelo espaço.

De maneira correlata, os ambientes com cabines de glory hole se destacam pela hiperpresença tátil. Essas cabines, dispostas lado a lado, podem ser individuais ou para casais e possuem aberturas de diferentes tamanhos nas paredes. Através dessas aberturas, os usuários podem inserir mãos, braços, bocas, genitálias etc., para interagir com a pessoa na cabine ao lado. A Figura 13 apresenta um croqui de uma dessas cabines, mostrando as aberturas feitas nas paredes pretas e o acesso ao espaço, que é feito por meio de cortinas pesadas. As dimensões das cabines variam conforme o ambiente em que estão inseridas. No entanto, a luz é projetada de modo que dificulte a visualização clara da cabine ao lado, mesmo para aqueles que tentam espiar pelas aberturas.

Figura 13 - Croqui de uma cabine de glory hole

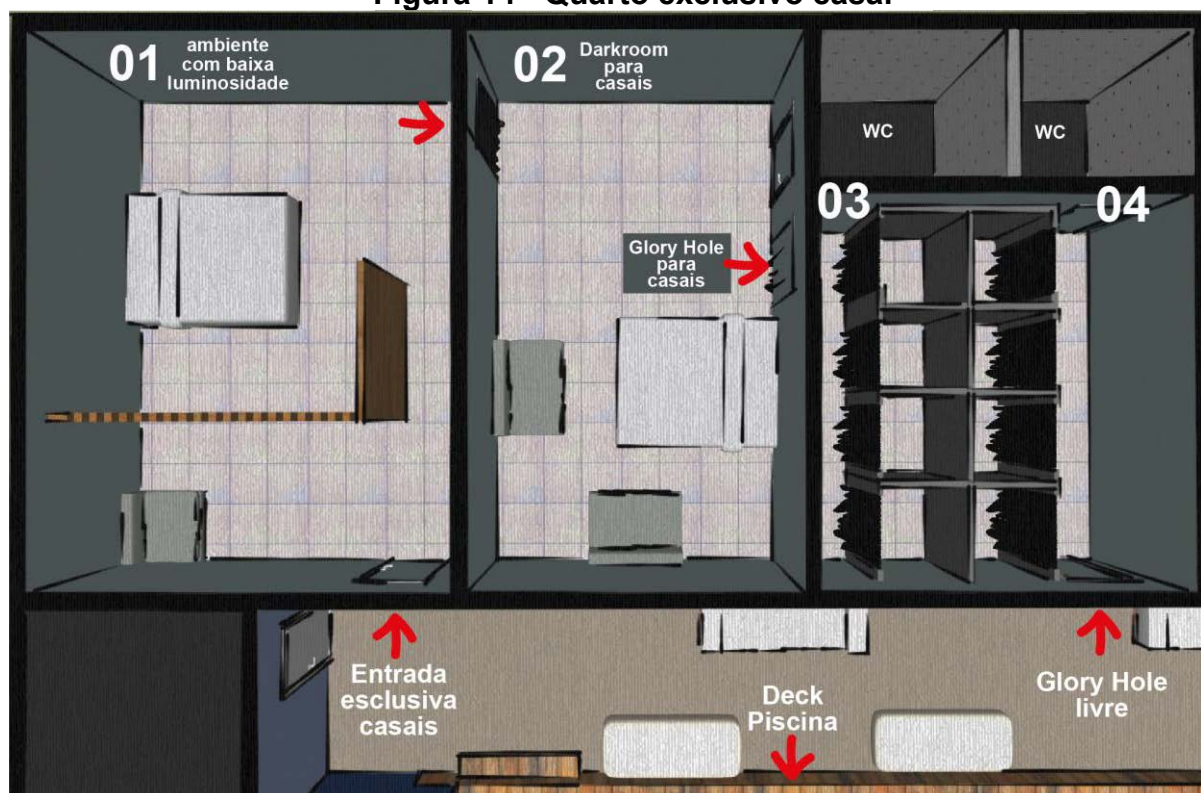


FONTE: Autoria própria (2023)

Para Juhani Pallasmaa (2012), o tato é o sentido primário que nos conecta ao mundo. Para o autor, todos os sentidos, incluindo a visão, são extensões do tato, e nossa vivência do espaço é moldada pela percepção tátil e pela visão periférica, que nos

envolve no ambiente, em vez de nos colocar em confronto direto com ele. De forma correlata, a experiência tátil nas cabines de glory hole pode ser relacionada à importância da experiência tátil em espaços arquitetônicos, conforme argumentado por Pallasmaa (2012). Nas cabines, o ambiente escuro e as aberturas criam uma experiência em que a visão se torna secundária, e o tato se torna a principal forma de interação. Sendo assim, as cabines promovem a sensorialidade tátil. Em vez de privilegiar a visão, produzem uma relação mais íntima entre o corpo e o ambiente, enfatizando o anonimato no contato físico nos processos de produção de sexualidades e desejos.

Figura 14 - Quarto exclusivo casal



FONTE: Autoria própria (2023)

O quarto principal da casa de swing, exclusivo para casais, é composto por quatro ambientes distintos. Foi projetado de forma a funcionar como um strip-tease arquitetônico. A Figura 14 é um croqui dos quartos localizados ao fundo da casa de swing, após a área da piscina. Ela mostra a disposição dos ambientes exclusivos e mistos acessados pelos casais e demais frequentadores. O ambiente 01 é a entrada principal, acessível apenas para casais. Esse espaço é levemente iluminado e serve

como transição para as outras áreas internas, funcionando como uma espécie de ante-sala. O ambiente 02, trata-se de um darkroom exclusivo para casais, que só pode ser acessado ao passar pelo ambiente 01. Nele, a escuridão completa favorece a realização de práticas sexuais em grupo com total privacidade e anonimato, mantendo o foco nas sensações táteis.

Ademais, o ambiente 03 é o glory hole exclusivo para casais, acessível apenas após atravessar os ambientes 01 e 02. É uma área privada onde casais podem interagir entre si e com outros do ambiente adjacente, utilizando as aberturas nas paredes. Por fim, o ambiente 04, diferente dos anteriores, é um glory hole aberto a todos os frequentadores da casa, com uma entrada direta pelo corredor. Ao contrário das áreas exclusivas para casais, este espaço permite a interação com qualquer pessoa que esteja interessada, promovendo uma dinâmica mais aberta e acessível.

De modo geral, os aposentos destinados exclusivamente aos casais são significativamente mais amplos em comparação com outras áreas da casa de swing. Essa disposição espacial reflete a necessidade de acomodar um maior número de frequentadores que buscam se relacionar exclusivamente com outros casais. Equipados com camas espaçosas, sofás e poltronas adicionais, esses quartos são projetados para receber casais com conforto, permitindo a realização de práticas sexuais em grupo ou individuais.

A configuração dos quartos representados no croqui evidencia a criação de uma ambientação com diferentes níveis de privacidade, onde a experiência tátil se destaca como elemento central das interações. Como discutido anteriormente, Pallasmaa (2012) ressalta que o tato é o sentido primordial que conecta o corpo ao espaço, e aqui, essa ideia se manifesta claramente. Nos ambientes do darkroom e do glory hole, a iluminação é diminuída ou ausente, permitindo que as interações ocorram principalmente por meio do toque, eliminando a necessidade de estímulos visuais e favorecendo uma vivência corporal mais intensa e envolvente. Esse jogo entre luz e escuridão propicia a desinibição e uma maior liberdade de exploração do desejo.

As festas orgiásticas, investigadas por Barreto (2017), também encontram correspondência nesse espaço, uma vez que as interações não estão restritas a uma identidade sexual fixa. A heterossexualidade presumida em práticas sexuais no contexto

do swing, passa a ser desestabilizada quando a visão deixa de ser o elo condutor das relações para o contato físico corporal. A difícil verificação do gênero, ou orientação sexual do corpo com quem se está relacionando, permite que outras possibilidades de prazer sejam evocadas. Essa dinâmica, em que a privacidade e o anonimato se mesclam com a abertura ao toque e à experimentação, cria um contexto favorável para o que Preciado (2022) denominou como contrassexualidade: uma desconstrução das normas sexuais e de gênero tradicionais, possibilitando a criação de novas formas de prazer e relacionamentos.

Como já citado anteriormente, a heterossexualidade é frequentemente presumida como norma no contexto do swing. Entretanto, essa normatividade é tensionada dentro de ambientes escuros, onde a visibilidade é minimizada e os corpos se conectam principalmente pelo tato, desafiando os limites impostos pela identidade sexual pública. Esse contexto permite que desejos sejam explorados de outras formas, sem a necessidade de coerência com a identidade sexual declarada. As orgias nesses espaços funcionam como práticas contrassexuais.

Essa contradição entre identidade e prática é evidenciada na forma como o swing desafia a norma heterossexual. Mesmo que os discursos públicos tentem manter as identidades fixas e em oposição (hetero/homo), as experiências dentro desses ambientes mostram que a sexualidade é muito mais fluida e contextual. A escuridão e a falta de visibilidade permitem que os participantes se libertem das amarras da vigilância e do policiamento de suas identidades, criando um espaço potencialmente contrassexual. O anonimato ganha contornos de segurança, uma vez que não ser identificado permite uma maior flexibilidade das práticas sexuais. Os ambientes escuros permitem a criação de novas formas de prazer e subjetividade, onde o corpo e o desejo não precisam seguir as regras da normatividade heterocentrada.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao atravessar pela primeira vez as portas duplas que me conduziram à pista de dança na casa de swing, não imaginava como aquele espaço, com sua complexa trama de luzes e sombras, revelaria tanto sobre nossas construções de gênero e sexualidade. O som alto que preencheu meus ouvidos naquela primeira noite me permitiu compreender como a arquitetura e a iluminação podem atuar como tecnologias na produção de desejos e práticas sexuais. Nesse sentido, as casas de swing se tornam um ponto de partida interessante para refletir sobre questões mais amplas, como relacionamentos, sexualidade e construções de gênero.

Na pista de dança, onde corpos se exibiam sob feixes de luz colorida, pude observar como a iluminação criava hierarquias de visibilidade que privilegiavam certas performances de gênero. As mulheres que subiam ao palco central - majoritariamente brancas, magras e usando salto alto - tinham seus corpos destacados pela luz, reforçando padrões estéticos hegemônicos. A cada apresentação de strip-tease, cada performance no pole dance, ficava mais evidente como aquele espaço operava enquanto vitrine de corpos idealizados, reproduzindo e, simultaneamente, tensionando normativas de gênero. As casas são projetadas para a experimentação sexual o que permite, de certo modo, uma certa suspensão de normas sociais relacionadas as práticas sexuais.

Conforme me aventurava pelos corredores do labirinto, percebi que a progressiva diminuição da luz marcava não apenas uma transição espacial, mas também uma transformação nas possibilidades de expressão do desejo. Nos quartos escuros, onde a visão cedia lugar ao tato, as fronteiras entre identidades sexuais pareciam se dissolver. Ali, longe dos holofotes da pista de dança, encontrei uma diversidade maior de corpos e práticas que escapavam às categorias normativas de gênero e sexualidade.

O contraste entre os ambientes iluminados e escuros revelou-se especialmente significativo. Enquanto no Aquário, sob luz clara, os corpos performavam uma sexualidade mais próxima aos roteiros pornográficos convencionais, no darkroom a ausência de luz permitia encontros que desafiavam as próprias narrativas de identidade sexual dos frequentadores. Os gemidos e sussurros que preenchiam esses espaços

escuros pareciam sussurrar outras possibilidades de prazer, menos presas às categorias visuais de reconhecimento.

Em um contexto em que a monogamia é muitas vezes vista como a norma, as casas de swing oferecem um espaço onde diferentes arranjos relacionais podem ser experimentados, permitindo que os casais explorem o desejo por outras pessoas de maneira consensual e acordada. Esse tipo de prática questiona a rigidez da monogamia e convida a pensar sobre novas formas de relacionamento, baseadas em diálogo, confiança e autonomia sexual. Essa pesquisa me mostrou que uma casa de swing é muito mais que um espaço de entretenimento erótico, sobretudo, é um espaço onde tecnologias luminotécnicas produzem corpos, desejos e práticas sexuais.

Ao final desta pesquisa, compreendo que a iluminação em uma casa de swing atua como uma coreografia do desejo, conduzindo corpos através de diferentes regimes de visibilidade que ora reforçam, ora desestabilizam nossas construções sobre gênero e sexualidade. Como em um strip-tease arquitetônico, cada ambiente revela e esconde possibilidades de prazer, criando um espaço onde o desejo se constrói tanto pelo que se vê quanto pelo que permanece nas sombras.

Este trabalho, longe de esgotar as possibilidades de análise, abre caminhos para futuras investigações sobre como elementos arquitetônicos e de design participam ativamente na produção de experiências sexuais e corporais. As casas de swing emergem assim como espaços privilegiados para compreendermos as complexas relações entre tecnologia, corpo e desejo na contemporaneidade.

Através de uma revisão bibliográfica foi possível perceber que, embora o swing seja amplamente descrito como uma prática para casais heterossexuais, os ambientes das casas de swing abrem possibilidades para interações que fogem desse eixo normativo. A pesquisa evidenciou que, embora o swing seja frequentemente associado a uma prática heterossexual, os diferentes níveis de iluminação e privacidade permitem experiências que tensionam essa normatividade. Nos espaços mais iluminados, as performances tendem a reforçar padrões heteronormativos, enquanto nos ambientes escuros emergem possibilidades de práticas que desafiam categorizações fixas de identidade sexual.

Conclui-se, portanto, que a iluminação nas casas de swing, ao criar diferentes atmosferas e níveis de visibilidade, é uma tecnologia que produz gênero e sexualidade. Ela tanto reforça como tensiona normas, promovendo uma experiência sexual que pode ser ao mesmo tempo normativa e dissidente, conforme o contexto e o ambiente explorado pelos participantes. Desse modo, a pergunta inicial foi respondida afirmativamente: a iluminação de uma casa de swing tem uma relação direta e significativa com a produção das sexualidades dos seus frequentadores.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Laura Filomena Santos de et al. Diário de pesquisa e suas potencialidades na pesquisa qualitativa em saúde. **Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde**, Vitória, v. 3, n. 15, p. 53-61, jul. 2013.

BARRETO, Victor Hugo de Souza. "Putaria" enquanto conceito: desejo e sexualidade na prática orgiástica. **Bagoas**, Natal, n. 17, p. 251-281, 2017. Semestral.

BELLE. **Swing**: a vida real de uma praticante da troca de casais. São Paulo: Matrix, 2007.

BUTLER, Judith. Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. **Edições Chão da Feira**: caderno de leituras, v. 78, p. 1-16, jun. 2018. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. [1988]

COLOMINA, Beatriz. **Arquitetura, sexualidade e mídia**. São Paulo: Editora Escola da Cidade/Editora WMF Martins Fontes Ltda, 2023, 149 p. Tradução de: Mariana Rosa van Bodegraven.

DINIZ, Mayara Zaqueo. A prática de swing entre casais heterossexuais: uma revisão de literatura. In: RODRIGUES JR, O.M.; ZEGLIO, C.; VACCARI, V.L.; LEVATT, G. **Estudos em sexualidade**. 2. ed. São Paulo: Instituto Paulista de Sexualidade, 2020. p. 318-336.

FACCHINI, Regina; FRANÇA, Isadora Lins; BRAZ, Camilo. Estudos sobre sexualidade, sociabilidade e mercado: olhares antropológicos contemporâneos. **Cadernos Pagu**, [S.L.], n. 42, p. 99-140, jun. 2014. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0104-8333201400420099>.

FONTOURA JR, Antonio. **Pornotopias conjugais**: subjetividade e sexualidade no surgimento do swing no brasil. 2015. 282 p. Dissertação (Mestrado em História) - Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

FRY, Peter. Estética e política: relações entre raça, publicidade e produção da beleza no brasil. In: GOLDENBERG, Mirian (org.). **Nu & vestido**: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record, 2011. p. 295-318.

GONÇALVES, Annelise Campos. Gênero, raça e sexualidade em performances de pole dance. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA. 32., 2020, Rio de Janeiro. **Anais [...]** Rio de Janeiro: 32ª Reunião Brasileira de Antropologia: UFRJ, 2020. p. 1-20.

GREGORI, Maria Filomena. **Prazeres perigosos**: erotismo, gênero e limites da sexualidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

HOOKS, Bell. **Olhares negros**: raça e representação. São Paulo: Elefante, 2. ed., 2019. Tradução de Ana Luiza Dantas Borges. [1992]

INNES, Malcolm. **Iluminação no design de interiores**. São Paulo: Gustavo Gili, 2014. 192 p. Tradução de Alexandre Salvaterra.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia de gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. Cap. 5. p. 124-161.

LIBERTY CLUB. Disponível em: <http://libertyclub.com.br/zbm/casa.html>. Acesso em: 23 de outubro de 2024.

MAIA, Ana Marques. **Uma viagem ao interior secreto de um clube de swing**. 2020. Portal público. Publicado em: 4 de fevereiro de 2020, 21:08. Disponível em: <https://www.publico.pt/2020/02/04/p3/fotogaleria/uma-viagem-ao-interior-secreto-clube-swing-399932>. Acesso em: 23 de outubro de 2024.

MAIA, Helder Thiago Cordeiro. **CINE(MÃO): espaços e subjetividades darkroom**. 2018. 293 p. Tese (Doutorado em Letras), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

MISKOLCI, Richard. Reflexões sobre normalidade e desvio social. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, n. 13, p. 109-126, 2003.

NASCIMENTO, Angelina Bulcão. **Comida: prazeres, gozos e transgressões**. Salvador: Edufba, 2. ed., 2007.

NASCIMENTO, Tarcília Edna Fernandes do. Considerações sobre swing e poliamor à luz do conceito de “círculo encantado” de Gayle Rubin. **Teoria e Cultura: Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Juiz de Fora**, v. 16, n. 3, p. 38-48, 22 dez. 2021.

NÚÑEZ, Geni **Descolonizando afetos: experimentações sobre outras formas de amar**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

OLIVEIRA, Andréa Marília Alves de; POCAHY, Fernando Altair. Eu, tu, ele(s), ela(s): cartografando heteroconjugualidades na prática do swing **Fractal: Revista de Psicologia**, [S.L.], v. 27, n. 3, p. 228-237, dez. 2015. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1984-0292/1482>

OLIVEIRA, Rita de Cássia Magalhães de. (ENTRE)LINHAS DE UMA PESQUISA: o diário de campo como dispositivo de (in)formação na/da abordagem (auto)biográfica. **Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos**, [s. l.], v. 2, n. 4, p. 69-87, 2014. Anual.

OSCAR, Raquel Cardoso. **Troca de cuidados: estudo sobre as negociações dos casais adeptos do swing acerca da prevenção de dsts/aids**. 2015. 103 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Saúde Coletiva, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

PALLASMAA, Juhani. **Os olhos da pele**: a arquitetura e os sentidos. Porto Alegre: Bookman, 2012. Tradução de Alexandre Salvaterra.

PASTANA, Marcela. **Entre copos e corpos**: análise sobre as relações entre bebidas alcoólicas, sexualidade e prazer. 2018. 469 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação Escolar, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/157262>. Acesso em: 23 de outubro de 2024.

PEREIRA, Rafael Diogo. Organizações erógenas e sexualidade: as casas de swing como locus de pesquisa nos estudos organizacionais. In: IV congresso brasileiro de estudos organizacionais, 2016, Porto Alegre. **Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais**. Porto Alegre: Universidade Federal de Minas Gerais, 2016. p. 1-20.

PISCITELLI, Adriana. Reflexões em torno do gênero e feminismo. In: COSTA, Claudia de Lima; SCHMIDT, Simone Pereira (orgs.). **Poéticas e políticas feministas**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2004, p. 43-66.

PODSEXY. Luiz Michael e Fernando Garcia (Liberty Club) - podsexy #04. Youtube, 26 de maio de 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/live/5TwytatTjsc?si=jxEwXTzrUymn_P4L. Acesso em: 23 de outubro de 2024.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto Contrassexual**: práticas subversivas de identidade sexual. Rio de Janeiro: Zahar, 2022. [2004].

PRECIADO, Paul B. **Pornotopia**: a invenção da sexualidade multimídia. São Paulo: N-1 Edições, 2020. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro.

PRECIADO, Paul B. **Testo Junkie**: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo: N-1 Edições, 2018. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro.

SEFFNER, Fernando. **Derivas da Masculinidade**: representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

SILVA, Julia do Carmo da. **O valente pole dance**: gênero, corpo e resistência na comunidade pole dancer. 2023. 171 f. Tese (Doutorado em comunicação social), Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2023.

SILVEIRA, Luciana Martha. **Introdução à teoria da cor**. 2. ed. Curitiba: Ed. Ufpr, 2015.

SILVEIRA, Raphael Moraes. Nem tudo é possível, e muita coisa é obrigatória: um estudo da prática do swing em Goiânia. 2014. 118 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

SILVÉRIO, Maria Silva e. **EU, TU... Ilus: poliamor e não-monogamias consensuais**. 2018. 293 p. Tese (Doutorado em Antropologia), Escola de Ciências Sociais e Humanas, Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2018.

SILVÉRIO, Maria. Gênero, sexualidade e swing: a resignificação de valores através da troca de casais. **Revista Latinoamericana**, Lisboa, v. 18, n. 1, p.111-139, dez. 2014a. Quadrimestral.

SILVÉRIO, Maria. Swing em Portugal: uma interpretação antropológica da troca de casais. **Etnográfica**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, p. 551-574, nov. 2014b. Mensal. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=372339182005>. Acesso em: 23 de outubro de 2024.

VASALLO, Brigitte. **O desafio poliamoroso: por uma nova política dos afetos**. São Paulo: Editora Elefante, 232 p., 2022. Tradução Mari Bastos.

VASCONCELLOS, Edson Peixoto. **De olhos bem fechados: sexualidade, subjetividades e conjugalidades no swing**. 2015. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

VASCONCELLOS, Edson Peixoto. O SEXO E A CIDADE: notas sobre as sexualidades e a vivência no swing. **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia, v. 25, n. 2, p. 192-204, jul.dez, 2012. Semestral.

VOLUPTAS, Camila. **Ela, dama de espadas: uma história de amor, sexo e violência de uma mulher livre de paradigmas e tabus, fundadora da maior sociedade secreta swinger do brasil**. São Paulo: s.n., 2021.

WEID, Olivia von Der. Masculino e feminino na prática do swing. **Sexualidad, Saludy Sociedad: REVISTA LATINOAMERICANA**, América Latina y El Caribe, España y Portugal, v. 3, n. 3, p.106-129, jan. 2009. Anual.

WEID, Olivia von Der. Swing: o adultério consentido. **Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 18, p.789-810, dez. 2010. Trimestral. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v18n3/v18n3a09>>. Acesso em: 23 de outubro de 2024.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação**. Curitiba: Appris, 2018.

ANEXO A - Folder da Festa *Noite da transparência para casais & singles*

Festa da Noite da transparência para casais & singles³⁶



³⁶ Esse folder de divulgação da festa foi enviado para uma lista de *e-mails* de pessoas cadastradas da *Liberty Club*. As propagandas possuem envios frequentes sobre a programação da semana.

ANEXO B - Folder da Festa *Noite das surpresas para casais & singles*

Festa da Noite das surpresas para casais & singles na³⁷



³⁷ Esse folder de divulgação da festa foi enviado para uma lista de *e-mails* de pessoas cadastradas da *Liberty Club*. As propagandas possuem envios frequentes sobre a programação da semana.

ANEXO C - Folder do *Carnaval 2023*

Cronograma das festas do Carnaval 2023 da



ANEXO D - *Regras básicas*

Regras básicas Casa de Swing³⁸

- 1º- É proibido trazer bebidas para serem ingeridas no interior do clube ou em qualquer dependência do mesmo.
- 2º- É proibido fumar nos ambientes destinados à prática do swing, bem como levar garrafas e copos aos mesmos. Temos uma ampla área para fumantes no exterior do clube.
- 3º- Seja educado, trate os demais como querem que te tratem.
- 4º- É terminantemente proibido, postar fotos no álbum de usuários, relativas à pornografia infantil, artes sacras, cultos satânicos e fotos de terceiros.
- 5º- Procure não ser insistente com o seu parceiro quando o mesmo disser não, respeite-o, evitando assim qualquer situação incômoda.
- 6º- É proibido tirar fotos, filmagens e o uso de aparelhos celulares no interior do Clube, quando em funcionamento, visando desta forma resguardar a privacidade dos participantes.
- 7º- É terminantemente proibido trazer, ou usar substâncias tóxicas proibidas por Lei, no interior do Clube.
- 8º- Nos reservamos o direito de admissão no interior do clube.
- 9º- Solicitamos fazerem silêncio nos ambientes destinados a prática do swing, respeitando assim o direito e a privacidade dos presentes.
- 10º- É proibido aos usuários deste portal fazerem publicidade de outras casas do gênero, sob pena de serem bloqueados.

³⁸ LIBERTY CLUB. Disponível em: <http://libertyclub.com.br/zbm/casa.html>. Acesso em: 23 de outubro de 2024.

ANEXO E - 10 mandamentos do swing

10 Mandamentos do swing³⁹

1º: Usar sempre preservativos;

2º: O casal que irá praticar o swing deverá estar preparado psicologicamente, pois o momento poderá ser o primeiro ou o último;

3º: Não deve haver sentimento de culpa entre o casal, mas somente aproveitar o momento;

4º: Cabe a cada casal, preparar-se antes da iniciação, entender que os mesmos buscam o prazer, a superação no casamento, a realização de fantasias, e nunca um lance de culpa, ou traição.

5º: Ambos devem somar ao prazer de terem um relacionamento agradável com um novo parceiro, ou parceira;

6º: Durante a fase de conhecimento, o interessante é preservar a amizade, sendo que a afinidade é uma consequência natural da aproximação entre as partes; 7º: No primeiro encontro, procure evitar qualquer tipo de constrangimento ou inibição, o ideal é visitarem um Clube de swing, onde a segurança e a tranquilidade são fatores importantes para a iniciação;

8º: A sugestão para o primeiro encontro é sempre em locais discretos, ou em uma Casa de swing, jamais na residência dos envolvidos;

9º: Seja educado com o seu parceiro (a) e trate os demais como gostarias de ser tratado;

10º: Se o casal tiver alguma experiência e for se relacionar com um desconhecido(a) pela primeira vez, o cuidado deve ser redobrado. É importante que sejam estabelecidos todos os limites pelas partes envolvidas, visando assim um perfeito relacionamento.

³⁹ LIBERTY CLUB. Disponível em: <http://libertyclub.com.br/zbm/casa.html>. Acesso em: 23 de outubro de 2024.

ANEXO F - *Manual Swinger*

Manual swinger⁴⁰

Este manual foi feito para todos os casais que frequentam um clube de casais, independentemente de serem adeptos ou não do Swing.

1: Como agir? Existe algum padrão de comportamento?

Seja você mesmo. Você com certeza encontrará outros casais na mesma situação que a sua, portanto, tente uma aproximação e apresente-se sem problemas. Um simples toque do tipo: "olá, somos novos por aqui e esta é nossa primeira vez". Você verá que uma vez conhecendo o primeiro casal as coisas se tornarão bem mais fácil.

2: Seja sempre gentil, pois gentileza nunca é demais. Lembre-se sempre que a liberdade de escolha é um direito de todos, portanto, esteja preparado para recusar ou ser recusado, faz parte do lance. Um simples "não, muito obrigado" será sempre entendido.

3: Seja sempre honesto com seus sentimentos e desejos. Não tenha pressa, o mundo não vai acabar amanhã e esta com certeza não será sua última vez. Um casal que você acabou de conhecer não significa que tem que rolar alguma coisa, de repente, pode ser simplesmente o início de uma simples amizade.

4: Combine sempre com seu parceiro o que pode ou não rolar. Esta decisão é fundamental e somente vocês podem tomar, porém, esta decisão deverá ser tomada antes de vocês entrarem numa boate ou clube. Mais cedo ou mais tarde, pode acontecer com você. Por exemplo, você não está se divertindo, enquanto o cônjuge está: o que fazer? Parar, ir embora com ele, sair sozinho?

5: Não esqueça de conversar longamente com o casal escolhido sobre suas preferências e sobre o que pode ou não acontecer. Este procedimento com certeza evitará futuros constrangimentos.

6: Nunca tenha pressa e nem faça nada sob pressão. Os melhores encontros são sempre precedidos de uma boa conversa, na dúvida, se ficou ou não tudo bem claro, adie o encontro.

7: Não são permitidas, em nenhum clube ou boate, discussões e/ou qualquer tipo de comportamento inadequado.

8: Cada casal tem a sua própria fantasia e o astral de cada pessoa muda constantemente. Além disto, cada noite é diferente da outra em qualquer clube ou boate de Swing do mundo. Nem sempre um local com muitos casais significa que a noite será "inesquecível". Com certeza, uma noite que você achou que tenha sido péssima, outros vários casais adoraram. Portanto, tenha paciência e lembre-se que Swing é um prazer e não uma obrigação.

9: Tenha sempre em mente que swingers são pessoas absolutamente comuns e que têm os mesmos problemas que qualquer outro ser humano.

10: Cuide sempre de seu clube/boate seja ele qual for. O seu cuidado é fundamental para todos.

11: Evite a qualquer custo: Largar copos de vidro em qualquer lugar (a vítima poderá ser você), baixo astral, mau humor, deselegância (uns casais alto-astrais, elegantes e educados será sempre muito bem recebido por todos), atrapalhar o lance dos outros com

⁴⁰ LIBERTY CLUB. Disponível em: <http://libertyclub.com.br/zbm/casa.html>. Acesso em: 23 de outubro de 2024.

conversas longas e sem sentido; elevação da voz; bebedeira em excesso, formar casal e insistência de qualquer gênero. O casal chato sempre sobra e nunca será bem-vindo. Pessoas muito ciumentas, problemáticas, rancorosas, mal-educadas, machistas, baixo-astral e afins devem curtir uma boa televisão EM CASA.

12: Respeito ao próximo, educação, elegância, bom humor, paciência e principalmente gentileza são as prerrogativas básicas para qualquer encontro de casais. Curta sua fantasia, porém, nunca se esqueça que o seu corpo é um presente de Deus, portanto, cuide dele com muito carinho.

Camisinha sempre.

ANEXO G – Folder da Festa *Balada Liberal*

ANEXO H – Folder da Festa *Hot Lovers*

Folder da Festa Hot Lovers⁴²

⁴² Esse folder de divulgação da festa foi enviado para uma lista de *e-mails* de pessoas cadastradas da *Liberty Club*. As propagandas possuem envios frequentes sobre a programação da semana.